



Prédio de Alvenaria da Caridade.



Francisco Antonino Xavier e Oliveira. 1910.



Procissão de Corpus Christi. Passo Fundo. 1934.



Pe Rafael Iop.



Prédio do Hospital de Passo Fundo.

*Luísa Grigoletti Dalla Rosa*

# História saúde & poder em Passo Fundo

*Instituições hospitalares  
entre as décadas de  
1910 e 1920*



Hospital de Caridade de Passo Fundo. Década de 1930.

*méritos*  
editora





**História  
saúde  
& poder  
em Passo Fundo**

*Instituições hospitalares entre  
as décadas de 1910 e 1920*





*Luísa Grigoletti Dalla Rosa*

# **História saúde & poder em Passo Fundo**

*Instituições hospitalares entre  
as décadas de 1910 e 1920*



*Edição  
Fac-similar*

*Passo Fundo  
2007*

*méritos*  
editora

2007 – versão em papel  
2021 – versão fac-similar em e-book

© Livraria e Editora Méritos Ltda.  
Rua do Retiro, 846  
Passo Fundo - RS - CEP 99074-260  
Fone: (54) 3313-7317  
Página na internet: [www.meritos.com.br](http://www.meritos.com.br)  
E-mail: [sac@meritos.com.br](mailto:sac@meritos.com.br)

Charles Pimentel da Silva  
Editor

Jenifer Bastian Hann  
Auxiliar de provas

*Ilustrações: As imagens constantes neste livro foram autorizadas para exposição pública pelos seus detentores legais: Hospital da Cidade (HC); Hospital São Vicente de Paulo (HSVP) e Museu Histórico Regional (MHR), todas instituições da cidade de Passo Fundo.*

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 9.610 de 19/02/1998. Partes deste livro podem ser reproduzidas ou transmitidas, desde que citados o título da obra, o nome da autora, da editora e os demais elementos de referênciação, conforme normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

---

R788g Rosa, Luisa Grogoletti Dalla  
História, saúde e poder: as instituições hospitalares  
em Passo Fundo nas décadas de 1910 e 1920 /  
Luisa Grogoletti Dalla Rosa. – Passo Fundo:  
Méritos, 2007.  
228 p.

1. Sociedade
  2. Hospital – Passo Fundo
  3. História
  4. Saúde
4. Historiografia – Instituições hospitalares I. Título

CDU: 981.65:61

---

Catálogo na fonte: bibliotecária Marisa Miguellis CRB10/1241

ISBN 978-85-89769-41-9

*Impresso no Brasil*

*A instigante tarefa de tornar-me uma pesquisadora, uma curiosa, uma montadora de quebra-cabeças, uma mexeriqueira dos ácaros e fungos que nossos documentos e livros não deixam de abrigar foi motivada por várias pessoas, entidades e instituições. Agradeço a todas elas e em especial aos meus pais, irmãos e Haroldo, Luma, Gabriel e André, que sempre apostaram na concretização do mesmo.*

*O b r i g a d a !*



*Um agradecimento especial ao  
Tio Joca Transportes que apoiou a edição desta obra.*





# Apresentação

*História, saúde & poder em Passo Fundo*, de Luísa Grigoletti Dalla Rosa, fruto de sua dissertação de mestrado realizada junto ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo, constitui sem dúvida um trabalho de destaque. Seja pelo ineditismo da abordagem, seja pela forma com que a autora tece os fios das fontes históricas, o resultado é estimulante.

De posse de atas, relatórios e imprensa do período a autora debruçou-se sobre o tema da saúde e constatou que, em suas próprias palavras, “uma janela foi aberta” para desvelar o panorama histórico das décadas de 1910 e 1920 em torno de Passo Fundo, destacando a constituição das instituições hospitalares que não por acaso colaboraram para a cidade tornar-se atualmente um centro de referência na área, tanto em âmbito estadual, quanto, certamente, no nacional.

A cidade das primeiras décadas do século XX é pintada com as cores de suas enfermidades, da preocupa-

ção com os serviços de higiene pública e com o fornecimento de medicamentos, da morte sem assistência e da chegada da *influenza hespanhola*, com a conseqüente mobilização de amplos setores sociais para debelar a avassaladora epidemia.

No entanto, indo além de suas fontes, Luísa apresentou um *feeling* apurado para perceber que na reconstrução da história da criação dos hospitais locais havia muito mais detalhes. A partir daí, aparece a historiadora cuidadosa no exercício da interpretação e, através de uma narrativa agradável, vai revelando os acertos e desacertos que uma causa nobre pode envolver: os conflitos inter-elitários desencadeados nos espaços da saúde .

Identificar as elites locais e mapear suas particularidades no campo das idéias configura relevante contribuição desse trabalho e avança, inclusive, para além dele, dado que os conflitos que se estabelecem no caso da saúde, em particular, reproduzem-se em outras tantas esferas ao longo do século XX.

É essa sociedade, travestida por um lado dos ares da modernização e por isso defensora do crescimento do espaço urbano, das medidas preventivas e saneadoras, e, por outro, ainda arraigada à manutenção dos valores tradicionais, que “constrói palacetes em frente a ruas nas quais o esgoto corre a céu aberto”, como nos conta a autora, que se enfrentará na imposição de trilhas distintas de ação ideológica.

Com propriedade, a autora caracteriza os grupos envolvidos no processo de organização das instituições hospitalares, a igreja católica e a maçonaria, e elege sua problemática principal: a saúde como um espaço de poder e como um campo de disputa de idéias. Indo direto ao ponto, a autora aborda o confronto entre clericalismo



e laicismo, os pilares nos quais se assentava a estratégia de consolidação das instituições mencionadas.

Discorrendo de maneira original a respeito dos pressupostos norteadores da ação desses grupos, Luísa nos brinda com passagens preciosas como a discussão que se mantém sobre a diferença entre, por exemplo, filantropia e caridade. Em defesa do Hospital de Caridade, o grupo ligado à maçonaria externava que “a caridade de luvas de pelica é suave e conforta o coração, confrange o espírito, mata as ilusões e enjoa o estômago”, numa crítica à maneira que o catolicismo conduzia a questão. Por seu turno, os católicos do Hospital São Vicente de Paulo reivindicavam que a caridade verdadeira constituía “patrimônio exclusivo do cristianismo, máximo da religião católica.”

Importa ressaltar que no percurso da investigação de um tema adstrito ao universo regional, a autora conduz com competência a articulação entre os diversos níveis que a análise pressupõe, inserindo em contextos mais amplos, quer nacionais ou mesmo internacionais, a problemática em foco.

Por fim, e talvez mais importante, é preciso salientar que na complexa área da história das idéias, cujo volume de produção historiográfica avança de forma dispersa e ainda incipiente no Brasil, o trabalho que apresentamos destaca-se como um vôo corajoso, visto não ser empreitada fácil estabelecer as relações entre a história e as idéias. Como palavras finais, o leitor pode apostar que está diante do registro de uma tarefa bem sucedida.

*Prof. dra. Ana Luíza Setti Reckziegel*  
Dezembro, 2007



# Sumário

APRESENTAÇÃO .....	11
INTRODUÇÃO .....	17
<b>I. SAÚDE E DOENÇA</b> .....	<b>25</b>
1.1. <i>Breve histórico das concepções médicas e dos espaços hospitalares</i> .....	25
1.2. <i>As enfermidades em Passo Fundo</i> .....	32
1.3. <i>As práticas médicas em Passo Fundo</i> .....	48
1.4. <i>A criação das instituições hospitalares em Passo Fundo</i> .....	67
<b>II. PASSO FUNDO: MODUS VIVENDIS NA VIRADA DO SÉCULO XX</b> .....	<b>97</b>
2.1. <i>O desenvolvimento da cidade, o crescimento da vila</i> .....	99
2.2. <i>A dinâmica do espaço urbano – os focos das mazelas</i> .....	115

2.3. <i>Medidas preventivas e saneadoras – a modernização</i> .....	137
<b>III. IDEOLOGIAS ORIENTANDO PROJETOS</b>	
HOSPITALARES .....	155
3.1. <i>Laicismo versus clericalismo</i> .....	155
3.2. <i>Maçonaria e Igreja Católica no processo de constituição das instituições hospitalares</i> .....	164
3.3. <i>Polêmica entre as instituições hospitalares</i> .....	178
3.4. <i>A elite mantenedora dos projetos nas instituições hospitalares</i> .....	195
REFERÊNCIAS .....	223
<i>Locais de pesquisa</i> .....	227
<i>Fontes</i> .....	228

# Introdução

O surgimento das instituições hospitalares em Passo Fundo deu-se na década de 1910, com o Hospital de Caridade (fundado em 1914, tendo seu nome alterado para Hospital da Cidade em 1960) e o Hospital São Vicente de Paulo (fundado em 1918), ambos utilizados com fins ideológicos distintos: a laicização e a clericalização.<sup>1</sup>

Tais ideologias foram defendidas, de um lado, pela maçonaria, situando-se a favor da laicização e, de outro, pela Igreja Católica, empenhando-se na expansão dos princípios e práticas católicas, a favor da clericalização. A Sociedade Pró-Hospital de Caridade nasceu congregando em torno de si a elite local, composta por grupos diversos, entre eles os maçons, os católicos, os protestantes, enfim, um grupo heterogêneo ideologicamente, mas

---

<sup>1</sup> Conforme GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, v. 2, p. 78. Em 30 de outubro de 1960, foi apresentada pelo presidente do Hospital de Caridade, Píndaro Annes, a reforma dos estatutos, na qual o seu nome foi modificado para Hospital da Cidade.

coeso em seus objetivos e projetos de desenvolvimento para a cidade.

O episódio de Corpus Christi, em 1918, tratado como “polêmica”, demarca o momento de fracionamento desse grupo e o surgimento de uma nova sociedade hospitalar, denominada “São Vicente de Paulo”, mantida pelo grupo dos católicos. Tal divisão da elite mantenedora na instauração de um espaço às práticas de saúde é significativa, pois fez-se necessário um grande envolvimento desse grupo para que se concretizassem os objetivos visados.

Esta obra foi pensada não apenas por trazer as questões já mencionadas sobre laicidade e clericalização num espaço hospitalar, mas também para mostrar uma outra perspectiva de entendimento acerca de questões específicas da área da saúde, neste recorte histórico das décadas de 1910 e 1920.

Compreender as doenças, as práticas e concepções médicas, a necessidade da existência de um hospital na cidade, o processo de urbanização, o saneamento, as idéias que orientaram os projetos para a sociedade, a disputa pelo espaço do hospital e os grupos mantenedores constituíram o objetivo traçado para a construção deste trabalho.

No primeiro capítulo, delimitando a questão da saúde e da doença, há um histórico das concepções médicas, com base em Foucault, resgatando a origem do hospital como espaço de poder constituído a partir do conhecimento científico médico, um espaço que passou a simbolizar a prática da terapêutica médica, em oposição à concepção anterior, característica do hospital medieval cristão, para

onde os pobres eram remetidos para morrerem e serem acolhidos pela fé cristã.<sup>2</sup>

No processo de disputa por atuação e controle das instituições hospitalares em Passo Fundo, os médicos não participaram enfaticamente ao lado dos grupos dirigentes das instituições, mantendo uma relação harmônica, pois, geralmente, o mesmo médico atendia, operava e clinicava nos dois hospitais. O que contrastou após o surgimento dos hospitais foram as intervenções cirúrgicas, práticas estas que aumentaram significativamente no ambiente hospitalar. Tal paralelo entre o *antes* e o *depois* dos hospitais apenas pôde realizar-se através da descrição dos relatórios da Intendência e de alguns relatos contidos no jornal *O Nacional*.

Com isso, também conhecemos as enfermidades que grassaram no município nas décadas de 1910 e 1920, salientando-se as que tiveram um caráter epidêmico, que exigiram medidas constantes do poder público, como a tuberculose e a gripe espanhola, e também outras, com menos ênfase, como a varicela, a coqueluche e a febre tifóide.

Entretanto, o surgimento do primeiro hospital em Passo Fundo, enquanto instituição *aberta* ao público, aconteceu em 1918, momento em que foram montadas enfermarias para atender aos doentes acometidos da gripe espanhola. Tal iniciativa partiu das duas sociedades hospitalares, que alugaram casas, recebendo cerca de 76 doentes cada uma. O prédio do Hospital de Caridade foi inaugurado em 1920 e o do Hospital São Vicente de Paulo teve iniciada sua construção em 1921.

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984. E também FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.

No segundo capítulo do trabalho, aborda-se o espaço urbano e o *modus vivendis* na virada do século XX em Passo Fundo, delimitando o projeto de desenvolvimento e modernização, marcado principalmente por uma importação de idéias da Europa, que se colocava, na época, como centro referenciador da elite dirigente brasileira.

Para entender o desenvolvimento da cidade, foi necessário pesquisar os autores diletantes locais que trabalharam no período indicado, nesse caso, Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Delma Gehm, que em algumas situações transcrevem documentos e respondem, mesmo que de forma indireta, a algumas das proposições deste estudo.<sup>3</sup>

Ao tratar a dinâmica do espaço urbano, percebemos algumas situações paradoxais: de um lado, a idéia de civilização, havendo o planejamento, a busca do progresso e da modernização de acordo com os preceitos importados, principalmente os europeus; de outro, as velhas e tradicionais formas de organização, de acomodação e de defesa dos interesses individuais e privados.

Em relação às fontes primárias existentes para o período analisado, utilizamos os relatórios da Intendência, de 1909 até 1920, com atenção especial à Seção de Saúde e Assistência Pública. Essa documentação oficial apresentou alguns aspectos questionáveis, como a tentativa constante de mostrar dados dentro de uma normalidade e otimismo, como, por exemplo, o texto de uma mensagem:

Excelente tem sido o estado sanitário da cidade e município, a não ser de vez em quando, casos de difteria que

---

<sup>3</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Anaes do Município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990. 3 v.; GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, 3 v. Faz-se uma ressalva na utilização desses autores, pois não há indicação das fontes primárias nem de outros autores em que se buscou auxílio.



aparecem isoladamente, outra moléstia de caráter epidêmico não se tem manifestado neste lugar.<sup>4</sup>

[...]

A assistência pública tem sido convenientemente atendida tendo socorrido todos os indigentes que buscaram amparo, nesta administração, fornecendo-lhes dinheiro, dietas e medicamentos.<sup>5</sup>

Mesmo tais dados parecendo questionáveis pela sua fidedignidade com a realidade (comuns na pesquisa histórica), seguindo um trecho do livro *A pesquisa em história*, consideramos que

essas evidências, sempre incompletas e imperfeitas, têm determinadas propriedades que o pesquisador deverá levar em conta, fazendo-lhes perguntas adequadas à experiência analisada e à experiência do analista.<sup>6</sup>

Foi em Vieira et al. que encontramos aspectos para balizar nossas primeiras impressões sobre a temática; para orientar nossa revisão bibliográfica, traçando comparações e delineando um panorama das realidades brasileira e rio-grandense, conforme a periodização e temática propostas. Nesse sentido, as obras de Chalhoub e de Weber também foram significativas a essa parte do trabalho.<sup>7</sup>

---

4 Mensagem apresentada ao Conselho Municipal pelo intendente Gervasio Lucas Annes em reunião de 1º de novembro de 1912, disposto no Arquivo Histórico Regional (AHR) da Universidade de Passo Fundo (UPF).

5 Idem.

6 VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995, p. 27.

7 CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia das Letras, 1996. E também em WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-grandense – 1889-1928*. Santa Maria: Ed. da UFSM; Bauru: Edusc – Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

Para o período proposto, por volta de 1914, não foi encontrado material de imprensa documentado e arquivado na cidade de Passo Fundo. Os jornais que circulavam na época (1910 a 1928) não foram arquivados. O material à disposição no Arquivo Histórico Regional data de 1925 com a publicação do jornal *O Nacional*, que foi consultado até 1928.<sup>8</sup>

A reconstituição do passado nos remete a encruzilhadas intelectuais em que somos obrigados a realizar opções.<sup>9</sup> O jornal, como fonte de pesquisa, motivou e possibilitou o entendimento de indagações que foram surgindo, como, por exemplo:

- Qual era o modo de vida da sociedade local?
- Como pensavam as pessoas que compunham essa sociedade?
- Quais eram os aspectos da prática política?
- Quais eram os problemas que enfrentavam para viver em Passo Fundo?

Enfim, uma janela foi aberta para experienciar uma parte daquele contexto. Vale lembrar que os jornais têm uma preocupação intrínseca com a informação e formação da opinião pública; nesse sentido, são reproduzidos aspectos parciais da sociedade, mas que, ainda assim, podem ser utilizados criteriosamente para entender o passado.

No terceiro capítulo, trabalha-se mais especificamente o campo das idéias, em especial o laicismo e o clericalis-

---

<sup>8</sup> Optou-se por estudar dez anos de convivência entre as duas instituições hospitalares, de 1918 até 1928, tempo que permite bem analisar as divergências entre as mesas. A partir de 1925, temos à disposição o recurso do jornal *O Nacional* para consulta de informações, que nos auxiliou e apresentou uma perspectiva diferenciada no entendimento e levantamento de questões importantes relativas à temática proposta.

<sup>9</sup> FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 95.

mo, verificando como estes orientaram os projetos sociais que desembocaram na instalação das instituições hospitalares de Passo Fundo pela maçonaria e pela Igreja Católica. Para abordar a atuação dessas duas instituições no cenário brasileiro e rio-grandense, pesquisamos as obras de Colussi e de Isaía.<sup>10</sup>

As relações conflituosas entre os dois hospitais são descritas em correspondências trocadas entre Francisco Antonino Xavier e Oliveira, representante do Hospital de Caridade, e Rafael Iop, pároco local, representante da Igreja Católica; nas atas das sociedades hospitalares e no texto que trata do conflito – a “polêmica” de 1918 – entre as duas sociedades.<sup>11</sup>

Dos representantes das instituições conflitantes apresentamos uma biografia, para que melhor se compreenda o porquê do embate centralizado nesses dois atores sociais, haja vista que ambos foram defensores ardorosos dos projetos das instituições que representavam. Francisco Antonino Xavier e Oliveira permaneceu em cena por um período de tempo mais longo, pois o padre Rafael Iop foi transferido a outra cidade e os representantes porta-vozes do catolicismo se fizeram ouvir de forma intercalada; em determinadas situações, vemos Otto Bade, comerciante e industrialista local tomando a frente na defesa de alguns princípios norteadores dessa instituição.

Junto ao texto há um quadro dos dirigentes dos hospitais no período entre 1914 e 1928 (biografias cole-

---

<sup>10</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998; ISAÍA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

<sup>11</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. A fundação dos hospitais de Caridade e São Vicente de Paulo: um estudo dos conflitos entre maçonaria e Igreja Católica em Passo Fundo – RS (1914-1920). *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*. Passo Fundo: Ediupf, anos 14 e 15, v. II e I, 1998/1999.

tivas), onde é possível realizar um mapeamento da atuação dessas pessoas nos diversos espaços da sociedade passo-fundense.<sup>12</sup> O período indicado nesses quadros foi até 1932, visto que a nona diretoria do Hospital de Caridade foi eleita em 1928, tendo o período de sua gestão de 1929-1932. No Hospital São Vicente de Paulo, a terceira diretoria eleita teve sua gestão de 1922-1929, havendo eleição em 1928 para a quarta diretoria, tendo seu período de gestão de 1929 a 1932. Algumas datas desencontradas, porém, foram constatadas nesse quadro em função do período de gestão das diretorias.

Os dirigentes que ocuparam os cargos das diretorias, participaram ativamente também de outros espaços sociais, bem como de associações comerciais, clubes, entidades, associações beneficentes e partidos políticos. Essas informações foram significativas à compreensão da formação da elite mantenedora dos projetos hospitalares. Nesse sentido, houve muitos questionamentos sobre a definição e distinção desse grupo para identificar suas propostas políticas, sociais, culturais e econômicas.

---

<sup>12</sup> HEINZ, Flávio M. Consideração acerca de uma história das elites, In: *Logos: Revista de divulgação científica – especial de História e Política*, v. 11, n. 1, Canoas: ULBRA, maio de 1999.

# I.

## Saúde e doença

### 1.1. Breve histórico das concepções médicas e dos espaços hospitalares

O processo de instalação das instituições hospitalares em Passo Fundo ocorreu na década de 1910 e sua peculiaridade e especificidade expressaram-se numa disputa pelo controle do poder por grupos historicamente antagônicos, a maçonaria e a Igreja Católica, estabelecendo-se um espaço hospitalar laico e outro clericalizado.

O surgimento do Hospital de Caridade e do Hospital São Vicente de Paulo foi demarcado por essa disputa de idéias, configurando-se pela caracterização de dois projetos distintos e, também, em espaços não-formais de política, em que é perceptível uma disputa pelo poder e controle institucional.

Para compreendermos essa temática sobre a disputa no campo das idéias dos nosocômios na cidade de Passo

Fundo, foram surgindo algumas perguntas, para cujas respostas fez-se necessária a abordagem de algumas questões subjacentes, no sentido de demarcar o contexto da época.

Seguindo esse percurso, este capítulo apresenta, de forma sintetizada, a constituição do hospital moderno, as transformações das práticas médicas no ambiente hospitalar, a contextualização das doenças, apresentando-as como uma forma de controle e não como algo aleatório e dissociado da realidade, buscando entender as ações dos médicos frente aos problemas de saúde surgidos na cidade, nas décadas de 1910 e 1920, paralelamente à constituição das instituições hospitalares.

Desde o mundo antigo, as técnicas utilizadas para curar as enfermidades eram consideradas atos religiosos, e a maioria dos médicos era de magos ou sacerdotes. No Ocidente, com a evolução do cristianismo, na passagem do mundo antigo para o feudal, observamos que o tratamento das enfermidades passou para o controle dos religiosos cristãos, que entendiam a assistência aos enfermos como um ato de misericórdia, virtude e salvação de suas almas. Segundo Foucault, era um pessoal caritativo – religioso ou leigo – que estava no hospital para fazer uma obra de caridade que lhe assegurasse a salvação eterna. Assegurava-se, portanto, a salvação da alma do pobre no momento da morte e a salvação do pessoal hospitalar que cuidava dos pobres.<sup>13</sup>

Ainda para o autor, o hospital, ou o que por ele se entendia na época, era uma instituição de assistência aos pobres, um local de separação, no sentido de exclusão do

---

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984, p. 101-102.

convívio com os demais, pois ao retirar o doente do convívio social proporcionava-se um destino às camadas pobres, que não tinham nenhuma outra forma de assistência em outro espaço. Assim, o personagem central nesse hospital não era o doente, que precisava da cura, mas o pobre que estava morrendo, que precisava de atendimento material e espiritual. O hospital, nesse período, era um local de morte e não de cura; um local de assistência, exclusão e, ainda, de transformação espiritual.

Como, no Ocidente, o hospital originou-se na Igreja, nas ordens monásticas, inicialmente, tratando os monges e seus companheiros, essa concepção foi transposta para os leigos.

Os mosteiros possuíam um *infirmatorium* – lugar de tratamento – uma farmácia e, com frequência, uma horta de plantas medicinais. E além de cuidar dos companheiros, os monges abriam as portas do claustro a viajantes e peregrinos, prática cujos primórdios se desconhecem, mas que recuam, talvez, ao início da Idade Média. Esses hospitais monásticos tinham pouco em comum com as modernas instituições de mesmo nome, e muitas vezes não passavam de pequenas casas onde se oferecia alguma espécie de enfermagem.<sup>14</sup>

A partir do século XVIII, a instituição hospitalar mudou seu campo de atuação interna, passando a ser um local de ensinamento e aprendizagem de futuros médicos, cirurgiões e outros profissionais, um local de produção científica sobre as enfermidades. Tinha, então, por finalidade uma terapêutica e a atuação médica diferen-

---

<sup>14</sup> ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994, p. 66-67.

te do que havia sido o hospital ocidental até esse período.<sup>15</sup> A atuação médica deixou, assim, de ser um campo de especulação restrito aos livros, como era feito anteriormente, visto que os religiosos chamavam os médicos ao hospital somente quando havia extrema necessidade, ou seja, não havia atuação da medicina no interior do hospital como na atualidade. Foi através da concepção humanitária que o discurso e a prática médica foram obtendo espaço dentro do hospital. Nas palavras de Laqueur, “os médicos aderiam ao partido da humanidade”.<sup>16</sup>

Essa transição ocorrida no hospital, que passou das práticas assistencialistas, salvacionistas, de origem cristã, à incorporação científica médica, foi muito difícil e, em alguns momentos, retrocedeu no próprio entendimento das finalidades hospitalares.

Seria essa instituição um lugar em que as pessoas deveriam passar dor e sofrimento antes de morrer, para poderem ser salvas e salvar quem delas cuidava? Ou, então, poderia ser o hospital, como sugere Foucault, um local de aprendizagem e conhecimento científico da doença, de onde as pessoas que buscassem auxílio poderiam sair com vida e, ao mesmo tempo, cuja finalidade científica seria conhecer os corpos para aprender a tirá-lhes a dor e o sofrimento?<sup>17</sup>

Essa discussão revelava grupos e facções distintos dentro da instituição hospitalar, os quais por um certo período conviveram pacificamente, um não interferindo na atuação do outro. De um lado, havia os grupos vin-

---

<sup>15</sup> A terapêutica tratada aqui é um ramo da medicina que serve para adequar o tratamento médico, que põe em prática os meios adequados para aliviar ou curar os doentes, um curativo medicinal.

<sup>16</sup> LAQUEUR, Thomas W. *Corpos, detalhes e narrativa humanística*. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 250.

<sup>17</sup> FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994, p. 78-80.



culados às práticas de caridade assistencialistas, religiosas, e, de outro, os grupos de profissionais que atuavam no hospital, apoiados no conhecimento científico, que eram os médicos, cirurgiões, farmacêuticos, enfermeiros entre outros.

O hospital moderno adota medidas disciplinares para tentar organizar seu espaço e abrir o campo de atuação da medicina, tornando-se um hospital médico, a clínica, um local de formação e transmissão do saber: “a clínica se torna, portanto, um momento essencial da coerência científica, mas também da utilidade social e da pureza política da nova organização médica. Ela é sua verdade na liberdade garantida”.<sup>18</sup>

Nesse sentido, o caráter da instituição hospitalar transforma-se interna e externamente. Em virtude do desenvolvimento do saber médico, baseado no conhecimento científico, mudou-se toda a dinâmica do hospital e reorganizou-se o espaço, o que acabou legitimando a instituição externamente como local terapêutico e de obtenção de cura. Assim, toda uma antiga concepção de medicina e saúde foi transformada.

A separação entre o trabalho intelectual e o trabalho manual, que marcou as organizações sociais antigas, deixou também seu estigma na história das profissões na área da saúde. Na medicina, até o início do século XIX, tinha-se de um lado a medicina interna, exercida pelos físicos, que se preocupavam com as doenças internas do organismo, e de outro, a medicina do corpo, objeto de trabalho dos cirurgiões, que por ser uma atividade manual, era desvalorizada em relação ao trabalho dos físicos.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Ibidem, p. 79.

<sup>19</sup> RIZZOTO, Maria Lucia Frizon. *História da enfermagem e sua relação com a saúde pública*. Goiânia: AB, 1999, p. 33.

Ainda,

essa desigualdade se caracterizava também por formas diferentes de aquisição/transmissão do saber. Enquanto os cirurgiões aprendiam as técnicas cirúrgicas nas corporações de ofício, os físicos formavam-se nas universidades, onde era ministrado um saber amplo e filosófico.<sup>20</sup>

Essas transformações aconteceram pela conjunção de alguns fatores que podem ser entendidos em função das descobertas das ciências biológicas, das mudanças na função dos hospitais e no surgimento de uma nova organização da vida material:

No modo de produção capitalista, processa-se uma mudança do objeto de trabalho médico, a prática médica que era exercida distintamente por físicos e cirurgiões, terá sua concepção redefinida, e nesta redefinição será unificada.<sup>21</sup>

O século XIX proporcionou um desenvolvimento significativo no campo do conhecimento e da tecnologia médica em virtude do processo de desenvolvimento da ciência experimental a partir da observação da natureza e de todas as formas de vida.<sup>22</sup> As descobertas no campo cientí-

---

<sup>20</sup> RIZZOTO, Maria Lucia Frizon. *História da enfermagem e sua relação com a saúde pública*. Goiânia: AB, 1999, p. 34.

<sup>21</sup> *Ibidem*.

<sup>22</sup> SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 88. O conceito de doença infecciosa foi revolucionado graças a uma série de descobertas realizadas. São elas: a) progresso na área da química e física, na anatomia comparada, na classificação dos tipos zoológicos e na biologia; b) a descoberta microscópica da doença do bicho-da-seda e as teorias bacteriológicas de Pasteur e Koch; c) em 1880, Laveran descobriu o agente etiológico da malária; d) em 1882, Finlay apontou para a conexão entre o mosquito e a febre amarela; e) nesse mesmo ano, Koch apresentou a descoberta do bacilo da tuberculose; f) em 1885, Pasteur aplicou a vacina anti-rábica; g) em 1888, Roux criou a soroterapia antidiftérica; h) em 1900, Behring estabeleceu a imunização passiva. O agente causador da peste foi

fico são significativas para o entendimento desse novo *pensar e praticar* a medicina institucionalizada:

Fixam-se assim, as bases experimentais e empíricas da teoria bacteriana da doença e surge a chamada “medicina científica”, que, a despeito de sua concepção monocausal, quanto à origem das doenças, posteriormente refutada, provocou profundo impacto nos campos das idéias e da prática médica sanitária.<sup>23</sup>

Tais mudanças no hospital foram as responsáveis pela sua legitimação externa junto à sociedade. Isso, por um lado, criou aspectos contraditórios e tensos, como, por exemplo, os da profissionalização da medicina dentro de uma instituição assistencialista, como era o hospital de até então; por outro lado, essa nova legitimidade acabou se refletindo, de dentro para fora, nos interesses da expansão do atendimento médico-hospitalar, que se configurou, dessa forma, em novo campo de distinção política e social, com a valorização desses profissionais no jogo das relações de poder intrínsecas a qualquer sociedade que se moderniza.

No que tange ao nosso recorte espacial temporal, no município e na região de Passo Fundo, de 1914 a 1928, verificou-se um desenvolvimento e consolidação da estrutura médico-hospitalar, que, *a priori*, foi resultado da expansão populacional e do acúmulo de problemas derivados desse processo.<sup>24</sup>

---

identificado por Yersin e Kitasato em 1894, e o da sífilis, por Schaudinn em 1905.

<sup>23</sup> SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 89.

<sup>24</sup> TEDESCO, João Carlos; KALLIL, Rosa Maria; DAL MORO, Selina Maria. Uma primeira aproximação do processo de urbanização na região de Passo Fundo: “Moço esta ida não vai ter volta!” *Teoria e evidência econômica*.

Os anos de 1910 e 1920 apresentaram os seguintes números evolutivos: em 1910, a população era de 41.766 habitantes, havia 6.961 domicílios numa área de 36.720 km<sup>2</sup>; em 1920, eram 65.528 habitantes, com 10.542 domicílios, numa área de 8.638,80 km<sup>2</sup>. Comparando os dados, vemos que a área do município diminuiu em contrapartida ao aumento populacional.

Alguns dos problemas apresentados em decorrência desse processo de urbanização foram detectados a partir do enfrentamento de enfermidades graves, da falta de recursos para os atendimentos, da reorganização do espaço urbano, da inexistência de políticas de saneamento, enfim, situações essas que exigiam medidas urgentes na área da saúde.

## 1.2. As enfermidades em Passo Fundo

O controle e o tratamento das doenças em Passo Fundo aconteceram de forma específica nas décadas de 1910 e 1920. Mesmo havendo uma alta incidência da tuberculose, somente em 1918, com a gripe espanhola, doença de caráter epidêmico, houve a instauração de enfermarias para atender aos doentes por ela atingidos. Porém, funcionaram em caráter provisório, por iniciativa das duas sociedades hospitalares passo-fundenses.

A idéia de que a doença era a maneira pela qual Deus castigava os pecadores e os inimigos do povo eleito

---

Passo Fundo: Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo, 1993, p. 21. A evolução populacional desde o período de emancipação até a década de 1930 foi significativa, passando de 8.208 habitantes, com um número de 1.638 domicílios numa área de 80.000 Km<sup>2</sup> em 1858, para 75.000 habitantes, com um número de 12.500 domicílios, numa área de 10.4000,80 Km<sup>2</sup> em 1930.

se fez presente até na contemporaneidade, freqüentemente lembrada por padres, pastores, autoridades religiosas, em missas, cultos, enfim, em suas celebrações, buscando com isso arregimentar mais adeptos a suas crenças. Observa-se aqui um papel ideológico dado à doença, o que apreendemos nas palavras de Rubem Alves:

Saúde e patologia são armas ideológicas e institucionais para a preservação do comportamento ajustado. São instrumentos para o controle dos desviantes. No fundo do problema da saúde e da patologia encontramos o problema do poder.<sup>25</sup>

A relação da manutenção da saúde com a ordem estabelecida é engendrada mais uma vez, relacionando, assim, todo o aparato curativo com os instrumentos de poder e de manutenção da ordem. Dessa forma, as religiões, as instituições médicas, hospitalares, farmacêuticas, enfim, as administrações estatais responsáveis pela preservação da saúde e controle das doenças agem ora aliando-se, ora disputando entre si a manutenção de seus interesses privados e individuais.

O processo patológico, composto por situações de morbidade e mortalidade, desestabiliza a sociedade; a situação de risco surgida em muitas situações faz com que os grupos dominantes sociais aliem-se ao restante dos grupos integrantes da sociedade, mesmo divergentes, a fim de restabelecer a ordem social. A doença desagrega uma série de fatores, de forma que uma situação de ocorrência de morte coletiva pode levar ao caos social, como é expresso no fragmento de texto a seguir:

---

<sup>25</sup> ALVES, Rubens. Religião e enfermidade. In: MORAIS, João Francisco Regis de (Org.). *Construção social da enfermidade*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978, p. 38

A doença é quase sempre um elemento de desorganização ou de reorganização social; a esse respeito ela torna frequentemente mais visíveis as articulações essenciais do grupo, as linhas de força e as tensões que o traspassam. O acontecimento mórbido pode, pois, ser o lugar privilegiado de onde melhor observar a significação real dos mecanismos administrativos ou de práticas religiosas, as relações entre os poderes, ou a imagem que uma sociedade tem de si mesma.<sup>26</sup>

Observamos, portanto, esse duplo papel que a doença possui: de um lado, a desorganização, pois a situação de morbidade desestrutura a sociedade e apresenta um descontrole da ordem estabelecida; de outro, há a reorganização social, pois os mesmos aspectos apontados na desorganização podem servir como uma reordenação do contexto social, propiciando a ascensão de outros grupos que exercem o controle, ou seja, seria um processo circular de troca de controle e poderes.

Um exemplo real entre dez outros possíveis, prediz a riqueza desses temas: o da exclusão social em tempo de epidemia, que pode ir da suspeita ao massacre e pode dirigir-se, segundo os casos conhecidos, aos pobres e notáveis, aos judeus e aos médicos, aos soldados, aos reformados.<sup>27</sup>

Esses componentes do processo patológico, a morbidade e a mortalidade, são entendidos de forma específica no sistema capitalista, pois, à medida que as relações capitalistas tornam-se mais complexas, a questão do po-

---

<sup>26</sup> REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976, p. 144.

<sup>27</sup> *Ibidem*.

der em relação à saúde/doença é entendida e transformada num bem a ser consumido constantemente.<sup>28</sup> Os trabalhadores precisam estar saudáveis para que possam trabalhar e não emperrar o percurso do progresso e do desenvolvimento. Nesse sentido, são muitos os grupos que se colocam à disposição para *vender* produtos de saúde.

Nos momentos iniciais do século XX, na década de 1910, coincidindo com a criação dos hospitais em Passo Fundo, percebemos algumas situações específicas surgidas a partir do aparecimento de doenças, como a tuberculose e gripe espanhola. Por volta de 1910-1915, houve uma incidência significativa da tuberculose, acompanhada de outras doenças, como difteria, pneumonia, varicela, varíola, febre tifóide entre outras.<sup>29</sup>

A tuberculose, doença de caráter grave, transmitida pelo ar, altamente contagiosa, exigia a separação do doente do convívio social: eram roupas, talheres, camas, quartos específicos para cada doente.<sup>30</sup> O “mal do século”, como era chamada a doença, estava associado a uma morte preco-

---

<sup>28</sup> No trabalho de BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Góes de. *Saúde e previdência: estudos de política social*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, essa abordagem da relação do capitalismo com a questão da saúde, do capítulo I, é formulada desde o mercantilismo, passando pela Revolução Industrial, Revolução Francesa, com as formulações de autores clássicos, como Adam Smith, David Ricardo, Karl Marx, Malthus, que aliavam a questão da saúde com o processo de trabalho; segue com o pensamento dos economistas neoclássicos a partir da 2ª Guerra Mundial, com o pensamento de que a saúde é uma empresa comercial, isto é, os bens de saúde podem e devem ser comercializados; a relação econômica com o poder político é legitimada, formando-se a partir daí uma rede hierarquizada.

<sup>29</sup> Os dados das doenças e os relatórios de Saúde Pública da Intendência estão no Arquivo Histórico Regional (AHR) da Universidade de Passo Fundo (UPF), sendo mencionados os coeficientes e a descrição das doenças e mortes.

<sup>30</sup> O microorganismo causador da tuberculose é o bacilo de Koch, cientificamente chamado *microbacterium tuberculosis*, que pode atingir todos os órgãos do corpo, em especial os pulmões. Com o passar do tempo e sem ser tratada, o avanço da doença começa a provocar sintomas mais graves. A doença é descrita em todos os seus passos: primeiramente, são pequenas lesões; os bacilos cavam as chamadas cavernas tuberculosas, *grosso*

ce, cujo diagnóstico equivalia a uma condenação. Houve, até, uma íntima relação com a literatura, na medida em que poetas românticos acometidos pelo mal expressavam em seus poemas as conseqüências da doença.<sup>31</sup>

Naquele período, estavam ligadas à tuberculose representações aparentemente opostas, tais como: a de uma visão romântica da doença – do amor transformado e da degeneração do indivíduo –, a doença do mal social; da fraqueza ou consunção, a tísica, a peste branca. Algumas destas representações, no Brasil, decorriam da influência da chegada dos imigrantes. Em países europeus, a imagem de um *tuberculoso* estava associada à idéia de sensibilidade às artes, ao amor, ao refinamento dos sentimentos e passou a ser, no século XIX, uma forma valorizada de estética.<sup>32</sup>

Uma outra idéia difundida seria associá-la ao mal social, à degeneração do indivíduo, uma vez que era sua culpa adoecer por conseqüência de seus “maus hábitos”, que eram as péssimas condições de moradia, higiene e trabalho, tidos como perigosos.<sup>33</sup> Em Passo Fundo, a tuberculose preocupava as autoridades, aparecendo em di-

---

*modo* são os buracos que estão localizados nos pulmões, que costumam inflamar com freqüência e sangrar. A tosse, nesse caso, não é seca, mas com pus e sangue; é a chamada *hemoptise*, que seria a eliminação pela boca de sangue de origem pulmonar. Após um período de 15 dias, os bacilos passam a se multiplicar facilmente nos pulmões, pois ainda não há proteção natural do organismo contra a doença. Se o sistema de defesa não conseguir encurralar o bacilo, instala-se a tuberculose primária, caracterizada por pequenas lesões (nódulos) nos pulmões.

31 SCLIAR, Moacyr. op. cit., p. 236-237. Manuel Bandeira intitulou um poema tratando dessa temática, “Pneumotórax”, em que fala de sua experiência pessoal. Esse era um dos procedimentos que consistia em injetar ar na cavidade pleural com o que o pulmão murchava.

32 GONÇALVES, Helen. A tuberculose ao longo dos tempos. *História, ciências e saúde*: Manguinhos. v. 7, n.2 (jul-out 2000). Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2000, p. 307

33 *Ibidem*, p. 307-308 e 310.



versos relatórios durante vários anos, alguns consecutivos, outros espaçados, porém com um número de casos que continuou crescente de 1910 até 1930. Vejamos, ilustrativamente, essa passagem:

Como repetidas vezes vos tenho falado, continua progredindo muito e devastando sempre a temida tuberculose pulmonar; todos os recantos da cidade apresentam casos e mesmo alguns distritos foram já infestados.<sup>34</sup>

**Em vista do exposto, sugere-se no documento:**

Tenho tratado através das colunas do *O Gaúcho*, apreciada folha local, de instruir o povo sobre os meios mais práticos de reagir contra a perigosa enfermidade, porém julgo indispensável para conseguir-se um resultado seguro, que a municipalidade ponha sobre seus ombros a nobre tarefa de auxiliá-lo intensamente. Somente assim poderemos colher proveitos porquanto a população só se lembra de agir quando atacada visivelmente pelo mal.<sup>35</sup>

**A situação real era esta, segundo a autoridade:**

No quadro que vai junto, foram poucos os atestados passados por tuberculose, mas, vos garanto que nos óbitos sem assistência médica eles ocupam grande número, pois, várias pessoas de mim conhecidas que faleceram por tuberculose, fugiram ao conhecimento dos registros municipais.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> Relatório remetido ao coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente municipal, em 20 de outubro de 1915, sendo o remetente Fernando de Carvalho, médico municipal no período.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

Em 1927, num artigo sobre a situação da tuberculose no Rio de Janeiro, foi noticiada a seguinte estatística:

A *Noite*, folha diária que se publica na Capital da República, em campanha que vem fazendo em favor da saúde pública, declara em um dos seus últimos números que na capital da República morrem duas pessoas por hora, vitimadas pela tuberculose.<sup>37</sup>

A preocupação presente no cotidiano dessa época era com a profilaxia para o tratamento dessa doença e com as possibilidades de cura. Com esse objetivo, remédios eram lançados e divulgados, sendo utilizados, para isso, os mais diferentes meios, como veiculação de notas em jornais, visitas de fiscais e médicos às moradias, distribuição de panfletos informativos, promoção de debates nas sociedades de medicina. Em 1926, por exemplo, a Sociedade de Medicina de Passo Fundo trouxe um convidado importante para falar sobre terapêuticas, o dr. Max Krone, que realizava a cura da tuberculose com sais de ouro, e o médico Bruno Pellegrini, que o acompanhava.<sup>38</sup> Nesse mesmo ano, em 18 de dezembro, uma notícia vinda do Rio de Janeiro sobre vacina antituberculosa foi veiculada no jornal local:

O diretor do Departamento Nacional de Saúde Pública providenciou junto ao Instituto Oswaldo Cruz, no sentido de ali ser preparada a vacina BCG, contra a tuberculose, a qual foi descoberta pelo professor Calmette, do Instituto Pasteur, de Paris. O dr. Carlos Chagas, para esse

---

<sup>37</sup> A tuberculose no Rio. Jornal *O Nacional*, 5 mar. 1927, p. 2.

<sup>38</sup> A Sociedade de Medicina tinha a seguinte diretoria: como presidente, Arthur Leite; vice-presidente, Tenack W. de Souza; secretário, Adalberto Simões e tesoureiro-bibliotecário, Clodoaldo Brenner, conforme o Jornal *O Nacional*, 20 jul. 1926, p. 2.

fim, obteve em Paris, em sua recente viagem, a cultura necessária para a preparação do esperançoso preservativo contra a peste branca. Dentro de pouco começará a ser feita nesta capital a vacinação antituberculosa, segundo o processo Calmette.<sup>39</sup>

Em março de 1928, Nicolau de Araújo Vergueiro recebeu da Diretoria de Higiene do estado a seguinte circular sobre vacinação antituberculosa:

Já possuindo o Laboratório Bacteriológico desta Diretoria culturas do bacilo de Calmette Guérin convenientemente experimentadas e sendo há dias iniciados nesta capital o serviço de vacinação antituberculosa dos recém-nascidos, pedimos vossa indispensável colaboração na obra de propaganda e difusão deste moderno recurso profilático.<sup>40</sup>

**Sobre o método da vacinação, o documento orientava:**

Como sabeis, o método de Calmette-Guérin para a prevenção da tuberculose, ensaiada na França e noutros países com sucesso verdadeiramente animador, tem sua principal indicação nas crianças filhos de tuberculosos e nas que, por qualquer outro motivo, estejam expostas às contami-

---

<sup>39</sup> Jornal *O Nacional*, 26 dez. 1926, p. 2. Sobre essa vacina antituberculosa, um outro artigo, intitulado “Vacina antituberculosa”, no jornal *O Nacional* de 29 nov. 1925, falava que os cientistas franceses Colmette e Guérin, depois de longos anos de pesquisa, baseados nos princípios da teoria das vacinas, haviam utilizado os germens da tuberculose bovina, submetendo-os a um processo em que eles diminuam consideravelmente a virulência e os introduziram no organismo tenro em que melhor se dá a absorção. Assim é o germen introduzido com açúcar e leite, como pastilhas, por via bucal, e a vacinação está concluída. Esse método de vacinação foi utilizado, primeiramente, em território francês, sendo introduzido no Brasil por Vital Brasil, em São Paulo, chegando um pouco mais tarde no restante dos estados brasileiros.

<sup>40</sup> Jornal *O Nacional* 31 mar. 1928. p.1. Comunicação remetida a Nicolau de Araújo Vergueiro pelo diretor de Higiene do estado, José Flores Soares, com data de fevereiro de 1928.

nações familiares. Vacina a empregar deve ser muito recentemente preparada e é administrada em três doses, por via oral, dentro dos primeiros dez dias de vida.<sup>41</sup>

Os serviços prestados pela Diretoria de Higiene, segundo a circular, eram os seguintes:

Esta diretoria fornece gratuitamente as vacinas e todos os exames de laboratório necessários à rigorosa indicação científica do progresso imunizante: pesquisa do bacilo do Koch, inoculações, prova da tuberculina, do desvio do complemento etc. Quando autorizada pelos progenitores do recém-nascido, encarregar-se-á, também, da prática da vacinação em domicílio, bastando para isso aviso imediato, comunicando o nascimento da criança a vacinar, com todas as informações necessárias à boa marcha do serviço.<sup>42</sup>

Na continuidade desse relatório de Assistência Pública, Fernando de Carvalho, médico municipal em 1915, mencionava a descrição das doenças que assolavam a cidade naquela época e a situação da não-regulamentação do serviço de Medicina e Assistência Municipal, além das dificuldades decorrentes desse processo.<sup>43</sup>

As visitas domiciliares foram, então, introduzidas a fim de serem observadas as condições de higiene das casas e os problemas existentes, no que dizia respeito às más condições de salubridade. A advertência era de que

---

<sup>41</sup> Jornal *O Nacional* 31 mar. 1928. p.1. Comunicação remetida a Nicolau de Araújo Vergueiro pelo diretor de Higiene do estado, José Flores Soares, com data de fevereiro de 1928.

<sup>42</sup> Idem.

<sup>43</sup> Fernando de Carvalho foi médico da Intendência no ano de 1915 e participou do processo de formação das primeiras diretorias do Hospital de Caridade, auxiliando na escolha do local da construção do mesmo, em conjunto com Arthur de Oliveira Leite.

haveria, inclusive, a cobrança de multas caso não se constatasse os padrões ideais estabelecidos ao município. Nessa cruzada, o médico contou com o auxílio do fiscal de Higiene, Leão Nunes de Castro, e do subintendente ativo, Luggero Pereira da Cruz.

Observamos, já nessa época, manifestação de preocupação com o serviço de higiene pública, que ainda não dispunha de recursos materiais para dar os encaminhamentos necessários a essa ação municipal. A Assistência Pública mantinha, então, um contrato com a Farmácia Brasil, que realizava o aviamento das receitas e fornecimento de medicamentos para suprir as demandas necessárias da municipalidade.

Conforme orientava a Intendência, as moléstias infecciosas deveriam ser comunicadas à Assistência Pública, bem como as razões dos óbitos, o que, contudo, não acontecia e é perceptível nos livros de registros de sepultamentos do Cemitério Público da Cidade, no período que vai de 1909 a 1926. Neles inexitem esses dados, constando, em muitos, apenas a palavra *ignora-se* no item referente à causa do falecimento.

O apelo de Fernando de Carvalho vai, pois, ao encontro dessa preocupação, revelando-se em solicitações contínuas junto à classe médica de Passo Fundo, visando ampliá-lo e torná-lo eficiente, como foi mencionado neste trecho:

Não podemos detalhadamente trazer a *causa mortis* destes falecimentos porque na grande maioria ocorreram eles sem assistência médica. Impõe-se severas medidas no intuito de fazer com que os senhores médicos forneçam atestados, pois, não acreditamos que, numa cidade como Passo Fundo, onde existe um número regular de clínicos, mor-

ra tanta gente na ausência deste último e consolador recurso.<sup>44</sup>

A morte sem assistência era algo muito freqüente, pois a distância dos lugarejos em relação à cidade, a precariedade das condições econômicas da maioria da população, a falta de conhecimento sobre profilaxia e cuidados para a prevenção e controle de doenças faziam com que o médico e o hospital fossem os últimos recursos procurados.

No que diz respeito ao papel da medicina da época, somos levados a formular alguns questionamentos:

- Os médicos conheciam suas comunidades?
- Quais seriam os casos de mortalidade e morbidade que grassavam no seu espaço de atuação?
- Como era feito o atendimento à população?
- Como era a relação médico/paciente?

Hipócrates já dizia que o médico não erraria as doenças de seus pacientes se conhecesse a influência da cidade sobre eles e o tipo de vida que levavam. Isso permite inferir algo ainda válido na contemporaneidade, que é a necessidade de esses profissionais observarem, entenderem e participarem da vida na comunidade em que atuam, pois

cada cultura e cada época tem critérios próprios para distinguir o normal do patológico. A doença resulta não apenas de uma contradição entre o homem e o meio natural mas também necessariamente de uma contradição entre o indivíduo e o meio social.<sup>45</sup>

---

<sup>44</sup> Idem. Relatório remetido ao coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente municipal, em 20 de outubro de 1915, sendo remetente Fernando de Carvalho, médico municipal no período.

<sup>45</sup> SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 69-70.

Podemos ser vítimas de agentes agressores do meio natural, mas só estaremos doentes quando o nosso comportamento se transformar; a doença torna-se reconhecida em função da mudança de nossos hábitos, que estão inseridos em um contexto cultural. Alguns sinais, como incômodo, restrição de capacidade, anomalias físicas, desenham esse quadro patológico.

A epidemia de gripe espanhola que atingiu as principais cidades do país no final de 1918 auxiliou, mais uma vez, ao entendimento da precariedade de infra-estrutura na área da saúde pública no país inteiro. Foi essa uma epidemia mundial que trouxe seus efeitos também em nível local. Originada na Espanha, generalizou-se pela Europa, então marcada pelos efeitos da I Guerra Mundial, e de lá propagou-se à Ásia e ao continente americano, tornando-se uma pandemia.<sup>46</sup>

A gripe ou *influenza* é uma doença infecciosa, geralmente benigna, provocada por vírus e transmitida por contato direto. Algumas vezes, contudo, em decorrência de mutações genéticas do vírus, pode transformar-se em doença fatal. Alguns autores afirmam que o termo *gripe*

---

<sup>46</sup> De acordo com ABRÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, e também ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*, op. cit., as estimativas apontam cerca de 20 milhões de mortos entre os 600 milhões de infectados em todo o mundo. No entanto, o despreparo dos poderes públicos para enfrentar os problemas de saúde pública do país – há tempos denunciado por médicos-higienistas – revela-se por completo nos últimos meses de 1918, quando chegou ao Brasil essa violenta epidemia, trazendo muitas preocupações e atacando praticamente todas as regiões do país. Quando, em 1890, um surto de gripe de grandes proporções varreu a Europa, propagando-se até atingir o continente americano, a medicina já adotava as teorias pasteurianas sobre a origem microbiana das doenças infecciosas. Nesse contexto, em 1891, o médico alemão Richard Pfeiffer isolou um bacilo ao qual passou a ser atribuída a causa da doença. Em 1918, durante o surto da doença no Rio de Janeiro, pesquisadores do Instituto Oswaldo Cruz postularam que a gripe não era causada pelo bacilo de Pfeiffer. Porém, somente em 1933, o vírus da doença foi identificado por cientistas britânicos, abrindo a possibilidade de elaboração de vacinas contra a gripe.

tem origem em *grippé*, expressão usada pelas escolas médicas francesas do século XVIII para definir o aspecto tenso e contraído do doente.

A doença chegou ao Brasil a bordo do navio inglês Demerara, que em setembro aportou no Recife e depois em Salvador e no Rio de Janeiro, proveniente do Porto de Dacar, na África. A epidemia espalhou-se em poucas semanas pelas principais cidades do país, cujas condições de saneamento e assistência médica potencializaram os efeitos da doença.<sup>47</sup>

Por volta de outubro de 1918, começou a circular a notícia da chegada da *influenza hespanhola* ao Rio Grande do Sul, a qual teria entrado pelo Porto do Rio Grande, sendo altamente contagiosa. Chegara a Porto Alegre antes de completar a quarentena dos navios que trouxeram a pandemia para a capital.<sup>48</sup> Um relato da época assim descreve a situação:

A população aglomerava-se nas farmácias. Numa difusão pasmosa, a *Influenza* invadia todas as zonas da cidade: a *Influenza* entrou de vez em Porto Alegre, nos bancos, na Companhia Ganzo, na Força e Luz, na Brigada Militar,

---

<sup>47</sup> ABRÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 36. O total de mortes desencadeadas em todo o país foi de 300 mil pessoas, muito embora muitas delas não tenham chegado ao conhecimento das autoridades. (p. 41). Essa doença tinha alguns sintomas bem gerais: febre; dores de cabeça; dores nos rins e nos músculos; ataque profundo ao sistema nervoso geral produzindo uma audinomia; vertigens; calor no rosto, lágrimas (catarro da conjuntiva) e o catarro das vias respiratórias. Como, na época, não havia tecnologia laboratorial para a realização de um diagnóstico preciso, os médicos prescreviam receitas de acordo com os sintomas da gripe. (p. 79).

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 62-63. Os dois navios, o Itajuba, da Companhia de Navegação Costeira, com 38 tripulantes atacados pela enfermidade, em 9 de outubro de 1918, e, três dias após, em 12 de outubro, o Itaquera, com 32 tripulantes, estavam infectados e atracaram no Porto de Rio Grande.



nas repartições públicas, nos corpos do Exército, enfim, é geral.<sup>49</sup> (grifo nosso).

Em Passo Fundo, a *influenza* apareceu no final de outubro de 1918, alastrando-se por toda a cidade e seus arredores com uma infinidade de casos, sendo que a estimativa foi de 118 mortes no período de 31 de outubro até 5 de janeiro.<sup>50</sup> Segundo os relatórios da Intendência, redigidos pelo coronel Pedro Lopes de Oliveira, em 1920, foram tomadas várias medidas, como a realização de desinfecções e adoção de medidas profiláticas a fim de evitar a propagação da enfermidade:

Nem bem haviam sido, entretanto, postas em prática as medidas sugeridas pelo corpo médico, e já a *Influenza* se alastrou por toda a cidade em uma infinidade de casos, que se sucediam, de momento a momento, paralisando o movimento geral.<sup>51</sup> (grifo nosso).

A fim de atenuar as conseqüências dessa enfermidade, foram tomadas medidas para atender às camadas empobrecidas da cidade, como foi relatado:

Onde a epidemia mais se acentuou, foi também aqui, como em toda a parte, na classe pobre; explicando-se a isso por ter a maioria dessa gente, o seu organismo enfraquecido, alguns por excesso do álcool, outros por falta de alimen-

---

<sup>49</sup> ABRÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada*: a hespanhola em Porto Alegre, 1918. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 64.

<sup>50</sup> Conforme o Livro de Registros de Sepultamentos do Cemitério Público de Passo Fundo do período de 1909 a 1926. Os registros de morte para o ano de 1918 foram de 238, sendo 118 como conseqüência da *influenza*. Este livro está na Prefeitura Municipal de Passo Fundo na Secretaria de Administração. p. 45-49.

<sup>51</sup> Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Coronel Pedro Lopes de Oliveira, na reunião ordinária de 1920, p. 14-17, intitulado "Saúde Pública".

tação necessária; não encontrando-se entre eles, geralmente, nenhum conforto, e nenhuma profilaxia.<sup>52</sup>

O relatório descreve ainda:

Entre essa classe de gente, desenrolaram-se cenas indescritíveis, muitos atacados de súbito pelo terrível, mal achavam-se totalmente desprovidos de qualquer recurso, estes, se não tivesse prontamente providenciados para serem fornecidos medicamentos e alimentação, estariam inexoravelmente condenados a sucumbirem à míngua”.<sup>53</sup>

Essa calamitosa situação exigiu uma mobilização de amplos setores sociais, bem como iniciativas de particulares, com doação de alimentos, medicamentos e quantias em dinheiro. Isso ocorreu porque a Intendência não dispunha de recursos suficientes que pudessem dar conta de solucionar os problemas decorrentes da avassaladora epidemia.

Em 1927, foi publicada uma estatística demográfica sanitária, relativa ao ano de 1925, pela Secretaria dos Negócios do Interior e Exterior do estado, na qual Passo Fundo é citada por apresentar um quadro de moléstias diversas. Sobre esse informe foram emitidas opiniões, como esta: “A fama de salubridade de que gozava o nosso município, que se vai perdendo aos poucos, à medida que a população urbana cresce, sem que tenhamos as obras necessárias de saneamento”.<sup>54</sup>

---

<sup>52</sup> Relatório anual dos serviços prestados pela Assistência Pública entre outubro de 1918 a outubro de 1919 e especialmente por ocasião da *influenza hespanhola*. p.1 dos anexos.

<sup>53</sup> Idem.

<sup>54</sup> Publicação no jornal *O Nacional* 12 mar. 1927, p. 3, sob o título “Estatística sanitária”, seguindo as doenças mencionadas: febre tifóide - 13 casos; varíola - três casos; coqueluche - cinco casos; difteria e crupe - 12 casos; gripe - 13 casos; disenteria - 10 casos; outras moléstias epidêmicas

É visível na manifestação do autor da notícia a preocupação com a salubridade do município e a relação existente entre as doenças no período, o qual concluía: “Nas moléstias contagiosas aqui classificadas, a nossa parte avanta-se bem sobre muitos outros municípios do Estado”.<sup>55</sup>

Pelos dados referidos, percebemos que havia um número significativo de doenças maldefinidas, perfazendo um total de 328 casos; as doenças cuja proveniência era mencionada, como tuberculose, sífilis, tumores malignos e afecções nervosas, circulatórias, respiratórias, digestivas e urinárias, somam um total de 131 casos. Quanto às doenças maldefinidas, poderiam ter sido originadas por várias causas, dentre as quais a falta de diagnóstico médico se configurava como uma das mais importantes.

A cidade de Passo Fundo mostrou situações peculiares no desenvolvimento das enfermidades que grassaram nas décadas de 1910 e 1920, sendo, portanto, inevitável a busca do entendimento do exercício das práticas médicas, pois a célebre frase “a doença nada mais é que a vida em condições alteradas” propõe questionamentos sobre a

---

- um caso; infecções purulenta e septicemia - três casos; tuberculose pulmonar - 21 casos; sífilis - três casos; câncer e outros tumores malignos - cinco casos; outras moléstias gerais - cinco casos; alcoolismo - um caso; afecção do sistema nervoso - 14 casos; afecção do aparelho circulatório - 21 casos; afecção do aparelho respiratório - 26 casos; afecção do aparelho digestivo - 60 casos; afecção do aparelho urinário - 10 casos; afecções puerpuras - 10 casos; moléstias mal definidas - 328 casos; natimortos - 10 casos; a estatística da tuberculose é citada, colocando a cidade de Passo fundo em 14º lugar em número de casos incidentes no estado, aparecendo nas cidades de: Porto Alegre - 790 casos; Pelotas - 322 casos; Rio Grande - 197 casos; Santa Maria - 98 casos; Livramento - 73 casos; São Gabriel - 68 casos; Alegrete - 54 casos; Jaguarão - 46 casos; S. Leopoldo - 38 casos; Cruz Alta - 38 casos; Uruguaiana - 35 casos; Cachoeira - 34 casos; Itaquí - 29 casos e Passo Fundo - 21 casos.

<sup>55</sup> Idem.

atuação dos médicos e autoridades competentes para resolver tais problemas.<sup>56</sup>

### 1.3. As práticas médicas em Passo Fundo

Por *práticas médicas* entendemos uma intervenção baseada num tipo de conhecimento científico localizado num determinado período e local específicos.

Os primeiros médicos a atuarem na cidade vieram para suprir uma carência, visto que, por situar-se no interior do estado, Passo Fundo não dispunha desses profissionais. A instalação dos hospitais expandiu em muito a profissionalização dos médicos por ser um espaço adequado à prática dos conhecimentos científicos no tratamento das doenças e acidentes.

Os médicos tiveram sua formação no Rio Grande do Sul a partir de 1898, com a fundação da Faculdade Livre de Medicina e Farmácia de Porto Alegre; anteriormente, buscava-se essa formação na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, que foi bastante procurada durante o século XIX, e no exterior, como na capital da Argentina, Buenos Aires, e em países europeus.<sup>57</sup>

---

<sup>56</sup> SCLiar, op. cit., p.189.

<sup>57</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999, p 101-114. SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 102-103. No século XVII, estudantes brasileiros interessaram-se pela medicina na Universidade de Coimbra; um número maior de médicos europeus transferiu-se para o Brasil, iniciando descrições de patologias e estudando as propriedades medicinais da flora brasileira. Um exemplo foi Guilherme Piso ou

A medicina praticada nos primeiros tempos de formação do povoado, geralmente, era doméstica, empregando-se benzedura, cataplasma, emplastro, unguento feito de sebo de boi e infusões de ervas. A sangria e a aplicação de sanguessuga era privilégio dos físicos práticos, que faziam disso profissão. Quando a família dispunha de recursos e o caso era mais complicado, o médico vinha de Cruz Alta para prestar serviços.<sup>58</sup>

A Higiene e a Assistência Pública foram criadas oficialmente em Passo Fundo em 1902, com o trabalho de Custódio de Souza, que oferecia gratuitamente seus serviços à comunidade.<sup>59</sup>

Havia na época uma íntima relação entre médicos e farmacêuticos, visto que alguns exerciam as duas profissões ao mesmo tempo; outros eram farmacêuticos e acabavam atuando como médicos; alguns médicos possuíam farmácias ou os consultórios dos médicos localizavam-se nas próprias farmácias. Os farmacêuticos e boticários, por conhecerem a técnica da manipulação, acabavam recebendo em muitas situações, motivo da proximidade das duas profissões. Os médicos, por sua vez, eram farmacêuticos, porque em alguns casos também eram os proprietários das farmácias.<sup>60</sup>

---

Wilhein Pyes, holandês, chefe do Serviço de Saúde da expedição de Maurício de Nassau. No século XVII, houve um aumento significativo no número de alunos brasileiros matriculados na Universidade de Coimbra e de seus interesses pelo estudo da flora brasileira. Quanto aos tratamentos propostos, ainda não fugia da utilização de sangrias e purgativos.

<sup>58</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. [s.d.], v. 2, p.122-123.

<sup>59</sup> Jornal *O Nacional* 26 dez., 1925, p. 3, seção da Administração Municipal.

<sup>60</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, 3 v. v. 2, p.122-123. O médico não formado Oscar Pinto de Moraes era proprietário da Farmácia dos Pobres; o médico Romão Lopes da Rosa, seu filho Theodorico Borges da Rosa e o prático em farmácia João Lopes da Rosa eram proprietários da farmácia Rosa Lopes, que mais tarde seria Farmácia Rosa. Ali eram comercializadas drogas nacionais e estrangeiras. O médico Arnaldo Hoffmann era proprietário da Farmácia

Nos anúncios de jornais, percebemos claramente essa ligação, pois neles constam as propagandas, nas primeiras páginas do jornal, com uma periodicidade sistemática, em que os nomes dos médicos e seus espaços de atuação eram especificados; também consta se o atendimento seria feito nas farmácias, nos hospitais, hotéis, residências ou consultórios, com os horários disponíveis.

Na década de 1920, havia em Passo Fundo um número significativo de estabelecimentos farmacêuticos: as Farmácias Brasil, Central, Rosa, Serrana, dos Pobres, Homeopática e São José.<sup>61</sup>

Os profissionais da medicina, que tinham feito sua formação em Buenos Aires, Montevideu, Rio de Janeiro e Porto Alegre, colocavam nos seus anúncios a sua especialidade, como, por exemplo, clínica geral, com especificidade em doenças pulmonares, coração e sífilis, doenças de senhoras, alta cirurgia etc.<sup>62</sup> Era comum encontrar nos jornais notícias sobre os enfermos que haviam sido hospitalizados ou que estavam recebendo cuidados em casa sob cuidados médicos. As pessoas mencionadas eram, em sua grande maioria, membros da elite local, como bem ilustra esta notícia:

Está enfermo guardando o leito o Sr. Heitor Bonorino, do comércio local; Tem se agravado o estado de saúde da Sra. Cândida Marques, irmã dos Srs. Nenê, Josino e

---

Hoffmann. O homeopata Gezerino Lucas Annes era proprietário da Farmácia Homeopática, que preparava os medicamentos. Os médicos Nicolau de Araújo Vergueiro e Antônio Caminha eram também farmacêuticos formados.

<sup>61</sup> Jornal *O Nacional*, no período de 1925-1930.

<sup>62</sup> Alguns europeus remanescentes da guerra européia de 1914-1918, ao chegarem aqui, começaram a atuar como médicos; eram chamados de “carniceiros”, conforme a linguagem comum da época, porque, na sua maioria, exerciam o cargo de cirurgiões. Podemos citar: Benedicto Frydberg; Dino Caneva, Francisco Settineri. Estas informações do local de sua formação estavam contidos em seus anúncios no jornal *O Nacional*.

Pedro Marques; Acha-se enferma a Sra. d. Edolina Miranda Capoano, esposa do Sr. Alfredo Capoano; Está enferma a exma. Sra. d. Juvencia Annes Bastos, esposa do Sr. Gabriel Bastos nosso colaborador.<sup>63</sup>

Isso contribui para nossa análise no sentido de percebermos que, se essas pessoas identificadas como elite e inseridas nas colunas dos órgãos de imprensa local através de tais notícias, avalizavam o trabalho médico publicamente. Isso era comprobatório da competência desses profissionais, que teriam o respaldo na sociedade local.

Nicolau de Araújo Vergueiro foi o primeiro médico nascido no município de Passo Fundo, em 7 de março de 1882. Formado em Medicina em 1905, passou a clinicar em sua cidade natal, realizando cirurgias em conjunto com outros médicos. Trouxe a técnica para realizar o exame de urina, que ainda não era feito na cidade.<sup>64</sup> Ingressou na política em 1919, no Partido Republicano, pelo qual foi eleito deputado estadual, sendo reeleito durante cinco legislaturas, e em 1928, eleito presidente da Assembléia. De 1920 a 1924, ocupou a Intendência Municipal. Foi colaborador de alguns jornais, escrevendo nos órgãos locais de imprensa e nos de Porto Alegre.<sup>65</sup>

---

<sup>63</sup> Coluna do jornal *O Nacional* de 19 jan. 1927.

<sup>64</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, 3 v. p.123, 153-156. Em sua atuação política, um aspecto que vale destacar é que quando atuava na Câmara Federal apresentou um projeto de lei, em 1945, sobre exame pré-nupcial, que foi aprovado pela Comissão de Saúde Pública. Como já foi citado no capítulo 1.2 – A dinâmica do espaço urbano, foi apresentada uma biografia do mesmo.

<sup>65</sup> Nicolau de Araújo Vergueiro, político, exerceu uma carreira política por um período longo. Em 1908, foi eleito conselheiro municipal; no período de 1908-1912, 1912-1916 e 1916-1920 pelo Partido Republicano; em 1909, foi eleito deputado estadual pelo mesmo partido, sendo reeleito por cinco legislaturas na Assembléia de Representantes do Estado do Rio Grande do Sul; em 1928, foi eleito presidente da Assembléia dos

Os médicos locais que atuavam em Passo Fundo até a inauguração e funcionamento dos hospitais realizavam suas consultas nos consultórios, que muitas vezes estavam instalados no próprio hotel em que se hospedavam e nas farmácias; faziam visitas e consultavam nas residências particulares, conforme a enfermidade e condições econômicas do doente, ou seja, quem dispusesse de condições de pagar consultas poderia ser atendido em casa.

As práticas médicas na década de 1920 possuíam características específicas, como foi o caso do aparecimento de uma meningite cerebrospinal epidêmica, que foi diagnosticada através do exame do líquido cefaloraquidiano, extraído do doente e enviado ao laboratório do dr. Pereira Filho, em Porto Alegre. Conforme a fonte, fora adotada a seguinte profilaxia:

Aconselhamos a desinfecção diária da boca, garganta e nariz, quer com água iodada, água oxigenada, quer com mentol ou gommenol. A disseminação do mal se torna mais séria, pelo fato do tratamento ser muito limitado, pois que além da função lombar, gelo em capacete e morfina, o que fizemos no nosso doente, muito a tempo, pouco se pode esperar do soro, quando ele existe à mão, o que, às vezes, é difícil até nos grandes centros.<sup>66</sup>

---

Representantes do Estado; em 1929, foi eleito deputado federal em 1935 e reeleito em 1945; Eleito intendente em 1920-1924 e 1928-1932. (GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, 3 v., p. 153-156). De 1933 a 1934, esteve exilado na Argentina por ter sido solidário com a revolução constitucional de São Paulo. Faleceu em 16 de março de 1956. Foi líder político de grande notoriedade, salientando-se na revolução de 1930, e comandou a resistência do 8º R. I. sediada na cidade. Foi jornalista escrevendo nos órgãos locais e nos de Porto Alegre. Formado em Medicina em 1905, atuou como médico da municipalidade num espaço de vinte anos.

<sup>66</sup> Jornal *O Nacional* 22 dez. 1926. Carta endereçada ao redator sob o título "Sobre um caso de meningite", assinada pelo médico Antônio Carlos Rebello Horta (p. 1), a fim de auxiliar a população na iminência de um



Essa doença trazia preocupações à população, pois o seu caráter contagioso era alarmante e o tratamento exigia cuidados médico-hospitalares; quando havia notícia do aparecimento de alguns casos, eram tomadas medidas saneadoras por parte da Intendência:

Em vista do aparecimento, nesta cidade de 2 casos de meningite cérebro-espinhal, o sr. Armando Annes, intendente municipal, telegrafou à Diretoria da Higiene do estado, dando-lhe ciência e pedindo a vinda com urgência de um funcionário com aparelhos para desinfecção.<sup>67</sup>

As cirurgias tornaram-se práticas médicas comuns depois da instalação dos hospitais, mais precisamente, na segunda metade da década de 1920, o que é perceptível pelo jornal *O Nacional*, que traz algumas notícias nesse sentido:

A esposa do Sr. Santini, residente em Marau, 5º distrito deste município, submeteu-se no Hospital de São Vicente de Paulo, nesta cidade, a uma melindrosa intervenção cirúrgica que constituiu na extirpação do rim direito, determinada por hydronephrose. Essa delicada operação foi praticada com pleno êxito pelo dr. Leuenberger. A paciente vai passando bem.<sup>68</sup>

---

susto mais violento, já que o caso existiu e ficou provado, não havendo divergência entre os médicos que o assistiram. Antônio Carlos. Rabello Horta, Godofredo Leuenberger e Nicolau Araújo Vergueiro auxiliaram a população sobre a profilaxia necessária para a doença; solicitaram auxílio do exame reconhecido por um instituto reconhecido de Porto Alegre. O agente responsável por esta doença era denominado *meningococcus*. Foram mencionados neste artigo os primeiros casos surgidos no Rio de Janeiro, quando o Hospital São Sebastião passou por dificuldades, perdendo muitos dos seus doentes por falta do meio profilático específico.

<sup>67</sup> O estado sanitário da cidade. Jornal *O Nacional* 19 jan. 1927, p. 2.

<sup>68</sup> Operação cirúrgica. Jornal *O Nacional* 10 nov. 1926, p. 2.

Os médicos trabalhavam em conjunto e auxiliavam-se mutuamente nas intervenções cirúrgicas, divulgando os seus procedimentos nos periódicos locais:

No Hospital São Vicente de Paulo o Dr. Benedicto Frydberg, auxiliado pelo Dr. Arthur Leite em uma doença, Caparatomia exigida por peritonite plástica com fístula umbilical.<sup>69</sup>

Arthur Leite auxiliado pelo Dr. Benedicto Frydberg extirpou um tumor maligno no aparelho genital.<sup>70</sup>

No ano de 1927, no novo pavilhão do Hospital de Caridade, foram praticadas as seguintes intervenções cirúrgicas pelos médicos Arthur Leite e H. B. Frydberg:

uma apendicectomia, exigida por apendicite crônica, uma extração de um projétil de arma de fogo, localizado, desde um ano, na articulação túbio-társica e uma cystotomia supro-pubiana numa criança de 5 anos, para extrair um volumoso cálculo da bexiga.<sup>71</sup>

E também Nicolau Araújo Vergueiro e Arthur Leite realizaram, no mesmo hospital, uma curetagem exigida por retenção placentária. Ainda, Odilon B. de Oliveira e Arthur Leite procederam, no mesmo hospital, a uma extração de corpo estranho da região da articulação radiocarpice.<sup>72</sup>

Em outra nota do jornal, relata-se que Nicolau Araújo Vergueiro, Odilon B. Oliveira, Arthur Leite e H. B. Frydberg haviam realizado no Hospital de Caridade as seguintes intervenções cirúrgicas:

---

<sup>69</sup> Operação cirúrgica. *Jornal O Nacional* 24 nov. 1926, p. 2.

<sup>70</sup> *Idem*.

<sup>71</sup> Intervenções cirúrgicas. *Jornal O Nacional* 22 jan. 1927, p. 3.

<sup>72</sup> *Idem*.

uma embriotomia, uma curetagem uterina motivada por aborto, uma laparotomia por envenenação, um esvaziamento uterino por placenta prévia, dupla extirpação de gânglios engrinaes, uma Hydrocele, uma hérnia umbilical, uma extração de corpo estranho do pé esquerdo.<sup>73</sup>

No Hospital São Vicente de Paulo, Henrique Benedicto Frydberg procedera a uma operação de plástica palpebroconjuntival em um pequeno doente vítima de acidente; atuara numa extração de projétil de arma de fogo, alojado na região da fossa ilíaca direita, e, por fim, auxiliado por Justino Soares, procedera a *synthesis tendinosas*, exigida por esmagamento da mão. Numa outra situação, Arthur Leite, auxiliado pelo Henrique Benedicto Frydberg, procedera a uma fixação uterina pelo método de Alexander Adams.<sup>74</sup>

Além dessas colunas sobre os enfermos e intervenções cirúrgicas, havia, com uma menor intensidade – que ainda hoje encontramos –, notas de agradecimento das famílias de enfermos que haviam se recuperado, ou até mesmo, de outros que haviam falecido, nas quais eram mencionados o atendimento dado e os respectivos profissionais: “Não podem entretanto, deixar de mencionar os nomes dos ilustres Drs. Nicolau Araújo Vergueiro, Armando Vasconcellos e de Ivo Ferreira, que não pouparam esforços para salvarem a vida desta querida ente”.<sup>75</sup>

Em algumas situações, eram mencionados outros profissionais, como nesta nota:

---

<sup>73</sup> Intervenções cirúrgicas. Jornal *O Nacional* 29 jan. 1927, p. 2.

<sup>74</sup> Intervenções cirúrgicas. Jornal *O Nacional* 05 fev. 1927, p. 2.

<sup>75</sup> Agradecimento. Jornal *O Nacional* 05 fev. 1927, p. 3. Thomaz Ferreira sua esposa e filhos agradecem o tratamento e mostram seus pesares com o falecimento de sua filha Jahira.

Este agradecimento são extensivos aos bons vizinhos que cercaram carinhosamente o extinto durante a sua enfermidade ao médico assistente dr. Leuenberger, e aos drs. Frydberg, Odilon, Leite e Schurth, aos srs. Capitão Ernesto Theodorico da Silva, 2º tenente farmacêutico Jacintho Maria de Godoy, sr. Arthur Carlos Koch farmacêutico da farmácia Central e demais oficiais e praças do 8º Batalhão, pelo interesse tomado pelo enfermo, assim como à Sociedade Italiana e Tiro de Guerra local que se fizeram representar em todos os atos.<sup>76</sup>

Encontramos, ainda, notas de esclarecimento ao público por procedimentos médicos que não obtiveram êxito na cura do paciente, como foi o caso de Florêncio Della Méa, pessoa conhecida na localidade, que sofrera com uma moléstia no estômago por quatro anos e que, na tentativa de se curar, consultara diversos médicos da capital do estado. Todos haviam confirmado o diagnóstico, aconselhando-o, alguns deles, a alimentar-se exclusivamente de laticínios. Porém, passados dois anos com esse tratamento, como não obtivera melhoras, tanto que nos últimos tempos nem mesmo podia ingerir leite, resolvera consultar com o médico Francisco Benoni, que lhe declarou já ser tarde para proceder a uma operação.<sup>77</sup>

Apesar disso, por ter uma certa intimidade com o paciente, o médico resolveu operá-lo na esperança de poder

---

<sup>76</sup> Agradecimento. *Jornal O Nacional* 18 jan. 1927, p. 4. Vita Leão e familiares noticiou o falecimento de Tenente Emilio Leão e agradecem as pessoas descritas na nota.

<sup>77</sup> *Jornal O Nacional* 5 fev. 1927, p. 5. É apresentada uma nota sobre a experiência de Francisco Benoni, formado pela Universidade de Siena, na Itália e que trabalhou em diversos hospitais europeus, prestando os seus serviços durante toda a conflagração européia no exército italiano, onde serviu no posto de capitão-médico. Quando veio para o Brasil, trabalhou em São Luiz, município do Rio Grande do Sul, durante oito meses, praticando um grande número de operações de alta cirurgia; fixou residência em Passo Fundo em 1927.

salvá-lo, evitando que dentro de curto espaço de tempo viesse a falecer com sofrimentos atrozes, em consequência de completa impossibilidade de ingerir qualquer alimento. Durante a operação, contudo, os cirurgiões verificaram que a moléstia já havia dominado por completo todo o organismo, motivo pelo qual foram inúteis todos os esforços no sentido de salvar o enfermo.<sup>78</sup>

Uma outra notícia encontrada no jornal *O Nacional* apresenta a descrição detalhada dos cuidados dispensados pelos médicos locais ao paciente Adão Schell Loureiro:

Dr. Godofredo Leuenberger, de longa data, acompanhou o lento curso da doença gravíssima, até que o recurso supremo da intervenção cirúrgica se impôs como único meio de salvar aquela existência caríssima. A melindrosa operação, cumpre ainda salientar, exigida pelo próprio enfermo, cujos padecimentos se agravavam dia a dia, foi praticada pelo hábil cirurgião com a notável prática que lhe é peculiar. Depois dela, auspiciosas melhoras sobrevieram ao paciente, autorizando os mais legítimos e lisonjeiros prognósticos. Dias depois, porém, infelizmente, médicos e enfermeiras foram surpreendidos com as manifestações supervenientes de atroz insuficiência cardíaca, contra a qual inúteis resultaram todos os desvelos e recursos clínicos.<sup>79</sup>

O reconhecimento profissional era feito, na maioria das vezes, aos médicos, não sendo comum encontrar relatos semelhantes, como o exposto abaixo, que também menciona uma parteira:

---

<sup>78</sup> Jornal *O Nacional* 1º jun. 1927, p. 2, sob o título “Em torno de uma operação”, deixando a entender que os próprios médicos escreveram o esclarecimento.

<sup>79</sup> Jornal *O Nacional* 19 ago. 1927, p. 2, nota de agradecimento dos familiares.

É com o máximo prazer que torno público o meu mais profundo agradecimento ao distinto e talentoso médico Dr. Antonio Carlos Rabello Horta – que faz honra ao corpo médico brasileiro – bem como à exma Sra. d. Gertrudes Gunther, inteligente e dedicada parteira local, pela eficiência e carinho com que atenderam a minha esposa, durante o tempo em que esteve enferma.<sup>80</sup>

Parteiras, enfermeiros e outros profissionais que atuavam no hospital eram reconhecidos pela comunidade, porém de forma menos visível que os médicos. A regulamentação da enfermagem como profissão ocorreu mais tardiamente, se comparada à da medicina; já as parteiras perderam o seu espaço de atuação na contemporaneidade.

Nessas tentativas de validação das práticas médicas com base nos preceitos científicos e acadêmicos, ocorriam o demérito e a desvalorização das demais profissões da área da saúde. A sociedade reproduziu essa idéia, colocando o médico num espaço central e os demais profissionais da área da saúde em espaços periféricos, muitas vezes esquecidos, como se a atuação daquele fosse extremamente necessária, sendo tão importante quanto a medicina. Esses outros profissionais são os enfermeiros, farmacêuticos, dentistas, práticos, curandeiros, benzedeiras.

Para se manter como saber absoluto, no campo da saúde, a Medicina Científica desqualificou toda a sabedoria popular que não pudesse ser comprovada cientificamente. A medicalização da sociedade levou a uma restrição da autonomia das pessoas para se autocuidarem, a tal ponto

---

<sup>80</sup> *Jornal O Nacional* 22 jan. 1927, p. 3, sob o título de “Agradecimento”, assinado por Carlos A. Cáceres, em 21 jan. 1927.

que praticamente qualquer ousadia em tratar os problemas de saúde, sem orientação médica, é condenada.<sup>81</sup>

A disputa pelo campo de atuação médica é fator que leva a um redimensionamento entre o significado do científico e do empírico. Essas práticas convivem constantemente com o saber e o fazer dissociados:

Bem entendido, havia duas medicinas: uma oficial, lutando contra suas próprias limitações; outra, a medicina popular, que articulava uma série de propostas terapêuticas em que se misturavam tratamentos tradicionais da medicina da época com as mais inusitadas mezinhas.<sup>82</sup>

Os médicos defendiam a profissionalização da medicina e colocavam-se contrários às práticas de curandeirismo e charlatanismo, muito usuais na época. No início do século, com o projeto de medicalização da sociedade, baseada nos preceitos científicos, várias medidas foram tomadas em todo o estado do Rio Grande do Sul:

Foram os médicos que dirigiam o ataque contra a liberdade profissional vivente no estado, responsável, no terreno da saúde, por um surto considerável de curandeirismo. A contínua e coesa resistência da classe médica a essa instituição, desde o final do século passado, deu margem a uma hostilidade crescente por parte do PRR com relação à Faculdade Livre de Medicina, entidade que coordenava essa oposição.<sup>83</sup>

---

<sup>81</sup> RIZZOTO, Maria Lucia Frizon. *História da enfermagem e sua relação com a saúde pública*. Goiânia: AB, 1999, p. 42.

<sup>82</sup> ABRÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre, 1918*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 87.

<sup>83</sup> BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Auguste Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 53.

A liberdade profissional, consagrada na Constituição Estadual do Rio Grande do Sul de 1892, dispunha sobre a liberdade do exercício profissional, o que, para a medicina, tornou-se um problema uma vez que a atuação dos práticos foi regulamentada, aumentando significativamente o número desses profissionais na área da saúde.

Tem causado aqui funda impressão, o caso de imperícia *médica* recentemente acontecido em Santa Maria e já comentado pelos jornais daquela cidade. Um aventureiro estrangeiro ludibriando uma família ali residente, assumiu o tratamento de um moço de 25 anos. Chegou a ponto de operá-lo, cortando pedaços dos intestinos com ferros unicamente desinfetados com água de poço. Três dias depois manifestou o tétano no paciente. A Justiça Pública apresentou denúncia contra o pseudomédico.<sup>84</sup>

Esses e outros casos de charlatanismo eram comuns, isso porque se, por um lado, os práticos eram reconhecidos como profissionais habilitados a exercerem as práticas médicas (por possuírem um conhecimento empírico significativo, atuando em benefício de suas comunidades), por outro lado, havia os que se aproveitavam dessa brecha para praticar a medicina, partindo do pressuposto de que não havia profissionais que suprissem as demandas sociais. Assim, era óbvio que ocorressem episódios como os da passagem transcrita.

As práticas de cura populares eram questionadas pelos médicos, o que se tornava conflitante em muitas situações, pois havia uma identificação entre os grupos

---

<sup>84</sup> Nota no jornal *O Nacional*, 24 dez. 1927, p. 2, sob o título de “A liberdade profissional”, remetida no dia de 23 de dezembro 1927, de Porto Alegre.



comunitários com curandeiros, benzedeiras, enfim, pessoas que estavam próximas de suas vidas, tanto por questões culturais como por questões econômicas. “Ao invés das explicações reducionistas da medicina, os sistemas religiosos de cura oferecem uma explicação à doença que a insere no contexto sociocultural mais amplo do sofredor”.<sup>85</sup>

O apelo do curandeiro, da benzedeira, enfim, daquele que cura são as orações, as palavras mágicas, centralizando no paciente a possibilidade de cura. Essa forma de tratamento não despersonaliza o paciente ao tratar o órgão doente, mas resgata esse sujeito que apresenta a doença de uma forma holística, como um todo integrado, e não como a parte que deve ser retirada, que deve ser amputada.

Esse fator da representação do tratamento de cura popular, aliado à falta de instituições hospitalares, às dificuldades econômicas e ao distanciamento do médico com os membros da comunidade em que atuava explica o porquê da resistência de parte da população à procura da medicina científica.

Dos profissionais da área da saúde que trabalhavam junto aos médicos, as parteiras demonstravam possuir maior autonomia, pois era hábito das mulheres buscarem nelas atendimento e auxílio quando do nascimento das crianças. Elas atuavam nos domicílios particulares das pacientes ou nas suas próprias residências e foram as profissionais que tiveram suas práticas aceitas por um

---

<sup>85</sup> RABELO, Miriam Cristina M. Religião, ritual e cura. In: ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, p. 47. Atualmente, existem muitos trabalhos abordando a questão das alternativas de cura na área da antropologia. A história brasileira apresenta aspectos indígenas, africanos e europeus que congregam magia e empirismo e que estão presentes na cultura contemporânea.

longo período de tempo. Mesmo que não fossem profissionais diplomadas, elas detinham conhecimento empírico, passado de geração a geração pela observação e acompanhamento da prática das parteiras mais experientes.<sup>86</sup>

Em Passo Fundo não era usual colocar-se anúncios de prática profissional de parteiras. Encontramos apenas um anúncio, em 1926, indicando o endereço e o atestado de sua competência de uma dessas profissionais, feito por médicos de Porto Alegre que atuavam na Santa Casa de Misericórdia:

Atesto que d. Belisia Beck, trabalhou durante três anos consecutivos na seção de cirurgia de mulheres e nos serviços de partos deste Hospital, tendo desempenhado muito bem as suas funções e estando habilitada para exercer com proficiência os cargos de parteira e enfermeira.<sup>87</sup>

Em 1928, uma notícia no jornal *O Nacional* apresenta uma denúncia contra Eponina Cosenza pela prática de abortos. A nota traz o título de “Fabricante de anjos”, criticando essas práticas, trazendo, inclusive o endereço da parteira.<sup>88</sup> Esse embate permaneceu por um mês, havendo pequenas notas de repúdio à parteira, designando-a como “discípula de Malthus”.

Não nos alarmemos, porque a semente perigosa do *malthusianismo* não germinará no Brasil, onde as mulhe-

---

<sup>86</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999. p.195.

<sup>87</sup> Jornal *O Nacional*, 4 set. 1926, p. 2. Aparecendo no período de dois meses consecutivos, no ano de 1926. Esse atestado foi assinado pelo diretor de Maternidade, dr. Mario Totta, e pelos médicos, Moysés Menezes, Alfeu Bicca de Medeiros e Gabino da Fonseca.

<sup>88</sup> Fabricante de anjos. Jornal *O Nacional*, 8 dez. 1928, p. 2.

res são boas esposas, boas filhas, boas irmãs, e sobretudo, o carinho e dedicação personificada para com os seus filhos, fazendo com isso a felicidade dos seus lares, e constituindo, acima de tudo, com sua abnegação e altruísmo, a grandeza da pátria à qual nos vinculam, elas próprias as mulheres.<sup>89</sup>

Como podemos perceber, é traçado um padrão feminino carregado de moralismos e juízos de valores que estavam presentes no imaginário da época, o que, em muitas situações não condiz com a realidade, pois, se existia a prática de aborto, não era tão somente por vontade da parteira ou por ela ser *discípula de Malthus* que ocorriam tais eventos. As práticas abortivas eram antigas e aumentaram, em muito, devido às próprias contradições que o sistema capitalista gerou, tornando-se um problema social e polêmico, pois algumas instituições sociais, como a Igreja, colocaram-se radicalmente contrárias a essa prática.

O aborto é uma questão polêmica até hoje e ainda considerado ilegal no Brasil, contudo é praticado em todas as camadas sociais pelos mais variados motivos, sejam de ordem econômica, sejam de ordem cultural, adultérios, relacionamentos ocasionais ou gravidez não desejada.

Alguns médicos escreviam artigos ao jornal local, como foi o caso de Casteletti, Antônio Carlos Rabello Horta, Fridberg, sobre assuntos que envolviam medicina e sociedade, tais como amamentação, doenças endêmicas, genéticas, aparelhos utilizados para técnicas de tratamento, enfim, temáticas variadas. Um desses artigos mostrasse peculiar em nossa pesquisa, por tratar da medicina aliada ao entendimento de mundo desses profissionais,

---

<sup>89</sup> Discípula de Malthus. Jornal *O Nacional*, 12 dez. 1928, p. 2.

intitulado “A triste lei da herança”, que tematiza a herança física, a herança moral, psicológica, mental. Seu autor, Casteletti, assim escreve:

O corpo tem as suas anomalias no desenvolvimento dos seus órgãos como o cérebro as tem no desenvolvimento das suas faculdades. Assim, como se nasce com predisposição orgânica para certas enfermidades orgânicas, se nasce igualmente com predisposição para determinadas enfermidades mentais. Há diathese física, e há diathese moral, porque o espírito não pode subtrair-se a certas leis que lhe determinam padecimentos, iguala-se aos dos corpos. A herança patológica que transmite de geração em geração a iminência mórbida para os sofrimentos do corpo, segue fatalmente a sua marcha e percorre as mesmas fases que a que transmite a herança psicológica para os padecimentos do cérebro.<sup>90</sup>

Além de medicalizar a sociedade, os médicos preocupavam-se em moralizar hábitos e costumes uma vez que se envolviam em muitos acontecimentos e conheciam detalhes sobre as pessoas, o que lhes atribuía poderes diferenciados de outros profissionais. Essa análise comparativa de que somos o que herdamos física e moralmente pode levar, em muitas situações, a conclusões precipitadas, o que constituiria uma aproximação com a teoria eugenista, muito usual na época.<sup>91</sup> No mesmo artigo,

---

<sup>90</sup> Jornal *O Nacional*, 05 jan. 1927, p. 2, sob o título “A triste lei da herança”, assinado por Casteletti.

<sup>91</sup> Segundo BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 23, que trabalhou com a saúde pública e medicina, um dos conceitos para a teoria eugenista seria a ciência que estuda as características raciais dos grupos humanos. No início do século, era afirmado que os brancos eram os mais perfeitos representantes da espécie humana; as demais raças teriam alguma dose de “inferioridade biológica”. No trabalho de WEBER, op. cit., p. 69-71, é traçado o histórico da teoria eugenista, que seria uma leitura da teoria evolucionista de Charles

Casteletti também aborda a questão da predisposição que alguns indivíduos têm para desenvolver determinadas doenças, como era o caso da tuberculose, e a forma como é transmitida a sífilis:

É freqüente que a criança, nascida de pais tuberculosos, não traga tubérculo em seu corpo, mas vem com a maldição da predisposição, os descendentes de pais que tenham sofrido de escrófulas, diathese caquética ou alcoolismo podem nascer com a diathese tuberculosa, porque a enfermidade sofre ao transmitir-se de uma verdadeira transformação. O mesmo não se dá com sífilis, filhos de pais sífilíticos, nascem já com esse terrível mal, quase na totalidade dos casos.<sup>92</sup>

O alcoolismo era outra preocupação de médicos e autoridades locais, que empreendiam campanhas saneadoras e moralizadoras, com apelos aos grupos sociais para que se redimissem e não consumissem esse produto. Além do álcool, o jogo seria um fator de desarticulação social, como descrito num artigo da época:

Aumentemos o número dos beneméritos que azorragam o vício, e empenhemos todo o nosso esforço nessa campanha benéfica que procura sanear a sociedade, anulando a ação perniciosa com o jogo, seu irmão colaço, lança na raça

---

Darwin, fundada pelo cientista inglês Francis Galton, em 1869, a qual buscava provar que a capacidade humana era função de hereditariedade, e não da educação. Sua aplicação visava à produção de nascimentos desejáveis e controlados, o controle de casamentos; incentivou uma administração científica e racial da hereditariedade. No Brasil, a teoria eugenista propagou-se na década de 1920 com a fundação de diversas ligas, associações, entidades e instituições baseados nesses preceitos; eram ligas antialcoólicas, de educação sexual, união pró-temperança, dentre outras, propondo a moralização da sociedade e, em particular, dos trabalhadores urbanos.

<sup>92</sup> BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

humana o gérmen da decadência física e moral. Guerra ao jogo! Guerra ao álcool!<sup>93</sup>

Assim como o álcool, o jogo, as doenças transmissíveis sexualmente e até mesmo outras doenças eram males que empobreciam a *raça humana*. Os artigos publicados na época traduziam o modo de pensar da comunidade local, quando se acreditava que, através de campanhas saneadoras e moralizadoras, com mudanças de hábitos, seria possível uma redenção social.

Como tentativa de publicar os conhecimentos científicos médicos, além da criação de sociedades médicas, começou a circular, por volta de 1926, a revista *Hygia*, impressa em Porto Alegre e distribuída pelo representante Túlio Fontoura na região.<sup>94</sup> Então, foi oferecido um piquenique na usina elétrica pelo médico Ulysses de Nonohay para divulgar a distribuição da revista na localidade, estando presentes médicos e membros da comunidade local.

São perceptíveis os espaços conquistados pelos grupos dos médicos na sociedade, além de serem os atores no ambiente hospitalar, no sentido de implantar nessa instituição os conhecimentos científicos da medicina; são valorizados como agentes e autoridades na comunidade, ocupando cargos políticos, em clubes de serviços, em academias, associações, enfim, integrando-se como uma parcela da elite intelectualizada.

---

<sup>93</sup> Jornal *O Nacional* de 5 jan. 1927, p. 1, intitulado “Alcoolismo” e assinado com as iniciais G. B.

<sup>94</sup> Jornal *O Nacional*, 29 jan. 1927, p. 5. Os médicos, Henrique Frydberg, Odilon Oliveira, Arthur Leite, Ivo Ferreira, alguns comerciantes locais, Max Avila, Quinto Giongo, Diogenes Nunes e outras pessoas da comunidade estavam presentes no evento, que foi incentivado pelo diretor da Comissão de Terras, Leopoldo Villanova.

## 1.4. A criação das instituições hospitalares em Passo Fundo

A instalação dos hospitais em Passo Fundo é decorrente do processo de desenvolvimento pelo qual a cidade estava passando nas décadas de 1910 e 1920. A existência de um espaço terapêutico para os cuidados com a saúde, com o tratamento das doenças, era indispensável para pensar o ordenamento urbano.

Esse processo de criação dos hospitais teve uma trajetória específica nessa cidade, pois as duas primeiras instituições hospitalares constituir-se-iam no cenário principal da disputa entre dois projetos distintos. É visível, por um lado, a existência de projeto de laicização da sociedade, defendido pelo grupo maçom ou maçônica, enquanto, por outro, percebe-se a necessidade de expansão do catolicismo, levado a efeito pela Igreja Católica.

O Hospital de Caridade, iniciativa de um amplo grupo da sociedade local, teve como principais dirigentes os integrantes da maçônica.<sup>95</sup> Os maçons eram defensores do pensamento laico – sendo na sua maioria anticlericais – e, também, adeptos de concepções científicas.<sup>96</sup> Por seu turno, o Hospital São Vicente de Paulo foi iniciativa de um grupo de católicos, e procurava efetivar a expansão e legitimação do catolicismo em Passo Fundo.

O Hospital de Caridade foi fundado em reunião popular em 20 de julho de 1914, constituindo-se em uma

---

<sup>95</sup> No período existia apenas uma loja maçônica em funcionamento na cidade, a loja Concórdia do Sul, fundada em 1898 e que sobrevive até nossos dias.

<sup>96</sup> O conceito de *cientificista* entendido aqui deriva de uma tendência do pensamento do século XIX, identificada a partir da crença de que a ciência é capaz de resolver todos os problemas de valor e de implementação de valores na vida humana.

sociedade beneficente destinada ao tratamento médico de seus associados e da população em geral.

Nessa época, ocupava o cargo de intendente municipal o tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, que participou da reunião popular para a criação do Hospital de Caridade, bem como um grupo da sociedade local. Nessa ocasião, foram definidas as prioridades a serem estabelecidas para o encaminhamento do projeto de implantação do hospital, que seriam: a proposição de eleição de uma comissão para dirigir provisoriamente a sociedade, a arregimentação de sócios, a elaboração de estatutos e a promoção dos trabalhos necessários, bem como a escolha do terreno.<sup>97</sup>

A preocupação com a assistência aos pobres é significativa, não somente pelo que o nome do hospital sugere (caridade), mas também pelo fato de sua origem estar relacionada a uma campanha para combater os prejuízos da seca e da praga de gafanhotos que assolara o município. Em 1906, foi criada a Liga Protetora dos Pobres de Passo Fundo, uma sociedade assistencial que angariou recursos econômicos através de ampla mobilização, a qual envolveu uma parcela significativa da sociedade.<sup>98</sup>

---

<sup>97</sup> Ata de fundação do Hospital de Caridade em 20 jul, 1914, Ata n. 1 e GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. v. 2, p. 61-62. As pessoas que estavam presentes na referida reunião seguem relacionadas: Pedro Lopes de Oliveira, Jonathas dos Santos Magalhães, José Lucas Dias, Oswaldo Caminha, Horacio de Oliveira Bastos, dr. Fernando de Carvalho, Antônio Fernandes da Motta, dr. Nicolau de Araújo Vergueriro, Augusto Flores Salgado, Brasílico Lima, Armando Annes, Eugênio Frando di Primio, Antônio de Bittencourt Azambuja, José Lucas de Castro, Mário Lemos Braga, Irineo de Oliveira Goulart, Annibal da Silva Lemos, Juvenal de Oliveira Xavier, Theodoro Ribas, Miguel Kraeff, Florindo Peres, João Brandisco de Almeida, Manoel Rozendo, João Caetano, Antônio Simão, João de César, Guerino Cecconi, dr. João J. Ruiz, Marciano dos S. Machado, Diniz Fernandes, Júlio Muller, J. Luiz C. Nobre, Helvética Rotta, Antonina Xavier e Oliveira, João Virgilino e Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

<sup>98</sup> Estatutos da Liga Protetora dos Pobres de Passo Fundo. In: COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história*:



Em virtude dessa ação conjuntural, surgiu a idéia de colocar os recursos disponíveis no caixa dessa liga para a concretização de um projeto maior, que seria a formação de uma sociedade para construir um hospital na cidade.

O próprio nome escolhido remete à idéia de amparo a quem é carente, pobre, sem condições, como era o hospital medieval cristão – lugar de caridade. Por outro lado, é perceptível a defesa da liberdade religiosa como uma das premissas básicas, constante no artigo 3º do primeiro estatuto, com data de 22 de novembro de 1915:

A existência do Hospital será inteiramente alheia às religiões em geral, mas aos seus doentes será garantido o direito de receberem o conforto daquelas a que pertencem, contanto que não afetem ou melindrem as demais.<sup>99</sup>

A construção do hospital passou por várias etapas, constituindo-se num projeto social que envolveu um número cada vez maior de pessoas de todos os setores da sociedade local, inclusive dos distritos, as quais se empenharam em campanhas para obtenção de recursos econômicos.<sup>100</sup> Para essa sociedade ter um amparo legal, foi necessária a realização de algumas medidas, bem como a publicação dos estatutos da entidade no *Diário Oficial*

---

1914-1994. Passo Fundo: Ediupf, 1994, p. 51-57. Os objetivos traçados eram de fornecer alimentação, agenciar trabalho para quem precisasse e amparo às crianças desvalidas. Tinha como recursos as mensalidades dos sócios (um mil réis por cada sócio) e os donativos doados por pessoas da comunidade. Os donativos eram feitos em espécie e nunca em dinheiro. Teve como presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira e como tesoureiro Jeronimo Savinhone Marques, que elaboraram um estatuto com todas as disposições relacionadas ao funcionamento da sociedade.

<sup>99</sup> Primeiro Estatuto do Hospital de Caridade. In: COLUSSI, op. cit., p. 59-82.

<sup>100</sup> No encerramento das atividades anuais de 1914, o saldo em caixa da Sociedade Pró Hospital de Caridade era de 775\$000 do montante arrecadado; no final de 1915, o saldo foi de 4:386\$000; em 1916, de 7:688\$770; em 1917, de 19:195\$685; em 1918, de 32:306\$850 e,

do Estado, em janeiro de 1915. Em dezembro de 1920, houve uma primeira reformulação, alterando o tempo da gestão da diretoria e do conselho administrativo para quatro anos.<sup>101</sup>

As tarefas dessa sociedade de regimentação de sócios, arrecadação de verbas e defesa dos princípios propostos prolongaram-se por seis anos, sem que ainda houvesse o funcionamento efetivo do hospital enquanto instituição, mas, sim, apenas uma sociedade reunida em torno de um mesmo objetivo. Foi um projeto que se concretizou a longo prazo, conforme o entendimento de Francisco Antonino Xavier e Oliveira:

Construir um Hospital em condições de bem servir a sua delicadíssima função, por certo que é empresa para a qual os contos de réis devem afluir a mãos cheias, porque se de um lado as construções que ele requer imprescindivelmente dependem de avultadas despesas, que de modo algum poderão ser atenuadas sem prejuízo às rigorosas condições técnicas que a ciência lhes prescreve e sem as quais não lograria impor-se como estabelecimento de primeira ordem,  
[...]

---

em 1919, de 46:240\$005. Percebe-se um aumento significativo no saldo dessa sociedade em decorrência dos depósitos das contribuições dos seus sócios. Esses dados estão presentes na *Evolução econômica* que se encontra em OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Por uma grande obra - APPELLO aos corações bons de Passo Fundo. In: COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história: 1914-1994*. Passo Fundo: Ediupf, 1994, p. 39. Na ata nº 5, datada de 21 de fevereiro de 1915, observamos que as comunidades de Carazinho, Quatro Irmãos, Soledade, Restinga e Palmeira fizeram suas propostas para serem aceitas como sócias. Em Carazinho, as pessoas ofereciam-se para fazer propaganda, sendo que o proprietário do cinema local ofereceu o estabelecimento para realizar um espetáculo naquele espaço em benefício do hospital.

<sup>101</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v. p.71.

por outro lado as inúmeras instalações complementares, o vasto material e o volumoso conjunto de acessórios indispensáveis ao seu bom funcionamento, são outras grandes válvulas por onde o dinheiro terá de escoar-se a grandes jorros, sob pena de não conseguir ele um aparelhamento capaz de corresponder às sérias necessidades do melindroso papel a que se destina, de acautelar a saúde do público.<sup>102</sup>

A obra de construção do Hospital de Caridade levou cinco anos e meio para ser concluída, exigindo constantes mobilizações para a concretização do projeto. Eram arrecadadas quantias pelas mensalidades dos sócios, realizavam-se campanhas de doações, festas e solicitavam-se donativos.

Houve a criação do serviço da Caixa dos Pobres em janeiro de 1918, que se constituía num atendimento aos pobres e desvalidos com remédios, assistência médica, dietas e socorro. Para isso, foram distribuídas caixinhas de coleta aos estabelecimentos públicos e comerciais.

Em julho de 1918, foi instituída uma organização feminina composta por senhoras, senhoritas e meninas, chamada “Amparo de Caridade”. As *amparadoras*, como ficaram conhecidas, tinham como tarefa angariar donativos da comunidade e organizar a festa da caridade anual em comemoração ao aniversário da fundação da Sociedade Pró-Hospital de Caridade, cujos donativos revertiam a esta instituição. Um de seus lemas era: “O *Amparo da Caridade* é acionado pelos impulsos mais

---

<sup>102</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Por uma grande obra - APPELLO aos corações bons de Passo Fundo. In: COLUSSI, op. cit., p. 40.

nobres, mantendo em seu seio a mais ampla confraternização das almas”.<sup>103</sup>

De acordo com os estatutos de 1919, as *amparadoras* não pagavam mensalidades como os sócios; trabalhavam auxiliando na coleta de donativos e angariando novos sócios para o hospital e tinham como missão:

Nós as amparadoras somos as abelhas desta formosa colmeia que é o Amparo da Caridade. Assim como as dou-radas abelhas vão às flores buscar o suco para o abençoa-do mel que sustenta a sua colmeia, também nós buscando o perfume dos corações que sabem sentir a desgraça do próximo, neles colhemos auxílios para a grande e meritó-ria obra do Hospital de Caridade, engrandecendo e glo-rificando a nossa colmeia querida, que é o Amparo da Caridade.<sup>104</sup>

As *amparadoras* usavam um distintivo, um peque-no laço de fita nas cores do hospital, e assinavam a ins-crição num tipo de caderneta em que havia o compro-metimento de angariar novas *amparadoras* e novos só-cios para o hospital, considerado “asilo benemérito onde os míseros enfermos encontrarão conforto e carinho a sua desdita”.<sup>105</sup> Nessa caderneta, chamada “álbum das am-paradoras”, elas registravam os nomes e os donativos que conseguiam obter durante o seu trabalho.

No período de 1914-1920, foram empossadas e elei-tas sete diretorias do hospital; foram realizadas sessões de encontro das diretorias, escolha da localização dos ter-

---

<sup>103</sup> Álbum das Amparadoras, publicação feita em 1919 e distribuída à popu-lação.

<sup>104</sup> Idem.

<sup>105</sup> Idem.

renos e uma constante manutenção de propaganda em prol da construção do mesmo.<sup>106</sup>

As duas quadras de terreno nas quais se localiza o Hospital de Caridade foram doadas pela Intendência Municipal em 1915 para a sua construção, sendo concedido o alvará desses terrenos em 1919.<sup>107</sup> Em 1917, por concorrência pública, foram escolhidos os construtores do hospital, tarefa destinada a João de César, que fez a empreitada da obra. Os médicos Arthur Oliveira Leite e Fernando Carvalho foram solicitados a opinar sobre a melhor localização do prédio do hospital e a planta que ele deveria ter.

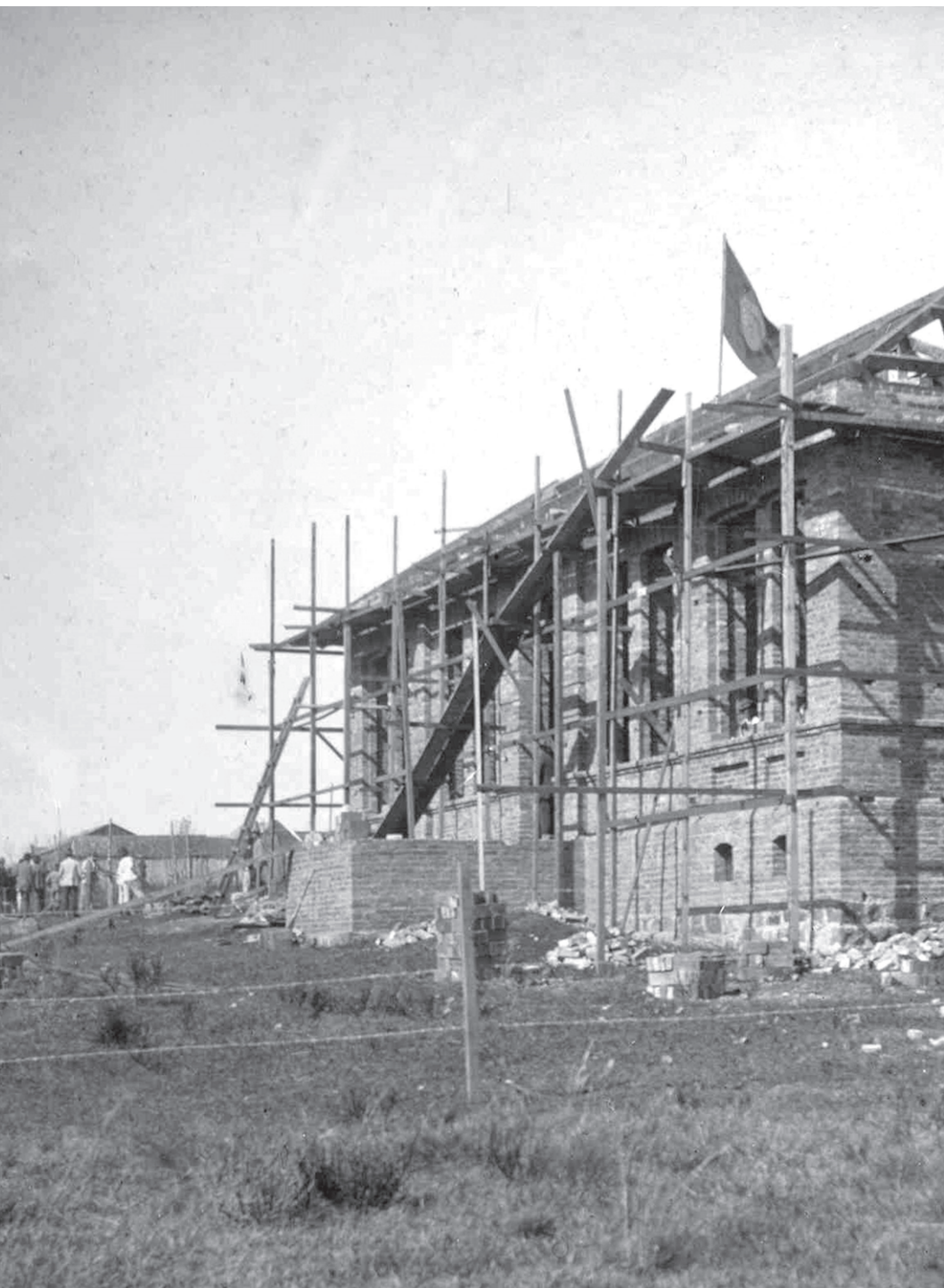
A idéia inicial do projeto era de que seria composto por quatro edifícios. No central, haveria sala de espera, consultórios, sala de curativos, duas enfermarias, uma para mulheres e outra para homens, e salas para doentes especiais. Posteriormente, seria construído outro edifício, projetado para os serviços administrativos; outros dois pavilhões em madeira serviriam um para isolamento, dividido em duas seções, uma para mulheres e outra para os homens, e o outro serviria de necrotério. As construções foram contornadas com o plantio de árvores frutíferas e ornamentais e foi feito ajardinamento.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> Atas do Hospital de Caridade. A primeira diretoria empossada tinha como presidente Francisco Antonino Xavier e Oliveira; vice-presidente Jonathas dos Santos Magalhães; secretário Osvaldo Caminha; tesoureiro Cap. José Lucas Dias. Nos anos subsequentes, houve eleição anual até 1920, sendo eleitos os diretores do mês e representantes da assembléia geral. Disposto no AHR da UPF. (GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v., p. 61-83)

<sup>107</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Por uma grande obra -APPELLO aos corações bons de Passo Fundo. COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história: 1914-1994*. Passo Fundo: Ediupf, 1994, p. 43. Foi criada na planta da cidade uma nova praça pública em frente aos terrenos doados para a construção do hospital.

<sup>108</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. Por uma grande obra -APPELLO aos corações bons de Passo Fundo. COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história: 1914-1994*. Passo Fundo: Ediupf, 1994, p. 43-44. Esse capítulo é intitulado "Santa obra".





Primeiro prédio do Hospital de Caridade de Passo Fundo, em construção. Década de 1910.



Em 1918, em decorrência da epidemia de gripe espanhola, foi montada uma enfermaria em uma casa alugada no centro da cidade para atender aos doentes.<sup>109</sup> Foram tratados em torno de 76 doentes, sendo-lhes fornecida assistência médica, receituário, dieta e socorros.<sup>110</sup> A Intendência Municipal fez algumas doações ao hospital para conter a propagação da doença, o qual também recebeu outros auxílios em dinheiro:

O Hospital de Caridade, de que é prestimoso presidente, o sr. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, estabeleceu uma enfermaria provisória para recolher os enfermos indigentes e o proletariado sem recursos, à qual mandei suprir de cobertas de cama, subvencionando-a com quantia em dinheiro, tudo na importância de 2:500\$000.<sup>111</sup>

Em dezembro de 1918, foram suspensas as atividades da enfermaria, sendo salientado o trabalho do médico Armando Vasconcellos, que atendera aos doentes em seu consultório e até mesmo no seu domicílio. Em 1919, os funcionários da estrada de ferro, que haviam sido atendidos nesse hospital por terem sido acometidos da gripe espanhola, tomaram a iniciativa de fazer uma doação em dinheiro da Caixa de Socorro da Viação Férrea para o Hospital de Caridade.<sup>112</sup>

Ainda em 1919, foi iniciada a construção do segundo bloco do hospital, com o construtor Luiz Ricci, nomean-

<sup>109</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, 3 v., p. 66.

<sup>110</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990, 3 v., p. 41.

<sup>111</sup> Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente coronel Pedro Lopes de Oliveira, na reunião ordinária de 1920, p. 14-17, intitulado como "Saúde Pública".

<sup>112</sup> GEHM, op. cit., p. 67.



do-se uma comissão para avaliar essa obra juntamente com os médicos e o presidente Josino Marques.

O levantamento da cumeeira do hospital, em agosto daquele ano, foi motivo de festividade, com apresentação da banda de música do Tiro de Guerra 225, passeata com as *amparadoras*, alunos e professores do Colégio Elementar, fazendo-se presentes também sócios e outras pessoas da comunidade. Em outubro, foi decidido que seria feita a construção de um pavilhão em madeira, destinado a servir de enfermaria para tratar de tuberculosos.<sup>113</sup>

Em setembro de 1920, o hospital começou a funcionar, contando com o auxílio de Ivo José Ferreira, proprietário da Farmácia Serrana, que fazia o aviamento de fórmulas de medicamentos, pois o hospital não dispunha de farmácia própria. Alguns médicos doaram instrumentos, como o material de trabalho médico, cedido por Nicolau de Araújo Vergueiro e Ivo Barbedo, e instrumentos cirúrgicos, por Adelgides de Figueiredo.<sup>114</sup>

Em 1926, foi iniciada a primeira reforma do hospital, sendo realizada uma pintura geral do interior e colocação de novos mobiliários nos quartos e nas enfermarias; construiu-se um pavilhão para cirurgia de acordo com os preceitos higiênicos, que incluía uma sala anexa para preparações. Houve também a colocação de uma caixa d'água com motor elétrico para conduzir água encanada para todo o prédio, o que ficou ao encargo do construtor João de César.

Além das reformas estruturais, houve também uma remodelação administrativa, com a contratação de profissionais com prática adquirida em outros hospitais do es-

---

<sup>113</sup> GEHM, op. cit., p. 69-70.

<sup>114</sup> GEHM, op. cit., p. 71.



Inauguração do Hospital de Caridade  
de Passo Fundo. 1920.



tado, sobretudo para trabalhar nas enfermarias e no setor administrativo.<sup>115</sup>

Alguns problemas de ordem financeira eram comentados pela comunidade local, como se depreende deste artigo do jornal, que apresenta, inclusive, uma nova proposta à instituição:

Sabemos também, de fonte segura, que é pensamento da atual diretoria do Hospital de Caridade, logo que as obras de reforma estejam terminadas, solicitar à assembléia geral autorização para requerer ao Sr. Intendente Municipal a municipalização da benemérita instituição que tão assinalados serviços sempre tem prestado aos indigentes e necessitados deste município.<sup>116</sup>

As reformas do prédio do hospital estavam concluídas em janeiro de 1927, o qual pôde, então, redimensionar o seu atendimento e buscar soluções aos problemas que eventualmente surgiam:

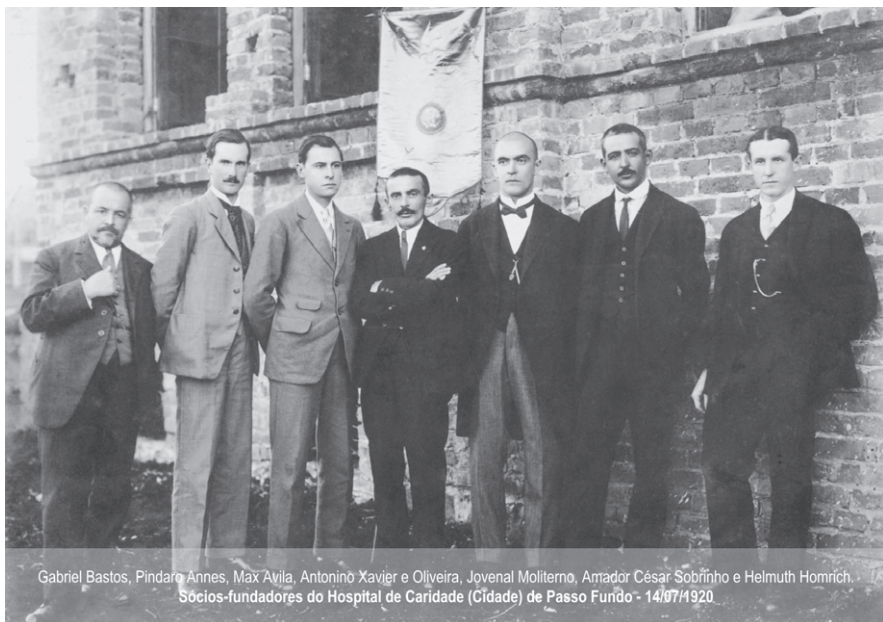
Na visita que ontem ali fizemos, tivemos efetivamente excelente impressão da ordem reinante e do movimento da casa. Essa atividade não pode ser melhor demonstrada do que pela estatística de cirurgia da semana que findou. Por estas notas que nos foram fornecidas a nosso pedido, vê-se que o Hospital de Caridade entra atualmente para um novo período de florescente progresso, aliás, justa recompensa para os seus diretores que com tanta energia o mantiveram, sem ensarilhar armas, nos tempos de maior penúria.<sup>117</sup>

---

<sup>115</sup> Jornal *O Nacional*, 4 ago. 1926, p. 1. e 29 jan. 1927, p. 2.

<sup>116</sup> Idem, Jornal *O Nacional*, 4 ago. 1926, p. 1.

<sup>117</sup> Jornal *O Nacional*, 29 jan. 1927, p. 2.



Gabriel Bastos, Pindaro Annes, Max Avila, Antonino Xavier e Oliveira, Jovenal Moliterno, Amador César Sobrinho e Helmuth Homrich. Sócios-fundadores do Hospital de Caridade (Cidade) de Passo Fundo - 14/07/1920

Sócios-fundadores do Hospital de Caridade de Passo Fundo: Gabriel Bastos, Pindaro Annes, Max Avila, Antonino Xavier e Oliveira, Jovenal Moliterno, Amador César Sobrinho e Helmuth Homrich. 14/07/1920.

Em julho de 1927, sob a direção de Helmuth Homrich, o hospital recebeu, vindo do Rio de Janeiro, o material encomendado para reorganizar o seu serviço de cirurgia, que incluía material para esterilização, mesa para operações, lavatórios e demais objetos necessários.<sup>118</sup> Dias depois, a diretoria do hospital, em notas no jornal local, solicitava a compreensão e o auxílio da comunidade:<sup>119</sup>

<sup>118</sup> Jornal *O Nacional*, 13 jul. 1927, p. 2.

<sup>119</sup> Jornal *O Nacional*, 16 jul. 1927, p. 2.



para o fim de pagar o *deficit* verificado no balanço passado, conforme a publicação que saiu em outro local desta folha, a diretoria do Hospital de Caridade faz ao público em geral solene apelo, pedindo que sejam enviadas ofertas liberais em auxílio do caridoso estabelecimento, cujas portas sempre estão abertas aos miseráveis e desvalidos. Como os relatórios não podem mostrar tudo, a diretoria pede também a visita de todos os que desejarem ver o quanto esta instituição tem melhorado o seu serviço hospitalar.

A defesa do argumento de que esse hospital estava aberto aos pobres e desvalidos ocorreu em várias situações. Em 1928, localizamos um artigo em que se fazia a comparação do hospital com a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre, sendo referido ao reconhecimento que essa instituição possuía pelos serviços prestados, em contraponto à falta de apoio ao Hospital de Caridade por parte da sociedade local.<sup>120</sup>

Também possuímos em Passo Fundo, uma espécie de Santa Casa, guardadas as devidas proporções: O hospital de Caridade, ou mais propriamente o Hospital da Miséria. Quando se encontra por aí alguém, lançado à margem pela sociedade, desprovido de recursos e de saúde, um destes casos em que as próprias autoridades não sabem o que fazer, é o Hospital de Caridade o recurso que se lhes oferece.<sup>121</sup>

**Mencionavam-se os entraves desses serviços prestados e não reconhecidos:**

E dessa sua benemerência tira o hospital o seu maior prejuízo. Não só o aumenta a sua despesa em proporções pesa-

---

<sup>120</sup> Jornal *O Nacional*, 28 jul. 1928, p. 1.

<sup>121</sup> Jornal *O Nacional*, 28 jul. 1928, p. 1.

das, como corta sua renda, pois cria em redor de si essa aura de pobreza que afugenta os enfermos ricos que podem pagar e deixar lucro. A miséria é repugnante; ninguém quer vizinhar com o miserável.<sup>122</sup>

E ainda:

Com o Hospital só aprendemos uma coisa: mandar para lá os caídos da rua. Donativos, festivais, subscrições é mais elegante fazê-las para fins melhores.<sup>123</sup>

Nesse mesmo artigo, havia a solicitação de auxílio financeiro, pois a Santa Casa de Misericórdia recebia verbas significativas do governo municipal, estadual e até mesmo federal, importantes para seu funcionamento. Já a situação do Hospital de Caridade era outra:

É por esta razão que o Hospital de Caridade vive somente de subvenção do estado e de indiretos auxílios do município, não é caridade, é apenas necessidade. É impossível deixar morrer gente no meio da rua; é preciso que exista lugar para mantê-lo. De nosso público, porém vive o Hospital em completo esquecimento, prestando silenciosamente os seus valiosos serviços. É triste isso, principalmente quando tão belo exemplo nos vem da capital do estado.<sup>124</sup>

O artigo transcrito e publicado no jornal local teve como consequência a resposta do Hospital São Vicente de Paulo em três artigos diferentes, em que foi apresentado o histórico da instituição, a situação no período, os

---

<sup>122</sup> Idem.

<sup>123</sup> Idem.

<sup>124</sup> Idem.





Ampliação do Hospital de Caridade de  
Passo Fundo. Década de 1920.



relatórios comparando-os com o Hospital de Caridade e a defesa dos motivos pelos quais atendia a um menor número de indigentes, que seria a diminuição da chegada de indigentes no hospital, pois,

devido ao tratamento de grande número de indigentes em seu próprios domicílios, com fornecimento de remédios e alimentação, pelas Damas de Caridade e Sociedade Vicentina.<sup>125</sup>

Um segundo motivo seria que a Intendência inaugurara em 1925 a Assistência Pública Municipal, fornecendo médico, remédios e hospitalização. Um outro motivo mencionado seria que, nos regulamentos do Hospital São Vicente, era proibida a entrada de doentes sem assistência médica, por serem ignoradas as causas da doença. E, por fim, outro motivo mencionado para explicar por que esse hospital não recebia indigentes era que “o hospital de Caridade recebe o auxílio do estado, a elevada soma de 11:000\$ e o São Vicente, tão somente 2:300\$”.

Nesse sentido, é de conhecimento público que houve subvenção do governo do estado, intermediada por Nicolau de Araújo Vergueiro, para o Hospital de Caridade,

tendo em consideração o grande número de doentes pobres hospitalizados continuamente no Hospital de Caridade, o que constitui grave ônus na vida econômica daquela instituição, solicitará ao governo do estado que fosse aumentado para 12 contos de réis a subvenção estadual daquele estabelecimento pio.<sup>126</sup>

---

<sup>125</sup> Jornal *O Nacional*, 22 ago. 1928, p. 1, sob o título Hospital São Vicente de Paulo, parte III, assinado pelas iniciais O. R.

<sup>126</sup> Jornal *O Nacional*, 25 abr. 1928, p. 2.

O Hospital São Vicente de Paulo foi fundado em 24 de junho de 1918 pelos confrades da Sociedade São Vicente de Paulo, pelas zeladoras do Apostolado da Oração e pelo vigário da paróquia, padre Rafael Iop, além de várias outras pessoas católicas que uniram seus esforços para tal objetivo.

A Sociedade São Vicente de Paulo, fundada em 1916, baseava-se em agrupamentos denominados “Conferências Vicentinas”, constituídos por católicos e que tinham por finalidade prestar auxílio material e moral aos pobres: transporte aos hospitais de Porto Alegre e Santa Maria, donativos em alimentos e medicamentos, compra de caixões, cobertores, leite para as crianças, além de formar leituras, conselhos, informações, escolas etc.<sup>127</sup> O seu órgão de comunicação era a *Folha Vicentina*, cuja primeira publicação foi em 1919. Essa sociedade realizava reuniões periódicas e se mantinha com doações dos confrades, tendo sido a instituição que estruturou o Hospital São Vicente de Paulo.<sup>128</sup> Os zeladores e zeladoras que trabalhavam para a concretização da fundação do hospital eram oriundos de diversos distritos municipais e

---

<sup>127</sup> Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo, do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinqüentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo Fundo – 1968, p. 41- 42. Essa sociedade estava agregada à Sociedade São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro, o que lhe dava um suporte legal e jurídico. Passo Fundo pertencia à Diocese de Santa Maria, sendo que, nesse período, d. Miguel de Lima Valverde era o bispo da diocese. A primeira diretoria dessa sociedade foi constituída por Herculano Trindade, presidente; Antônio Caminha, vice-presidente; João Colavin, secretário; Nascimento Rocha, 2º secretário; Hermínio Biasuz, tesoureiro; João Nozari, 2º secretário. Houve quatro Conferências Vicentinas em Passo Fundo até 1938, a Conferência Nossa Senhora Aparecida, a Santa Teresinha, a São João e a São José, cada uma delas possuindo uma direção eleita por determinado período de tempo. Disposto no arquivo do Hospital São Vicente de Paulo (HSPV).

<sup>128</sup> Alguns nomes de fundadores do Hospital São Vicente de Paulo - HSVP: Rafael Iop, Herculano Trindade, Antônio Manoel Caminha, Atílio Corá, João Nozari, Hermínio Biasúz, Luis C. Rech, Alfredo Aimi, Isaías Piccoli, Ludovico Della Mía.

encarregavam-se de alistar sócios e receber os donativos em suas comunidades.<sup>129</sup>

O funcionamento do hospital iniciou-se a partir de outubro de 1918, numa casa alugada que serviu para as primeiras instalações, a qual foi adaptada e reformada, possuindo as seguintes acomodações: uma seção para homens, outra para mulheres; dois quartos de 2ª classe, um de 1ª classe; uma sala para operações, uma sala de visitas e outra casa para isolamento.<sup>130</sup> As irmãs de caridade Franciscanas de Cruz Alta foram escolhidas para atuar no atendimento dessa instituição.<sup>131</sup>

No mês de novembro de 1918, foram atendidos 76 pacientes acometidos pela gripe espanhola, que foram cuidados por enfermeiros; 15 deles faleceram, sendo quatro crianças e 11 adultos. A Intendência Municipal também auxiliou essa instituição com alguns recursos, conforme consta nesta comunicação:

Por outro lado, acordei com o humanitário padre católico, vigário desta paróquia, reverendo Rafael Iop, a imediata inauguração projetada do Hospital São Vicente de Paulo, a fim de serem nesses estabelecimentos ocorridos, por conta da Intendência, os enfermos pobres, cujo tratamento em domicílio fosse deficiente. Como é outra instituição de caridade, mandei suprir a esta tudo o que se verificasse necessário ao seu imediato funcionamento. As despesas gerais desse Hospital, por conta da Intendência foram de 1:958\$000.<sup>132</sup>

---

<sup>129</sup> Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo, do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinquentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo Fundo – 1968, p.19, sob o título “Como surgiu o Hospital São Vicente de Paulo”.

<sup>130</sup> Idem, p. 20.

<sup>131</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v. p. 45.

<sup>132</sup> Relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente coronel Pedro Lopes de Oliveira, na reunião ordinária de 1920, p. 14-17, intitulado como “Saúde pública”.

A inauguração oficial do Hospital São Vicente de Paulo ocorreu em dezembro de 1918, quando foi realizada uma missa campal pelo vigário da paróquia, contando com a participação de Pedro Lopes de Oliveira, intendente local, do vigário de Soledade, de representantes locais e dos distritos. O orador oficial, João Junqueira Rocha, disse em seu discurso que a ação católica e as obras de caridade feitas em benefício da humanidade eram monumentos mais importantes que os colossais monumentos da antiga Grécia e Roma.<sup>133</sup>

Naquele mês, começou a circular o *Livro de ouro*, para registro dos nomes das pessoas que doavam e dos respectivos valores. Neles constavam informações, como: “10\$000 réis, João Evangelista Lima, Attilio B. Corá”; “12\$000 Magdalena Azevedo”. Havia valores desde 10\$000 até 150\$000 réis. Ainda, tudo o que era doado era publicado, não só dinheiro, mas também móveis, alimentos, enfim, qualquer auxílio.<sup>134</sup>

Em 1919, foi publicado um relatório sobre o surgimento do hospital e as ações da associação, o qual foi distribuído aos sócios. Foi construída uma sala de operações, em madeira, por solicitação do médico Carlos Meyer. Nesse mesmo ano, foram redigidos os estatutos da entidade, os quais foram registrados em cartório.<sup>135</sup>

Em conjunto com a paróquia de Passo Fundo, em 1920, foi lançada a Campanha do Quilo, na qual as pessoas e as firmas podiam doar um quilo de cimento, farinha de milho, enfim, alimentos ou materiais de cons-

---

<sup>133</sup> Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo ao Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinqüentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo Fundo – 1968, p. 23-24, sob o título “Inauguração oficial do hospital.

<sup>134</sup> Boletim do Hospital São Vicente de Paulo, ano I, Passo Fundo, 24 jan. 1919. Disposto no arquivo do HSPV.

<sup>135</sup> GEHM, op. cit., p. 46.



Hospital S. V.





Pavilhões do Hospital São Vicente de Paulo. Passo Fundo. Década de 1920.

*Handwritten text:*  
Vicente  
Passo Fundo  
1920

trução de acordo com suas posses. Essa campanha aconteceu também nos distritos, de Marau, Saldanha Maranhão, Tamandaré, Sarandi, Faxinal, Bugre, Pontão, Butiá, Mato castelhano etc.

Em 1921, foi contratado o construtor João de César para realizar a construção do primeiro prédio do hospital, estipulado em sessenta contos de réis.

Em 1924, foi fundada a Sociedade Beneficente Damas de Caridade, composta por senhoras católicas da sociedade que realizavam quermesses, festas, chás dançantes, visando angariar donativos para auxiliar crianças e indigentes:<sup>136</sup>

a sociedade beneficente “Damas de Caridade” socorre atualmente 13 indigentes com uma pensão mensal de 8S000; auxilia 50S000 por mês aos meninos Sirpio Rosa e Assis Borges, no seminário de Santa Maria, contribui com 20S000 mensais, para auxílio das crianças pobres. A sociedade conseguiu por intermédio de sua presidente d. Manoela Garcia as seguintes subvenções: Banco da Província - 20S000 mensais; Banco Pelotense - 20S000 mensais; Banco do Comércio - 20S000 mensais.<sup>137</sup>

Essa sociedade, em conjunto com as Conferências Vicentinas, construiu o Asilo de Crianças Órfãs e Desvalidas Lucas de Araújo, próximo ao Hospital São Vicente de Paulo, em 1929.<sup>138</sup> As Irmãs Franciscanas de Maria Auxiliadora assumiram a direção dessa entidade mais tarde, em 1931.

<sup>136</sup> Jornal *O Nacional*, 21 jul. 1926, p. 3.

<sup>137</sup> Jornal *O Nacional*, 26 jun. 1926, p. 2.

<sup>138</sup> Conforme GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v., p. 91, em 1915, pelo testamento do tenente-coronel José Lucas de Araújo, foram doados seus bens para a construção de um asilo de crianças órfãs e desvalidas, mas somente em 1928



Os católicos organizaram-se em vários grupos de trabalho e em várias localidades para conseguirem realizar seus objetivos, tanto na construção do Hospital São Vicente de Paulo como na da catedral, dos asilos e orfanatos, ou de escolas. Isso foi valorizado pelos membros superiores do alto clero do estado do Rio Grande do Sul em 1930, quando d. João Becker esteve em Passo Fundo e visitou uma escola mantida pelos Vicentinos, a São Vicente de Paulo, reconhecendo os trabalhos realizados por essa congregação.<sup>139</sup>

Nesse contexto, as iniciativas de instauração dos hospitais justificam-se a partir do processo de urbanização delineado, configurando a cidade de Passo Fundo como um centro regional, mesmo sofrendo as mazelas decorrentes da dinâmica do espaço urbano, pela situação de precariedade do saneamento e higiene, além do descompromisso, em muitas situações, das autoridades municipais com o planejamento e com projetos para a cidade.

---

houve a organização da entidade que manteria esse asilo, que tinha como presidente Honorina L. Ávila; vice-presidente, Isaura Santos Sampaio; secretária, Conceição Santos de Carvalho, e tesoureira, Picucha Cunha de Souza. O asilo funcionou em várias casas até ser concluída a construção ao lado do hospital em 1929. Posteriormente, esse asilo e outras entidades passaram a funcionar na chácara de José Lucas Araújo, nas proximidades da avenida Presidente Vargas, no município de Passo Fundo.

<sup>139</sup> GEHM, op. cit., p. 50.



Primeiro prédio do Hospital de Caridade de Passo Fundo, em construção. Década de 1910.



Inauguração do Hospital de Caridade de Passo Fundo. 1920.



Ampliação do Hospital de Caridade de Passo Fundo.  
Década de 1920.



Ampliação concluída no Hospital de Caridade de Passo  
Fundo. Década de 1920.



Pavilhões do Hospital São Vicente de Paulo, Passo Fundo. Década de 1920.

## II.

# Passo Fundo: *modus vivendis* na virada do século XX

A cidade de Passo Fundo, no início do século XX, estava delineando seu processo de urbanização, definindo as suas opções a fim de dinamizar e implementar aspectos da modernidade. Para traçar um perfil da cidade no início do século, fez-se necessário entender a ampliação da rede dos serviços oferecidos à população. A criação dos hospitais foi o foco principal, mas outros aspectos significativos também foram evidenciados num processo anterior e concomitante ao surgimento desses.

O século XX chegou ao Brasil trazendo perspectivas de uma vida nova, com desenvolvimento e um progresso latente. Na verdade, foi preparado o terreno para a modernização, vislumbrando um processo com projetos de urbanização e industrialização, que passou pela abolição da escravatura, em 1888, e a Proclamação da República, em 1889; também, o processo de imigração já estava sendo definido e consolidado, e o Brasil, enfim, sinalizava um quadro de *emancipação e desenvolvimento*.

Entretanto, a modernidade no Brasil mostrou-se com muitas limitações. Percebemos uma realidade repleta de continuísmos, de problemas não resolvidos de anos precedentes, de vícios perceptíveis na prática política do contexto da sociedade brasileira etc. Conforme Carvalho:

no início da República nasceram ou se desenvolveram várias concepções de cidadania, nem sempre compatíveis entre si. Se a mudança de regime político despertava em vários setores da população a expectativa de expansão dos direitos políticos, de redefinição de seu papel na sociedade política, razões ideológicas e as próprias condições sociais do país fizeram com que as expectativas se orientassem em direções distintas e afinal se frustrassem. O setor vitorioso da elite civil republicana ateu-se estritamente ao conceito liberal de cidadania, ou mesmo aquém dele, criando todos os obstáculos à democratização.<sup>140</sup>

Utilizando como referência a máxima “tudo mudou para continuar como está” para nada mudar, a continuidade foi entendida e assimilada pela elite dirigente e transmitida nas esferas nacional, regional e local. Na local, Passo Fundo foi escolhida para análise desse período.

Neste trabalho, focalizam-se espaços não-formais da política a partir da década de 1910, especificamente as instituições hospitalares, que foram constituindo-se nesse período e despontaram no cenário como pólos antagônicos no campo das idéias, traduzindo um processo amplo e que vinha ocorrendo desde períodos anteriores, dividido entre a laicização ou a catolicização da sociedade.

O processo é rico para discussão, efervescente e dinâmico na prática social, mas caótico na realidade cotidiana

---

<sup>140</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 64-65



das pessoas comuns que compõem esse contexto. A guerra de 1914-1918, conflitos políticos regionais, como a manutenção do castilhismo no poder do estado do Rio Grande do Sul, instabilidades econômicas, doenças que se evidenciaram com maior ênfase, como a tuberculose e a gripe espanhola, enfim, os caminhos levaram, via de regra, à morte e não à vida como havia na suposição alentadora de modernização e desenvolvimento que o novo século traria.

Diante de um quadro não muito promissor, de continuidades, de permanências, sobretudo no que tange aos aspectos políticos, percebemos, entretanto, algumas ações significativas ao desenvolvimento local, as quais são questões para serem pensadas, como é o caso da salubridade e saneamento da cidade, da higienização do espaço urbano, despontando como aspectos que ainda não foram resolvidos em pleno século XXI.

## 2.1. O desenvolvimento da cidade, o crescimento da vila

O processo de formação da cidade de Passo Fundo remonta ao século XIX, mais precisamente, ao seu povoamento, que começou nas suas primeiras décadas. Iniciou-se com os tropeiros paulistas que utilizavam a região como caminho para levar gado à feira de Sorocaba, em São Paulo.<sup>141</sup>

Em novembro de 1847, Passo Fundo foi elevado à condição de freguesia, com a denominação de “Nossa Se-

---

<sup>141</sup> Ibidem, v. 2, p. 81-85. Algumas obras que tratam sobre o histórico de Passo Fundo desde o século XIX são: *Passo Fundo através do tempo*, de Delma Rosendo Gehm; *Passo Fundo: terra de passagem*, de Ney Eduardo Possap d'Ávila.

nhora da Conceição Aparecida de Passo Fundo”, pertencendo ao município de Cruz Alta, apenas desmembrando-se deste em 28 de janeiro de 1857, quando tornou-se município. A partir daí, definiram-se algumas características específicas e importantes em seu processo histórico.

Nessa época, as principais atividades econômicas de Passo Fundo estavam ligadas à agricultura e à pecuária de pequeno porte, fazendo-se presente o cultivo da erva-mate, do milho, feijão, trigo, amendoim, batata, arroz, em conjunto com a criação de gado vacum, cavalos e muiar.

Posteriormente, com a promulgação da instalação da vila de Passo Fundo, houve a criação da Câmara Municipal, composta por um secretário, um procurador, um porteiro e contínuo, um guarda municipal e um fiscal da vila. Havia, ainda, na vila, um juiz municipal, um delegado de polícia, um cabo e praças da Guarda Nacional.

Em 1859, já funcionava uma escola pública e, no ano seguinte, foi criada a linha de Correio para Rio Pardo. A vila contava com 43 casas de negócios, cinco ferrarias, três olarias e um bilhar; em 1861, foi construído o cemitério público.<sup>142</sup> Nesse período, começou a haver preocupação com a construção de uma estrada que ligasse Passo Fundo a Porto Alegre, por um caminho mais curto do que pela via costumeira, que passava por Rio Pardo.

Nesse sentido, vemos que o processo de *emancipação* foi sendo tecido, de forma que a ligação com outras regiões era imprescindível. Primeiramente, fez-se neces-

---

<sup>142</sup> Desde a transformação da feitoria em município, em 1857, Passo Fundo contava com sete distritos ligados à sede municipal, sendo dividida da seguinte forma: 1º distrito – Passo Fundo, sede; 2º – Campo do meio; 3º – Nonoai; 4º – Jacuizinho; 5º – Restinga; 6º – Soledade e 7º – Lagoão. Havia, nesse período, 8.208 habitantes, que estavam classificados como livres, libertos e escravos. Conforme: OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990, p. 82-83.



sário o traçado de estradas para ligação; num momento posterior, por volta da década de 1890, elaborou-se o projeto de construção da estrada de ferro, inaugurada em 1898. O transporte ferroviário contribuiu para um desenvolvimento significativo da cidade e região, pois trouxe uma revitalização econômica à cidade, além de encurtar caminhos, por passar, agora, por Santa Maria.<sup>143</sup>

As primeiras iniciativas de trabalho de profissionais autônomos ocorreram com os médicos Casemiro Antônio Bastide, entre 1842-1845, intitulado “cirurgião aprovado”, e Jorge Moojen, que clinicou na cidade entre 1850-1860 e atuou, ainda, como delegado de Polícia e inspetor de Ensino.<sup>144</sup>

A primeira banca de advocacia surgiu por volta de 1864, com a atuação de Antônio Ferreira Prestes Guimarães, representante do Partido Liberal, que exercia o ofício sem diploma de bacharel em Direito.<sup>145</sup> Mais tarde, outras pessoas também exerceriam a atividade de advocacia, como foi o caso de Gervásio Lucas Annes, representante do Partido Republicano, e Cândido Lopes de Oliveira, do Partido Liberal, os quais também ocuparam

---

<sup>143</sup> Conforme AVILA, Ney Eduardo Possap d'. *Passo Fundo: terra de passagem*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996, p. 126.

<sup>144</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v. p.122-123.

<sup>145</sup> FERREIRA, Mariluci Melo. A trajetória política de Prestes Guimarães. *Cadernos temáticos de cultura histórica*. Passo Fundo, n. 6, 1998, p. 38-49. Antônio Ferreira Prestes Guimarães, nascido em 1837, em Passo Fundo, ocupou cargos administrativos ao longo de sua vida pública, como a Guarda Nacional e Delegacia de Polícia. Atuou na política como representante do Partido Liberal; participou da Guerra do Paraguai, da fundação da Sociedade Emancipadora de Crianças do Sexo Feminino de Passo Fundo, em 1871, preparando o campo abolicionista. Foi eleito vereador no período de 1882-1886. Participou da Revolução Federalista, defendendo os interesses políticos do Partido Federalista, o que também pode ser considerado Partido Liberal, monarquista, gasparista e maragatos, colocando-se contrário à facção republicana e demarcando sua posição frente aos representantes deste sistema.

cargos políticos, revelando-se até mesmo como rivais já que representavam facções antagônicas.<sup>146</sup>

As conseqüências decorrentes do conflito militar contra o Paraguai, de 1864-1870, fizeram-se presentes no setor econômico em Passo Fundo, acarretando a estagnação da agricultura, com sua baixa produtividade, a falta de atenção aos setores produtivos, alguns dos quais ficaram até mesmo paralisados em função do envolvimento no conflito.<sup>147</sup>

Em contrapartida, por volta de 1870, iniciou-se uma maior diversificação no setor produtivo através do plantio de tabaco, café e algodão. Houve um incremento na indústria de artefatos de couro, com utensílios de montaria, principalmente a fabricação do lombilho, chamado de “serigote”, introduzido pelos imigrantes alemães.<sup>148</sup>

Nesse período, houve uma significativa entrada de imigrantes de várias nacionalidades no município; eram

---

<sup>146</sup> Conforme GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, v. 2, p. 144-147, Gervásio Lucas Annes, nascido em Cruz Alta, em 1853. Representante do Partido Conservador, após a proclamação da República, tornou-se o primeiro chefe republicano de Passo Fundo. Ocupou o cargo de escrivão da Coletoria Estadual, de promotor público; em 1893, foi nomeado coronel comandante da Guarda Nacional da Comarca; foi fundador do jornal *O Eco da Verdade*; foi intendente nomeado em 1893; vice-intendente em 1896 e em 1904; intendente eleito em 1908; vice-intendente em 1912 e reeleito vice-intendente em 1916. Também ocupou assento na Assembléia Legislativa Provincial em várias legislaturas, bem como Antônio Ferreira Prestes Guimarães e Cândido Lopes de Oliveira. Alguns dados de Cândido Lopes de Oliveira foram encontrados no livro de OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. op. cit., p. 97, 100, 118-119. Foi delegado de polícia, auxiliou na Guerra do Paraguai, enviando uma quantia em dinheiro; eleito vereador no período 1869-1873; participou da Fundação da Sociedade Emancipadora de Crianças do Sexo Feminino de Passo Fundo, entidade pró-abolicionista; foi membro do Partido Liberal.

<sup>147</sup> Existe uma estimativa sobre o recrutamento para esse conflito de aproximadamente dois mil homens, sendo também remetidas quantias em dinheiro para a compra de armamentos e auxílio às famílias pobres, através de doação de roupas e alimentos. In: OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier, p. 97-99.

<sup>148</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. v. 2., p. 12-13.

alemães, italianos, portugueses, franceses, uruguaios, paraguaios, espanhóis, os dois primeiros em número bem maior que os demais.<sup>149</sup> Os imigrantes imprimiram um panorama diferente à cidade, havendo uma modificação na dinâmica econômica: o comércio foi implementado com maior vigor; novas técnicas foram introduzidas para revitalizar o setor primário; as práticas da produção voltaram-se às pequenas propriedades, as colônias, em que era produzido o necessário para a manutenção dos núcleos familiares locais; houve também algumas novidades no setor de indústrias, com a introdução de curtumes, selarias e ferrarias.

O primeiro ciclo econômico da cidade de Passo Fundo foi o cultivo de erva-mate, que era produzida e comercializada localmente e como produto de exportação, especialmente ao Uruguai e ao Rio da Prata. No entendimento de Antonino Francisco Xavier e Oliveira, houve momentos de crise nesse setor:

A ambição desvairada que de tudo abusa, lançando mão da fraude, falsificou a manipulação dessa indústria. Daí proveio o descrédito da erva-mate serrana que em qualidade rivaliza com a erva-mate paraguaia, e é reconhecida superior à do Paraná.<sup>150</sup>

Outro ciclo desenvolvido no município foi a pecuária, mostrando, dessa forma, uma proximidade com a produção estadual do Rio Grande do Sul, mas que não despontava com resultados promissores, pois,

---

<sup>149</sup> Baseado nos Anais de OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier, op. cit., v. 2, p. 302-303 e também no capítulo sobre "O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo", do mesmo autor, publicado em 1931 no jornal *O Nacional*.

<sup>150</sup> Idem, p. 125.

sem embargo, fazendas de criar em grande escala, não oferecem seguros resultados – uma vez que a indústria pastoril serrana depende do sal, e esse, importado com custo, abre larga verba nas folhas das despesas; não podendo o produto assim gravado suportar as charqueadas a concorrência dos similares que afluem de outros pontos da província.<sup>151</sup>

Em 1902, a indústria madeireira trouxe um novo perfil à cidade, pois iniciou-se uma exploração intensiva das florestas de pinhais, atividade que se destacou como o terceiro ciclo econômico do município.<sup>152</sup> Esses ciclos estão diretamente relacionados com os interesses estaduais na tentativa de buscar alternativas ao setor econômico, uma vez que, esgotadas algumas das fontes de riqueza, era necessário criar novos recursos.<sup>153</sup>

O processo *modernizador* que a sociedade brasileira estava vivendo naquele momento pode ser traduzido por alguns aspectos significativos, como a proclamação da República, a transformação do trabalho escravo em assalariado e o processo de industrialização que estava sendo gerido e que aconteceria, de fato, na década de 1930 do século vindouro.<sup>154</sup> Nesse sentido, a cidade de Passo Fun-

---

<sup>151</sup> Idem.

<sup>152</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982, v. 1, p. 62-63.

<sup>153</sup> SILVA, Elmar Manique da. Ligações externas da economia gaúcha (1736-1890). In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: economia e política*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 79-81.

<sup>154</sup> Esse projeto é entendido como um conjunto de mudanças operadas nas esferas política, econômica e social que tem caracterizado os dois últimos séculos, exportadas pela Europa em nível global; alguns referem-se a esse processo como “europeização”, “ocidentalização”. Com o passar do tempo, esse termo sofreu uma abertura, envolvendo todas as esferas de forma conjunta, que pretende fornecer uma resposta aos questionamentos relacionados com os fatores que dão origem à variedade de formas políticas, sociais, econômicas distintas e diferenciadas. In: BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília. 12. ed., 1999, p. 768.

do, localizada no Planalto Médio gaúcho, demonstrou estar integrando-se e sofrendo influências desse contexto, o que, conseqüentemente, definiria o processo de desenvolvimento econômico regional.

A abolição da escravatura foi se difundindo em Passo Fundo com algumas iniciativas peculiares, isto é, foram feitas campanhas para emancipação dos cativos; foi fundada, em 1871, a Sociedade Emancipadora das Crianças Negras do Sexo Feminino, da qual fazia parte um número significativo de pessoas da comunidade, que auxiliavam as crianças com donativos, alimentos etc. Ainda em 1884, houve até mesmo a liberação de escravos do município, medida anterior à própria abolição nacional, ocorrida em 1888.<sup>155</sup>

A idéia de que a República traria uma vida diferente, no sentido de emancipação dos cidadãos, esteve presente no discurso dos partidos republicanos, porém a forma como ocorreu esse processo na prática deu-se de maneira diferente. Os discursos baseavam-se em idéias importadas da Europa, conforme identificamos:

já ficou registrado que o fim do Império e o início da República foi uma época caracterizada por grande movimentação de idéias, em geral importadas da Europa. Na maioria das vezes, eram idéias mal absorvidas ou absorvidas de modo parcial ou seletivo, resultando em grande confusão ideológica. Liberalismo, positivismo, socialismo, anarquismo misturavam-se e combinavam-se das maneiras mais esdrúxulas na boca e na pena das pessoas mais inesperadas.<sup>156</sup>

---

<sup>155</sup> Conforme OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. op. cit., p.117-120; GEHM, op. cit., v. 2, p. 29; FERREIRA, Mariluci Melo. A trajetória política de Prestes Guimarães. *Cadernos temáticos de cultura histórica*. Passo Fundo, n. 6, 1998, p. 37.

<sup>156</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 42

A Europa caracterizou-se, por muito tempo, como modelo referenciador de nossa elite dirigente, num processo contínuo de absorção de idéias e implementação de projetos. Nessa importação, adaptação e mescla de idéias, percebemos uma relação com o desenvolvimento de várias concepções de cidadania, motivadas por interesses conjunturais e que tinham um caráter um tanto restritivo, criando obstáculos à democratização.<sup>157</sup>

A proclamação da república brasileira, em 1889, foi recebida de forma conflituosa no Rio Grande do Sul. Em decorrência disso, houve a formação de dois blocos oposicionistas:<sup>158</sup> de um lado, havia o Partido Republicano Rio-Grandense; de outro, o Partido Federalista, instalando-se assim, uma disputa pelo poder político. Porém, eles não se mostravam contraditórios em relação a sua base estrutural, pois o conflito se dava pela disputa da organização do sistema político, que seria a República Liberal frente à República Conservadora.

A Revolução Federalista de 1893-1895 demarcou bem essa bipolarização entre os liberais, apelidados de “maragatos”, liderados por Gaspar de Silveira Martins, e os republicanos, apelidados de “pica-paus”, liderados por Júlio de Castilhos, e deixou conseqüências que se evidenciariam mais tarde, como foi a revolução de 1923 e a permanência do Partido Republicano no poder por trinta e três anos.<sup>159</sup>

---

<sup>157</sup> CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p. 64-65.

<sup>158</sup> TRINDADE, Héglio. Aspectos Políticos no Sistema partidário republicano Rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S.(Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993, p. 121.

<sup>159</sup> FAY, Claudia Musa. O legado da Revolução de 1893. In: FLORES, Moacyr (Org.). *1893-1895: A Revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993, p. 35.

No caso de Passo Fundo, também evidenciou-se esse conflito, cujas conseqüências tornaram-se presentes, por exemplo, na permanência dos republicanos na administração local ao longo do período de 1914-1928 e na própria disputa político-partidária ocorrida entre os republicanos e liberais. Constatamos tal disputa até mesmo na criação dos primeiros meios de comunicação, mais especificamente, dos jornais. O primeiro desses órgãos surgido em Passo Fundo foi o *Eco da Verdade*, fundado em 1890 e que circulou até 1892; era órgão do Partido Republicano, editado pelo advogado Gervásio Lucas Annes e foi substituído pelo *17 de Junho*, depois *Gaúcho*, fundado em 1899.<sup>160</sup>

Ainda nessa linha de representação política-partidária, tivemos *O Progresso*, *A Época*, fundado em 1921 e, por fim, *O Nacional*, fundado em 1925, seguindo as mesmas prerrogativas e orientações que anteriormente representavam os jornais do Partido Republicano.

Tivemos também *A Luta*, que circulou no município a partir de 1923, de curta duração. Em 1935, o *Diário da Manhã* foi fundado por Túlio Fontoura, divergindo e demarcando posições políticas antagônicas frente ao *O Nacional*, ambos subsistindo até a atualidade. Paralelamente à circulação e existência desses jornais, houve o surgimento de periódicos literários, *O Palco*, até 1900;

---

<sup>160</sup> Esses apontamentos sobre os periódicos foram escritos no jornal *O Nacional* pelo autor, cujo pseudônimo era João D'Outroira, em 15 de julho de 1925, p. 2. O autor, que era Francisco Antonino Xavier e Oliveira, escreveu o artigo em 1923, mas o publicou no jornal em 1925. Os jornais citados têm uma raiz em comum: eram meios de comunicação do Partido Republicano local. *O Eco da Verdade* tinha uma tiragem semanal, publicada aos domingos e impressa em antiquado e pesadíssimo prelo de mão, contando com colaboradores locais. No *17 de junho*, que também era republicano, a redação, a gerência e o corpo de colaboradores eram os mesmos de *O Eco da Verdade*, paralisado e extinto em 1893 em conseqüência da Revolução Federalista, pois era o porta-voz do castilhismo.

humorísticos, *O Avanço* 1909-1911; críticos, *O Guiso*, e de propaganda comercial, *O Viajante*.

Desde o final do século XIX, surgiram sociedades e associações culturais, em que uma parcela da intelectualidade passo-fundense participava ativamente, dentre as quais vale destacar o Clube de Amor à Instrução fundado em 1883 por um grupo de rapazes, sendo, em 1888, iniciada a construção de sua sede. Nele havia uma biblioteca e as reuniões ocorriam com a escolha de um determinado tema preestabelecido anteriormente para debate. A sua sede foi o local das oficinas do jornal *O Gaúcho* e do Clube Pinheiro Machado. Em 1891, surgiu o Clube Literário e Recreativo Passo-Fundense, que existiu por um curto período de tempo, até 1893, e que se fundiu com o Clube de Amor à Instrução em 1898.

A Loja Maçônica Concórdia III, fundada em 1876, teve como primeiro venerável Adão Schell e atuou por dez anos, encerrando suas atividades por razões de divergência política. Como sua sucessora surgiu a Loja Maçônica Concórdia do Sul, em 1889, tendo como primeiro venerável Pantaleão Ferreira Prestes.

A Societá Italiana Di Mutuo Socorso “Iolanda Margherita Di Savoia”, foi fundada em 1901 por iniciativa dos italianos residentes, sendo modificada sua denominação por decreto federal, em 1938, para Clube Caixeiral.<sup>161</sup>

O Clube Pinheiro Machado, fundado em 1904, foi criado para defender os interesses do partido republicano local e fortalecer a disciplina partidária, mas também visava à instrução e ao recreio de seus associados através de ensino cívico das grandes datas e personagens do

---

<sup>161</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v., p. 29-33.





Academia Passo-Fundense de Letras. Década de 1970.

passado histórico da República, montar uma biblioteca, um salão de jogos e proporcionar reuniões familiares. Possuía sede própria e acabou encampando o Clube Amor à Instrução; em 1929, cedeu espaço à Escola Complementar. Por consequência do Estado Novo, em 1938 passou aos cuidados da prefeitura, sendo abrigada em sua sede a Academia Passo-Fundense de Letras.<sup>162</sup>

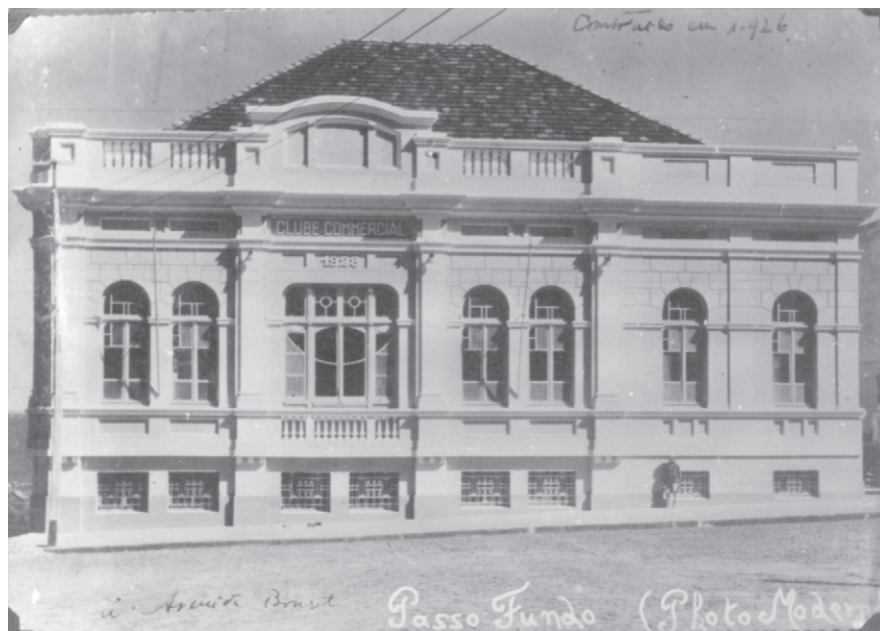
Uma outra forma de lazer e espaço cultural passou a existir com a instalação dos cinemas. O primeiro surgiu em 1915, num barracão de madeira de propriedade de Roberto Chaves, que mais tarde montou cinemas ao ar livre. Em 1917 foi aberto o Cinema Central, de propriedade de Joaquim Reichmann, onde aconteciam reuniões de clubes, do Hospital de Caridade, enfim, nele se realizavam outras atividades. Em 1920, surgiu o Coliseu, de propriedade de Florêncio Della Méa, que passou depois para outros proprietários.

O Clube Comercial foi fundado em 1912, com o objetivo de congregar a classe dos comerciantes, defender os seus interesses e promover diversões a seus sócios.<sup>163</sup> Em 1916, houve a fusão do União Sport Clube e o Clube Comercial, que passou a ser chamado Clube União Comercial.<sup>164</sup> Em 1925, foi realizado o lançamento da pedra fundamental para construção da sede desse clu-

<sup>162</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v., p. 34-36.

<sup>163</sup> Livro de Atas do Clube Comercial de Passo Fundo no período de 20 abr. 1912 a 1º nov. 1915, localizado no próprio Clube Comercial. A primeira diretoria foi composta da seguinte maneira: presidente, Arthur Schell Issler; vice-presidente, Gabriel Bastos; 1º secretário, Eugênio di Primio; 2º secretário, Mário Bastos; tesoureiro, Jorge Severo Schell; tesoureiro adjunto, Lino Schell de Quadros; 1º bibliotecário, Píndaro Annes; 2º bibliotecário, Modesto Silva e os diretores de mês, que foram os seguintes: Belmiro Guterres, Oribe Marques, Aparicio Langâro, Eduardo Kurtz, Theodorico Borges da Rosa e Mathias Schmengler. Uma comissão de três pessoas foi composta para organizar os estatutos: Manoel do Carmo, Jacob Theis e Juvenal de Oliveira Xavier.

<sup>164</sup> GEHM, op. cit., p. 84-85.



Clube Comercial de Passo Fundo. 1929.



Clube Comercial de Passo Fundo. Década de 30.

be, contando com a participação de várias autoridades políticas locais, representantes de grupos, associações e também pessoas da comunidade local.

Em 1913 houve a iniciativa de fundar a Associação Comercial de Passo Fundo, oficializada em 1921.<sup>165</sup> Em 1919, foi criado o Centro do Comércio e Indústria por iniciativa de pessoas que atuavam nesse setor e também nas cidades circunvizinhas, principalmente as que tinham em comum o trecho ferroviário entre Cruz Alta e Marcelino Ramos.<sup>166</sup>

Em 1921, quando foram reiniciadas as reuniões da Associação Comercial, os encontros aconteciam nas dependências do Clube Comercial e também no Clube Pinheiro Machado, sendo perceptível a participação significativa da elite local nessa entidade. Os nomes encontrados ali apareceram como membros atuantes em outras instituições sociais e tinham interesses comuns no desenvolvimento da cidade e região. Nesse mesmo ano, foi mandado um memorial ao presidente do estado comunicando a situação econômica enfrentada e solicitando abatimento nos valores dos fretes para os produtos da região:

expõe ao governo a situação de verdadeira paralisação dos produtos exportáveis desta região, principalmente a madeira, em face do aumento dos fretes da estrada a entrar em vigor de 20 de fevereiro em diante e propõe o alvitre de um abatimento de 50% nos fretes a entrarem em vigor para os produtos desta região que se destinarem a Porto

---

<sup>165</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v., p. 85. A primeira diretoria dessa sociedade foi assim composta: presidente, Arthur Schell Issler; vice-presidente, Otto Bade; secretário, Francisco Antonino Xavier e Oliveira; sub-secretário, Píndaro Annes; tesoureiro, Maximiliano Ávila; subttesoureiro, Nabuco Zirbes; assistentes, José de Petry e Justo Galves.

<sup>166</sup> *Ibidem*, p. 89.

Alegre, Rio Grande, Livramento, Uruguaiana e Marcelino Ramos, e bem assim, determinar uma tabela fixa para o cálculo dos respectivos fretes.<sup>167</sup>

Outro assunto que mobilizou os sócios da Associação Comercial foi um imposto de renda cobrado ao comércio e à indústria, o qual era considerado injusto:

em seguida estendeu-se em consideração sobre o imposto de renda, no qual está incluído os lucros do comércio e da indústria, taxando-o de injusto, por isso que, parte do nosso comércio local, tinha delegado poderes ao sr. Valentim do Monte, em Porto Alegre, para patrocinar em juízo a defesa deste comércio, a exemplo de outras praças do estado. Frisou a necessidade do comércio se unir num grande partido político, sem outra opção a não ser para o progresso da nossa pátria.<sup>168</sup>

As ferrovias eram controladas pelo governo e escoavam a maior parte da produção agrícola. Por isso, os produtores ficavam na dependência desses serviços para comercializar os produtos, situação mostrada num artigo da seção comercial: “Haja transporte e intensificar-se-ão os trabalhos agrícolas, e o volume de produção aumentará dando como resultado o barateamento da vida”.<sup>169</sup>

Os problemas enfrentados com o transporte eram constantes. Seguindo essa ordem de reclamações, foi remetido um telegrama que continha um abaixo-assinado de comerciantes locais ao chefe de tráfego da Viação Férrea

---

<sup>167</sup> Livro de atas da Associação comercial. Ata n. 2, 28 jan. 1921, da reunião dos comerciantes e industrialistas de Boa Vista e Passo Fundo, encontrada na ACISA.

<sup>168</sup> Livro de atas da Associação comercial. Ata n. 5, 29 jan. 1922, da Assembleia Geral.

<sup>169</sup> *Jornal O Nacional*, 15 jul. 1925, p. 3.

do Rio Grande do Sul, Frederico Dahme, em Porto Alegre, sobre os despachos avulsos armazenados por muito tempo nos galpões da estrada de ferro. No documento, lê-se:

Apela Vossa Senhoria tomar urgentes providências serem aumentados numerosos *wagons* taboletas destinos Rio Grande, Santana e Uruguaiana, pois mês de junho não conseguimos fazer despachos e neste mês só fizemos um despacho 1.500 quilos, estamos ainda armazém cheio de mercadorias, falta *wagons* nas referidas linhas.<sup>170</sup>

Eram, ainda, listados vários comerciantes e empresas comerciais que assinavam o documento.

É perceptível um desenvolvimento econômico significativo na cidade e na região no período compreendido entre 1860 e 1934, acontecendo, primeiramente, um crescimento maior no setor comercial, que ocorria entre diferentes regiões do interior do Rio Grande do Sul e também com o mercado nacional; posteriormente, houve um avanço no setor industrial, que produzia também para o mercado regional adaptado ao setor primário da produção.<sup>171</sup>

A abordagem de alguns pontos relativos à evolução econômica e à ampliação dos serviços oferecidos possibilitou o entendimento de questões relacionadas à criação dos hospitais e ao processo de urbanização ocorrido nas décadas de 1910 e 1920 em Passo Fundo. O espaço urbano foi delineado, apresentando aspectos relativos à ex-

---

<sup>170</sup> Jornal *O Nacional*, 18 jul. 1925, p. 2.

<sup>171</sup> TEDESCO, João Carlos; KALLIL, Rosa Maria; DAL MORO, Selina Maria. Uma primeira aproximação do processo de urbanização na região de Passo Fundo: "Moço esta ida não vai ter volta"! *Teoria e evidência econômica*. Passo Fundo: Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo, 1993, p. 19

pansão e ao crescimento, sendo perceptíveis também as mazelas decorrentes desse processo, como a desorganização do espaço, o crescimento sem planejamento, a falta de iniciativas dos administradores locais para resolver os problemas apresentados.

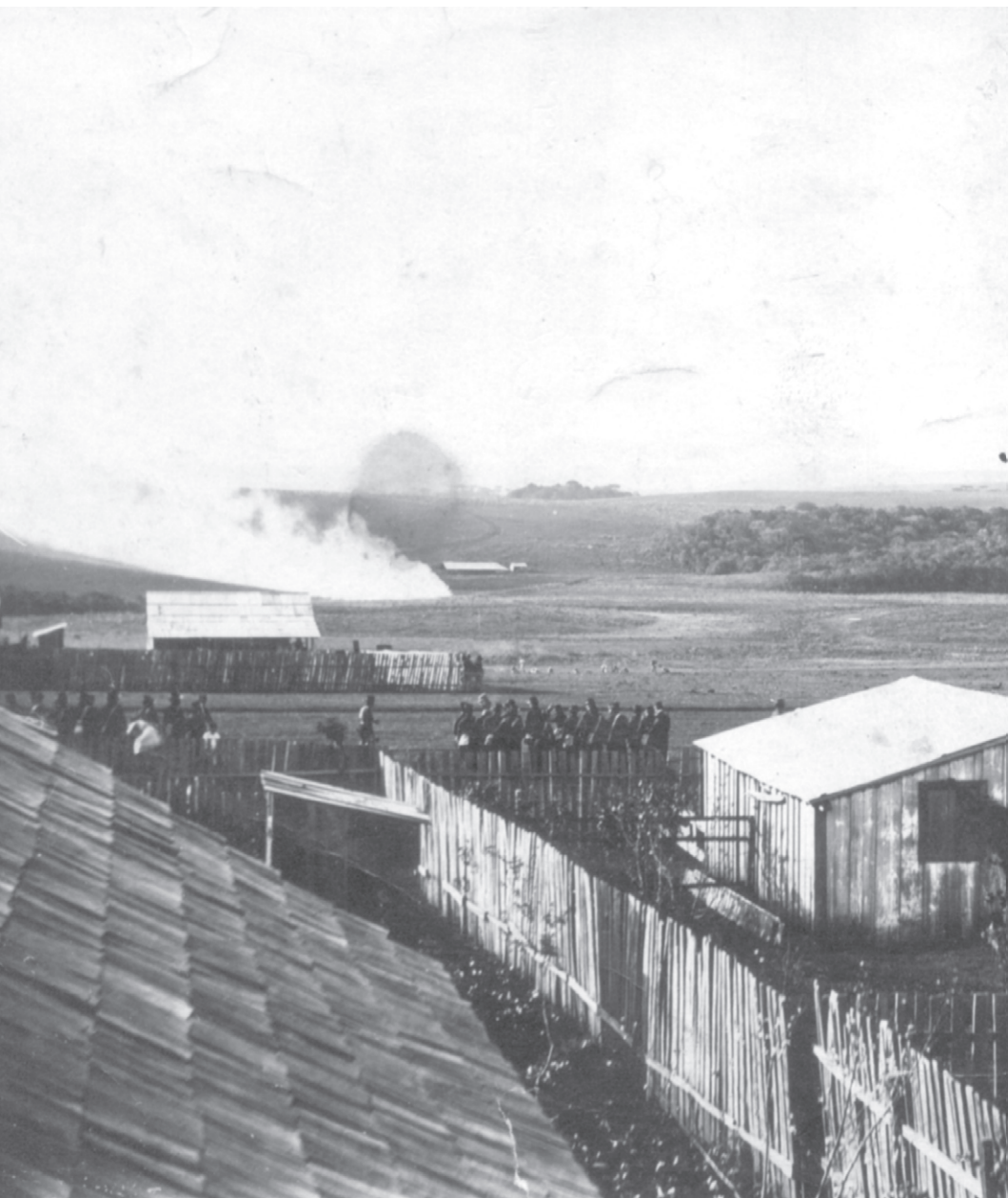
## 2.2. A dinâmica do espaço urbano – os focos das mazelas

O desenvolvimento da cidade de Passo Fundo no início do século XX mostrou uma dinamicidade nas suas atividades econômicas; por outro lado, as contradições inerentes ao processo de urbanização logo se fizeram presentes, como é exemplo a falta de saneamento e dos problemas decorrentes disso, presentes até a atualidade.

O espaço urbano, agente regulador e mantenedor de uma série de pressupostos à vida social, configura na cidade a localização das disputas políticas, dos jogos de poder, das definições sociais dos grupos divergentes. É o espaço urbano do início do século em Passo Fundo que relacionaremos com a prática social de seus agentes, os médicos, os administradores municipais, os políticos, a elite local, traçando rumos e projetos a serem defendidos e concretizados. Tal pressuposto baseia-se em Roberto Lobato Corrêa:

O espaço urbano capitalista – fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campos de lutas – é um produto social, resultado de ações acumuladas através do tempo, e engendradas por agentes que produzem e consomem espaço. São agentes sociais concretos, e não um mercado invisível ou processo aleatórios







Passo Fundo em 1912  
(atualmente bairro Rodrigues).



atuando sobre um espaço abstrato. A ação destes agentes é complexa, derivando da dinâmica de acumulação de capital, das necessidades mutáveis de reprodução das relações de produção, e dos conflitos de classe que dela emergem.<sup>172</sup>

A constituição dos agentes que produzem e consomem espaço é significativa à compreensão do processo histórico, possibilitando entender-se como esse espaço foi produzido, como foi elaborado, quais as circunstâncias que envolveram a sua consagração enquanto cenário integrante da trama histórica.

O tema central deste trabalho é o surgimento dos dois primeiros hospitais em Passo Fundo e suas conseqüentes inter-relações políticas, sociais e comunitárias. Em boa medida, essas instituições surgiram como fruto de projetos distintos, constituindo-se em espaços não formais da política e também como campos de atuação da elite econômica, social e intelectual da cidade, que neles revelou a amplitude do debate ideológico na defesa desses projetos.<sup>173</sup>

Por outro lado, esses conflitos impunham limites à realização e concretização do projeto de criação dos hospitais, visto que os grupos mantenedores dividiam-se, sofrendo as conseqüências advindas desse processo.<sup>174</sup>

Em contrapartida a esse espaço urbano que tem uma dinâmica interna própria, com suas características espe-

---

<sup>172</sup> CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1986, p. 11.

<sup>173</sup> Esses projetos serão tratados detalhadamente em um momento posterior, mas, de antemão, trata-se do projeto maçônico, o laico frente ao projeto católico, que é resultado de toda uma reformulação nas diretrizes desta instituição religiosa.

<sup>174</sup> Essas conseqüências serão tratadas no terceiro capítulo, que versa sobre os grupos mantenedores das instituições hospitalares.

cíficas, influências de fatores externos foram significativas, demonstrando haver uma relação direta com fatores locais, pois havia uma dependência intrínseca desses em relação a outros.

Importantes acontecimentos, como a Guerra Mundial de 1914-1918, tiveram repercussões locais, influenciando nos rumos de projetos políticos e econômicos, conforme percebemos na mensagem de Pedro Lopes de Oliveira:

Entre a Europa e os países da América do Sul, estes e seus estados e ainda estes e seus municípios, existe, naturalmente, na relatividade, um sem número de circunstâncias que os liga na vida econômica, estabelecendo dependência nas suas estabilidades.<sup>175</sup>

A mesma autoridade informava que estavam sendo tomadas medidas preventivas para atenuar os efeitos da guerra:

nos poucos meses que decorrem após a declaração da guerra, notamos já a preocupação dos poderes públicos em prevenir as suas terríveis conseqüências; já regulando a alta dos preços de gênero de primeira necessidade ao consumo público, já protegendo e fomentando a agricultura como medidas debeladoras da carestia de vida que nos ameaça.<sup>176</sup>

É perceptível nessa mensagem a preocupação com o desenvolvimento do conflito mundial europeu de 1914-

---

<sup>175</sup> Mensagem do coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente do município no período de setembro de 1914. Os relatórios anuais da Intendência Municipal de Passo Fundo encontram-se no AHR da UPF.

<sup>176</sup> Mensagem do coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente do município no período de setembro de 1914.

1918 e as conseqüências dele decorrentes, como a falta de produtos e o seu encarecimento, e também com a questão da neutralidade, que o Brasil optou por defender nesse período frente aos acontecimentos:

Consoante a atitude neutral do Brasil, em procedimento harmônico com o do governo do estado, mandei divulgar amplamente no município, publicando no jornal *O Gaúcho* desta cidade, o dec. federal n.º 11.037 de 4 de agosto de 1914 do corrente ano, regulando as condições de sua neutralidade.<sup>177</sup>

As relações estabelecidas entre Europa e América e as relações internas neste último continente, entre os países e estados, demarcam, ainda, nesse período, a íntima relação de dependência que havia de uma região a outra. Era possível, então, às autoridades locais fazerem previsões de situações que viriam a ocorrer, como foi o caso dos problemas econômicos e políticos que o conflito criou, pelo envolvimento de vários países europeus. O Brasil, contudo, oficialmente, optou pela posição neutral, isto é, não apoiou nenhuma nação em especial.

Como o estado do Rio Grande do Sul vivenciou o processo de imigração, havendo uma entrada significativa de imigrantes europeus, tal posição neutral era interessante e se fazia presente nos discursos políticos. A administração passo-fundense preocupou-se em manter a *ordem* estabelecida, evitando conflitos e reiterando essa questão, defendida pelo governo central.<sup>178</sup>

---

<sup>177</sup> Mensagem do coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente do município no período de setembro de 1914.

<sup>178</sup> OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. O elemento estrangeiro no povoamento de Passo Fundo. op. cit., p. 251-285. A entrada de estrangeiros, como é referido por este autor, ocorreu em 1834-1847, inicialmente com alemães, por volta de 1865-1870; os registros apontaram para o número

Manter a ordem para conseguir o progresso era um dos enunciados positivistas presentes no projeto da época, modernista e desenvolvimentista, que tinha a Europa como modelo referenciador.<sup>179</sup> Nesse sentido, vemos que o Estado brasileiro aderiu a esse projeto, tendo como uma de suas prioridades a organização dos espaços urbanos. As grandes cidades sentiram isso mais enfaticamente, mas os centros urbanos menores também sofreram as conseqüências e buscaram resolver os problemas de forma própria, adequando-se a essa realidade.

No Rio Grande do Sul, o ideal positivista difundiu-se significativamente, apresentando-se de diversas formas no período que foi de 1870-1930: o *positivismo de orientação política*, que, a partir da Constituição do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), sob a orientação de Júlio de Castilhos, foi implementado, tornando-se uma

---

de 29 alemães, dois austríacos, um inglês, dois franceses, dois italianos, sete portugueses, um americano, um argentino e um uruguaio; também houve a entrada no município de brasileiros de outras localidades. Entre 1870 e 1880, foram registados os seguintes números: 11 alemães, dois suíços, dois portugueses, dois paraguaios e nove teuto-brasileiros (brasileiros de origem alemã). Entre 1880 e 1890, os registros apontam a entrada de três alemães, um austríaco, dois suíços, 11 italianos, sete portugueses, um paraguaio e cinco teuto-brasileiros. E, por fim, os registros apontados na pesquisa foram até 1898 e mostraram o seguinte número: um alemão, cinco austríacos, 23 italianos, um espanhol, um português. Essas listagens existentes na obra possuem os nomes das pessoas que entraram em Passo Fundo no período referido, e não somente a estatística numérica. O autor publicou na forma de artigos no jornal *O Nacional*, com datas de 25/09/1931 até 11/11/1931.

<sup>179</sup> *Dicionário de ciências sociais*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas (FGV) e Ministério da Educação e Cultura (MEC), 1986, p. 938-945. O termo *positivismo* é proposto para o conjunto de concepções expressas por Auguste Comte, filósofo francês (1798-1857), constituindo-se numa doutrina dotada de coerência, que formou escola e influenciou a sociedade nos planos cultural e político, caracterizado pelo impulso dado à orientação cientificista do pensamento filosófico, atribuindo à constituição e ao processo da ciência positiva importância capital ao progresso de qualquer província do conhecimento. A sociologia positiva compreende uma parte estática, que é o estudo do organismo social, e uma parte dinâmica, que analisa a evolução humana. A estática representa a ordem social e a dinâmica, o progresso.

doutrina; o *positivismo difuso*, que se disseminaria por várias áreas da vida intelectual, deixando marcante sua influência na educação e na medicina e, por fim, o *positivismo religioso*, que operou mais tardiamente, entre os anos de 1897-1908, no sentido de lastrear o programa positivista, valendo-se da moral e difundindo essas idéias entre os grupos mais intelectualizados do PRR e dos quartéis militares.<sup>180</sup>

Esses direcionamentos estabelecidos pelo PRR no Rio Grande do Sul interferiam nas diretrizes estabelecidas pelos municípios de uma maneira geral, pois, não sendo somente uma doutrina política, influenciaram nas ações governamentais, nos programas administrativos, constituindo-se esse ideal *modernizador* em algo convencional, que se tornou regra.

Analisando a relação entre a organização do espaço urbano o saneamento e a salubridade, percebemos que foram necessárias algumas medidas para definir um redimensionamento do espaço urbano, pensadas por diversos segmentos e entidades sociais. Os médicos salientavam-se como profissionais responsáveis por essa orientação, bem como os engenheiros, que tinham como função o planejamento dos projetos pensados e embargados; também tinha uma influência significativa o conjunto dos representantes políticos e do estado. A situação do crescimento desordenado, sem condições básicas de infraestrutura, era algo que levava esse conjunto de profissionais a tomarem medidas de profilaxia:

a urbanização, através do crescimento descontrolado da cidade, poluindo e prejudicando o fluxo do ar, recebeu

---

<sup>180</sup> Com base no texto de BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Auguste Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. RS: cultura e ideologia. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980, p. 34-59.



Cenas do desenvolvimento em Passo Fundo. Década de 1920.

atenção especial. As construções mal elaboradas e os pântanos, os córregos sujos e tortuosos, a qualidade de alimentação, os cemitérios e sepultamentos, enfim, tudo o que pudesse favorecer a propagação das doenças tornou-se objeto da ação transformadora da medicina. Para alcançar esses objetivos, o Rio de Janeiro no final do século XVIII e início no século seguinte recebeu benfeitorias públicas, sendo alvo de ações saneadoras, incorporadas daí em diante ao repertório das ações sanitárias no país, utilizadas no correr do século XIX e permanecendo em parte no período republicano.<sup>181</sup>

---

<sup>181</sup> TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1996, p. 93.

As medidas que vinham sendo adotadas acarretavam a (re)invenção da cidade como um espaço planejado, com definição de construções públicas e privadas conforme seus fins, com melhor estrutura de moradia, alargamento de ruas, iluminação, sistema de esgotos e escoamento de águas.<sup>182</sup>

Um exemplo disso em Passo Fundo foi a mudança do cemitério público da região central, ao lado da Igreja Matriz, que se tornou catedral, para o bairro Vera Cruz, o que ocorreu por volta de 1900-1902, na administração de Gervásio Lucas Annes.

Os médicos viam os enterros nas igrejas por uma ótica radicalmente diferente da que vimos até aqui. Para eles a decomposição de cadáveres produzia gases que poluíam o ar, contaminavam os vivos, causavam doenças e epidemias. Os mortos representavam um sério problema à saúde pública. Os velórios, os cortejos fúnebres e outros usos funéreos seriam foco de doenças e epidemias, mantidos por resistência de uma mentalidade atrasada e supersticiosa, que não combinava com os ideais civilizatórios da nação que se formava. Uma organização civilizada do espaço urbano requeria que a morte fosse higienizada, sobretudo os mortos fossem expulsos de entre os vivos e segregados em cemitérios extra-muros.<sup>183</sup>

---

<sup>182</sup> O termo *(re)invenção* é proposto para uma definição sobre a questão do planejamento urbano e da medicina social atuando na modernização do meio social, uma vez que todo o processo industrial além de trazer um surto urbano considerável, produziu um degradado ambiente urbano, por isso a necessidade de (re)invenção, tendo como modelo as principais cidades mundiais do período, Paris, Chicago, Washington e, no caso brasileiro, Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte. Dentro dessa perspectiva, ver o trabalho de SOUZA, Célia Ferraz de; DAMASIO, Cláudia Pilla. Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha. In: PANIZZZI, Wraza M.; ROVATTI, João F. (Org.). *Estudos urbanos* – Porto Alegre e seu planejamento. Porto Alegre: Ed. da Universidade Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993, p. 133-145.

<sup>183</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 247.



O início da construção do primeiro matadouro municipal, que se deu por volta de 1911, também mereceu atenção da administração local, sendo submetido à fiscalização para controle de seus serviços.<sup>184</sup>

Esses espaços possibilitavam a emanação de fatores pútridos e, por isso, precisavam estar localizados nas zonas periféricas da cidade, sendo perceptível nas palavras de Gervásio Lucas Annes tal preocupação:

O serviço fúnebre está exigindo a aquisição de um carro para o transporte de cadáveres, não só devido à distância do cemitério e ao número de sepultamentos, que já se fazem, como também para melhor observância dos preceitos higiênicos.<sup>185</sup>

Esse processo de (re)invenção na cidade de Passo Fundo aconteceu de forma diferente em momentos específicos; na verdade, temos a própria constituição desse espaço urbano pela importação de modelos de centros urbanos maiores, o que não traduz uma (re)invenção, mas, talvez, a própria invenção da cidade.

O engenheiro Saturnino Rodrigues de Brito destacou-se no cenário brasileiro e no Rio Grande do Sul por seus estudos na área de engenharia sanitária e de saneamento. Realizando diversos estudos em cidades brasileiras, observou os problemas graves que elas apresentavam, como as águas servidas que corriam pelas sarjetas, a falta de luminosidade nas casas, os amontoamentos nas

---

<sup>184</sup> GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. v. 2, p. 119 e v. 3. p. 62 e 78.

<sup>185</sup> Mensagem apresentada ao Conselho Municipal, pelo intendente coronel Gervásio Lucas Annes, em reunião ordinária de 1º nov. 1910, p. 4-5. Oficinas Typográficas d'ó Gaúcho.

ruas estreitas. Ainda, enfatizou a forma como deveriam ser encarados esses problemas num de seus discursos:<sup>186</sup>

O fato é que já se cuida das cidades como se cuida dos indivíduos: os princípios fundamentais são os mesmos, - os higiênicos; a sua aplicação deve começar desde a aldeia, para o organismo “cidade”, como deve começar desde a infância para o organismo “homem”.<sup>187</sup>

[...]

hoje, 1917, os administradores inteligentes e previdentes, como o são os das cidades de Rio Grande, Pelotas e Porto Alegre, para só citar as principais, estão prudentemente impondo aos seus concidadãos os programas de melhoramentos; mas quem conheça o caráter deste povo, mesmo sem conhecer o Estado, prevê que amanhã será o próprio povo a exigir que acelerem as obras públicas, que satisfaçam as suas aspirações de ordem e progresso porque não lhes faltará o justo apoio contemporâneo e o merecido reconhecimento do porvir.<sup>188</sup>

Nas décadas de 1910 e 1920, aconteceram fatos significativos, como a construção de sobrados e palacetes na região central da cidade, de sarjetas nas ruas, com o embelezamento da cidade, a troca de postes de iluminação e melhoramentos das praças, a construção de prédios para as casas de comércio, dos hospitais, a instalação de linha de telefone.

<sup>186</sup> SOUZA, Célia Ferraz de ; DAMASIO, Cláudia Pilla. Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha. In: PANIZZI, Wrana M.; ROVATTI, João F. (Org.). *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre: Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993, p. 138-139.

<sup>187</sup> *Ibidem*, p. 138.

<sup>188</sup> SOUZA, Célia Ferraz de ; DAMASIO, Cláudia Pilla. Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha. In: PANIZZI, Wrana M.; ROVATTI, João F. (Org.). *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre: Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.



Carroças de recolhimento de lixo. Passo Fundo. Década de 1930.

Também se esboçava a preocupação com o sistema hidráulico e de esgotos uma vez que o crescimento da cidade provocava um desordenamento no espaço urbano. Em 1919, no governo do tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira, Saturnino de Brito elaborou um plano para o saneamento da cidade de Passo Fundo, cujo orçamento chegou a dois mil contos de réis, cifra essa entendida como um vultoso empreendimento; como consequência, houve o engavetamento do mesmo.<sup>189</sup>

---

<sup>189</sup> Jornal *O Nacional*, em 2 jan. 1926, p. 1. Publicação do Relatório da intendência, sob o título de “Administração municipal III – Higiene e Assistência Públicas” Disposto no AHR da UPF. O tenente-coronel Pedro Lopes de Oliveira foi conselheiro municipal no período de 1891-1895 e 1896-1900; foi eleito intendente para o período de 1900-1904, renunciando em junho de 1904, quando o vice-intendente Afonso Caetano de Souza assumiu; foi reeleito em 1904-1908, tendo como vice-intendente o coronel Gervásio Lucas Annes; em 1912-1916, tendo como vice-intendente o coronel Gervásio Lucas Annes e sua última reeleição, no período de

A proximidade dos poços de água com os resíduos fecais colocava-se como um problema nocivo ao saneamento da cidade, perceptível e mencionado em diversos períodos e que, ainda na atualidade, aparece como um problema não resolvido em muitos pontos de Passo Fundo. Colhemos alguns fragmentos de relatos sobre esse assunto: “Já a esse respeito escrevíamos em 1922: ‘É sabido que um grande número de moléstias infecciosas, como por exemplo, a febre tifóide, a disenteria, fazem da água o seu melhor conduto de contágio’”.<sup>190</sup>

O relatório municipal que trata sobre higiene e assistência pública esboça um panorama das doenças que se apresentavam como as mais perigosas, fazendo uma comparação entre a tuberculose e as infecções intestinais, que se responsabilizavam pelo altos índices de morte entre os passo-fundenses:

Os resíduos fecais, de todos os resíduos são os mais perigosos e nocivos, a facilidade do contágio úmido com os poços constitui um perigo permanente à saúde pública, cujas conseqüências desastrosas já se fazem sentir e tender a aumentar. Esgotos e hidrantes: eis o remédio.<sup>191</sup>

Esses melhoramentos, portanto, possibilitariam evitar a propagação e o crescimento de agentes transmissores, como os insetos, sobretudo os mosquitos.

Por outro lado, é perceptível no processo de caracterização da urbanização uma valorização aos profissionais

---

1916-1920, tendo como vice-intendente, novamente, o coronel Gervásio Lucas Annes, que veio a falecer em 1917, sendo substituído por Eduardo Manoel de Araújo. Conforme OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier. op. cit., p. 331.

<sup>190</sup> Jornal *O Nacional*, 2 jan. 1926, p. 1. Disposto no AHR da UPF.

<sup>191</sup> Idem.

que estavam pensando e construindo o espaço urbano, tais como engenheiros, arquitetos, construtores:

Devemos a gentileza do Sr. João de César, acreditado construtor aqui estabelecido, a relação das seguintes construções em projeto na Avenida Brasil: Um sobrado para o Sr. Herculano Trindade, um sobrado para a sede do Clube União Comercial; um sobrado para o Sr. Jacyntho Pereira Gomes e uma casa para a Livraria Nacional.<sup>192</sup>

A preocupação com o embelezamento da cidade era notável. A elite local passou a melhorar a aparência de seus domicílios e casas de negócios, bem como de seus espaços de lazer e entretenimento. Nesse reordenamento urbano, percebemos também alguns contrastes, como a existência de aspectos agrário-pastoris – plantações, animais, estrebarias, matadouros – coexistindo no espaço urbano – comercial e industrial – do início do século.

A iluminação era feita com lampiões a querosene nas residências e prédios públicos e privados, em conjunto com os postes do passeio público. Porém em lugares mais isolados, longe da região central da cidade, onde não havia lampiões, era comum até mesmo esbarrar em animais deitados ao relento durante a noite.<sup>193</sup>

No que concerne à utilização de poços e extração de águas subterrâneas, um dos únicos meios explorados para a obtenção de água, era essa uma preocupação dos profissionais atuantes na cidade de Passo Fundo, não só

---

<sup>192</sup> Relatório da Intendência, publicado no jornal *O Nacional*, ano 1, 1º jul. 1925, n. 4, p. 1. Disposto no AHR da UPF.

<sup>193</sup> SOUZA, Célia Ferraz de ; DAMASIO, Cláudia Pilla. Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha. In: PANIZZI, Wraza M.; ROVATTI, João F. (Org.). *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre: Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993. v. 2, p. 121-122.





Rua Bento Gonçalves. Passo Fundo. 1940.



da área médica, mas também daqueles que estavam planejando a cidade e o seu desenvolvimento. Isso se revela numa série de artigos que Ludovico Della Múa publicou no jornal local:

Os poços revestidos de paredes de tijolos são certamente os mais comuns e aos quais com maior freqüência, seja pela construção, seja pela localização, se devem atribuir os mais graves acidentes infectivos.<sup>194</sup> [...]

As epidemias, tanto a febre tifóide como cólera, originadas nas vizinhanças dos poços contaminados são numerosíssimas e por isso, no máximo interesse da salubridade pública, à localização dos poços deve presidir a mais rigorosa cautela, sendo de absoluta necessidade trazê-los sempre em completa limpeza.<sup>195</sup> [...]

o subsolo da área ocupada pela cidade está em parte – e o restante o estará também – contaminado pela sua aproximação das habitações, privadas, mictórios, estrebarias, águas servidas e pela pouca profundidade da camada hídrica, é de temer-se que a esta cheguem os líquidos impuros.<sup>196</sup>

A necessidade da existência de água encanada e esgotos era algo presente e constante em Passo Fundo, revelada no artigo transcrito, onde encontramos uma observação detalhada sobre os materiais com que se construíam poços e sua localização, os hábitos de vida, a higiene e o subsolo. É importante salientar que, para qualquer projeto público, faz-se necessário o envolvimento da administração municipal, com o estabelecimento de políticas administrativas. Logo, havia comparações com outros municípios:

---

<sup>194</sup> Jornal *O Nacional*, 31, out. 1925, p. 1. Artigo sobre as águas subterrâneas – poços, de Ludovico Della Múa, advogado local, integrante-membro das diretorias do Hospital São Vicente de Paulo. Encontrado no AHR da UPF.

<sup>195</sup> Idem.

<sup>196</sup> Idem.



Passo Fundo já se acha na altura de possuir água encanada e esgotos. Não devemos ser pessimistas e julgar esta cidade inferior à de Cachoeira que já tem esse melhoramento e à de Caxias onde breve lhe vão dar início.<sup>197</sup>

No contexto dos decênios de 1920-1930, essas preocupações aparecem nos jornais locais na forma de críticas, conclamando-se os políticos locais por não estarem agindo, quando importantes obras dessa natureza já estavam sendo realizadas em outras cidades.

Constatamos a preocupação com a salubridade das construções das casas locais também em outro artigo:

O viajante que chega a esta cidade e penetra no seu coração fica realmente muito bem impressionado com algumas boas edificações, que nela vê, mas, nota que a maioria é mal construída no arcaico sistema lusitano, sem ar e sem luz, contendo no seu seio a grande família, o que não está condizendo com a salubridade pública.<sup>198</sup>

**E sobre as condições das construções dizia-se:**

segundo uma autoridade no assunto, as principais condições que deve ter uma habitação para não ser insalubre, são as que se referem ao solo, sobre que está edificada, a casa, a água que o alimenta, o ar que banha os seus diversos compartimentos, e, secundariamente, a sua disposição à luz solar, ao aquecimento e mesmo à iluminação artificial de suas diferentes partes.<sup>199</sup>

---

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Artigo sobre a "Salubridade das casas", assinado por Oliveira Mesquita, no jornal *O Nacional*, 21 out. 1925, p. 1.

<sup>199</sup> Idem.

Eram estes os problemas que apresentavam as casas:

É de conhecimento banal a insalubridade dos domicílios úmidos, tão férteis em reumatismos, em bronquites e afecções seruphulosas, pois devem, eles isso ao solo em que repousam assim como à ausência ou à influência de materiais destinados a impedir que essa umidade passe gradualmente através da própria construção.<sup>200</sup>

Em 1930, quando da visita de Osvaldo Aranha, então secretário de Estado dos Negócios Interiores e Exteriores do Rio Grande do Sul, na gestão do governo de Getúlio Vargas, a cidade foi por ele elogiada pelas suas novas e modernas construções; contudo, demonstrou preocupação em relação ao saneamento urbano, esboçando algumas sugestões às autoridades, as quais foram publicadas num artigo escrito no jornal por alguém que não se identificou, mas que acompanhara a visita e o que o ministro dissera:

Quando o sr. Osvaldo Aranha esteve em P. Fundo, impressionado com o desenvolvimento da cidade, seus prédios modernos e seu movimento, com a franqueza natural em sua pessoa que tem, na frase de alguém, o coração na boca, mostrou logo a sua estranheza por não se cogitar, aqui, do saneamento urbano.<sup>201</sup>

O missivista apresentava algumas soluções:

E não só criticou, como imediatamente apresentou o remédio ao mal: vender a usina elétrica aos americanos e com

---

<sup>200</sup> Artigo sobre a "Salubridade das casas", assinado por Oliveira Mesquita, no jornal *O Nacional*, 21 out. 1925, p. 1.

<sup>201</sup> Esse artigo, sob o título "Saneamento urbano", integrando o editorial do jornal *O Nacional* de 3 jan. 1930, p. 1.



Detalhe da Avenida Brasil. Passo Fundo. 1939.

o produto da venda e mais um empréstimo, dotar-nos de águas e esgotos. Prontificou-se logo a enviar-nos aos americanos, na imperiosa necessidade própria de seu temperamento, de fazer imediatamente o que deve ser feito.<sup>202</sup>

A sugestão de vender a usina elétrica não se concretizou, porém temos dois fatos significativos nessa mensagem: a primeira é a proposição de venda e empréstimo aos Estados Unidos, com a intermediação de um político do estado do Rio Grande do Sul, e a segunda é a preocupação com o saneamento como algo que não poderia ser protelado, causador de moléstias e mortes, dentre

---

<sup>202</sup> Idem.

as quais as que atingiam crianças com uma maior incidência. Enfatizava a nota:

Não discutimos aqui as medidas propostas pelo sr. secretário do Interior, em sua passagem rápida por esta cidade. O que é certo porém é que s. s. tem imensa razão quando julgou que o saneamento de P. Fundo não pode ser protelado por mais tempo.<sup>203</sup>

A mensagem crítica o descaso da municipalidade, que não se manifestara sobre o assunto, sendo levantada a questão sobre a iniciativa do cel. Pedro Lopes de Oliveira, então intendente, que mandara executar por Saturnino de Britto o projeto de distribuição de águas e esgotos na cidade. No texto é feita uma comparação com outras cidades do estado do Rio Grande do Sul que já haviam providenciado as obras relativas ao saneamento, como Cruz Alta e Santa Maria. Novamente, então, a crítica dirigia-se à administração local:

Nosso sistema administrativo porém, resume-se numa simples palavra: protelar. Protela-se tudo. Enche-se o noticiário com o que se vai fazer no futuro, com as verbas que serão pedidas, mas, em verdade, quase nada se faz. Ai está a luz elétrica, a cadeia, o cemitério, as estradas... Promessas, projetos e nada mais.<sup>204</sup>

Nesse período, a Intendência tinha como representante Nicolau Araújo Vergueiro, que permaneceu no cargo até maio de 1930, quando assumiu seu vice, Henrique Scarpellini Ghezzi. As críticas feitas pelo anônimo refe-

---

<sup>203</sup> Esse artigo, sob o título "Saneamento urbano", integrando o editorial do jornal *O Nacional* de 3 jan. 1930, p. 1.

<sup>204</sup> *Idem*, p. 1.

rem-se às promessas feitas e não cumpridas, como menciona o texto em relação ao protelamento das obras públicas, e não se resumiam aos sistemas de águas e esgotos, mas também envolviam outras obras que não estavam se concretizando.

Os problemas oriundos do processo de urbanização em Passo Fundo exigiam respostas dos administradores locais, haja vista que, em muitas situações, desconheciam ou ignoravam os projetos já existentes e que estavam sendo implantados em outras cidades. No centro da discussão sobre modernização e urbanização, estavam presentes as medidas preventivas, saneadoras e garantidoras de saúde à população, pois as cidades se configuravam nos focos principais da instalação desse projeto.

### 2.3. Medidas preventivas e saneadoras – a modernização

À medida que os espaços urbanos são constituídos e as contradições desse processo são evidenciadas, torna-se necessário o estabelecimento de medidas que controlem a situação. Nesse sentido, a instauração de instituições hospitalares foi de fundamental importância para dar vida a projetos preventivos. Aliado a isso, outras medidas foram importadas e colocadas em prática nesse contexto.

As medidas preventivas e saneadoras da saúde eram preocupações que apareceram no contexto do século XIX no Brasil, como resultado da ação de médicos, intelectuais e, posteriormente, pela ação estatal. Foram, então, veiculadas importantes informações sobre as formas de transmissão de doenças, controle e tratamento de molés-

tias que existiam na época, tanto no que se refere ao espaço urbano quanto ao espaço rural.

Tais preocupações restringiram-se, contudo, aos grandes centros num primeiro momento, como o Rio de Janeiro (capital do país), São Paulo e Santos; posteriormente, foram expandidas ao restante do país, adotadas como metas de governos das províncias e dos municípios. Esses três centros urbanos brasileiros tornaram-se referência em programas de políticas de saúde pública uma vez que neles estabeleceu-se a porta de entrada ao capital externo e mão-de-obra imigrante.<sup>205</sup>

Era necessário resolver problemas com doenças epidêmicas, que delineavam um quadro de mortalidade e morbidade e se dividiam em dois critérios: as de caráter pestilencial, como foi o caso da febre amarela, varíola, cólera e peste bubônica, e as de caráter infeccioso e parasitário, envolvendo doenças como a tuberculose, a lepra e a febre tifóide, que requeriam uma atenção emergencial por parte do Estado brasileiro.

A medicina do século XIX esteve relacionada diretamente à questão do planejamento urbano. Mesmo que, nesse período, o planejamento urbano tenha sido realizado de forma rudimentar, não se pode ignorar a existência de uma pesquisa exaustiva sobre o meio urbano, utilizando noções de topografia, estatística, demografia, geografia etc.<sup>206</sup>

É interessante observar que, concomitantemente à regulamentação do exercício do saber médico institucionalizado, houve a preocupação com a modificação de

---

<sup>205</sup> BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Góes de. *Saúde e previdência: estudos de política social*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 42-43.

<sup>206</sup> TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1996, p. 92-93.

hábitos de higiene e a moralização da população. Na época, tornou-se, pois, comum circular entre os governantes alguns discursos imbuídos da idéia de que um país chegaria à civilização se estivesse saneado, higienizado:

Em primeiro lugar, está presente a idéia de que existe um “caminho da civilização”, isto é, um modelo de “aperfeiçoamento moral e material” que teria validade para qualquer “povo”, sendo dever dos governantes zelar para que tal caminho fosse mais rapidamente percorrido pela sociedade sob seu domínio.<sup>207</sup>

Tomando por base os preceitos europeus do *processo emancipatório e civilizador*, vemos que alguns padrões de higiene e de valores morais eram importados, como forma de nos tornarmos *civilizados* e pertencentes a uma nação em condições de tornar-se *desenvolvida*. Nesse sentido, vemos a importação de teorias sanitárias que desciam *em cascata* de um nível global (Europa) a um nível regional (principais cidades brasileiras, até o nível local dos municípios). Oliven desenvolve a idéia sobre a ideologia da modernização.<sup>208</sup>

o fato de que as sociedades adiantadas do ocidente são tomadas como o estágio final no paradigma da modernização levou inclusive alguns autores a substituir este último termo por “ocidentalização”, num procedimento que trai as pressuposições ideológicas que estão no bojo da teoria.<sup>209</sup>

---

<sup>207</sup> CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 35.

<sup>208</sup> OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1994, p. 30-38.

<sup>209</sup> *Ibidem*, p. 35.

As teorias sanitárias tiveram ações específicas nas localidades, sendo fiscalizadas e cobradas pelos estados, traduzindo-se, assim, nas práticas adotadas pelas administrações tanto em nível local como regional. Houve, inclusive, intervenções no sentido de garantir que fossem realizadas, conforme vemos em Telarolli:

as práticas sanitárias no período republicano embasavam-se tecnologicamente na bacteriologia, apresentando agentes causais próprios e únicos para cada patologia, com elementos da teoria miasmática, adaptada para a nova era das descobertas bacteriológicas. A intervenção do estado nos problemas de saúde pública dar-se-ia através da utilização da engenharia sanitária e da polícia sanitária como instrumentos privilegiados para as intervenções sobre a cidade.<sup>210</sup>

A teoria miasmática influenciou o pensamento médico desde o século XVIII, quando se acreditava que os miasmas eram substâncias acrescidas ao ar, que exalavam odores pútridos e causavam doenças.<sup>211</sup> Assim, se o espaço urbano estivesse limpo e higienizado, não ofereceria condições para que as doenças se propagassem. Os miasmas eram discutidos e divulgados em teses médicas

---

<sup>210</sup> TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1996, p. 93.

<sup>211</sup> ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994, p. 211. O autor registra a teoria dos miasmas, que seriam surtos epidêmicos de doenças infecciosas causados pelo estado da atmosfera, defendido com muita ênfase por Edwin Chadwich, considerado o pai da Saúde Pública, e Southwood Smith. As condições sanitárias criavam um estado atmosférico. Uma segunda teoria que se coloca é a teoria dos contágios, que seriam as únicas causas de infecções e de doenças epidêmicas, e, ainda uma terceira posição, que seria a conciliação das teorias miasmáticas com as contagiosas. Nessa, mesmo admitindo serem as doenças infecciosas os agentes contagiantes, esses agiriam em conjunção com outros elementos, como o estado da atmosfera, condições do solo e fatores sociais.



como tendo suas origens de fontes vegetais e animais, estas últimas as mais comuns e usuais.<sup>212</sup>

Nesse sentido, temos presente nos relatórios da Intendência uma preocupação com a situação da saúde local e, também, com a criação de órgãos competentes para a fiscalização e controle. Isso demonstrava um quadro de otimização e de normalidade:

Nenhum caso de epidemia alterou as condições de salubridade, positivamente boas de nosso município, que justamente deve continuar a gozar a crédito de lugar eminentemente sadio.<sup>213</sup> [...]

a fama de eminentemente salubre que goza o nosso município, é de toda justa. Nem de outra forma poderá ser, atendendo-se a sua situação topográfica de elevada altitude, coberto por abundantes matos e dotada de magníficas águas potáveis, esse precioso líquido que constitui bi-parte do elemento vital dos seres, a despeito de grande e criminosa devastação que se vem verificando nas suas ricas florestas, fato que merece reparo dos poderes competentes, sabido como é que a diminuição das matas influi extraordinariamente na climatologia e especialmente na conservação dos cursos d'água.<sup>214</sup>

Os aspectos relacionados à questão da salubridade no município nos levam ao entendimento da necessidade, que havia na época, de valorização do espaço, enaltecendo a região, seu clima, relevo, água. Inclusive, per-

---

<sup>212</sup> REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 248-254.

<sup>213</sup> Mensagem do coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente do município no período de setembro de 1913. Consta nas atas dos relatórios anuais da Intendência que estão no AHR da UPF.

<sup>214</sup> Mensagem do coronel Pedro Lopes de Oliveira, intendente do município no período de setembro de 1916. Consta nas atas dos relatórios anuais da Intendência.

cebemos nesse relatório a preocupação em preservar as matas, para que as águas se mantivessem em seu estado de pureza original. A água e o ar eram elementos que deveriam ser preservados, pois, seguindo a teoria miasmática, as doenças eram transmitidas por gases ou fatores pútridos oriundos de animais ou plantas em decomposição, os quais contaminariam e propagariam doenças.

Tal descrição enaltecedora nos relatórios era realizada em vista da comunicação mantida com órgãos superiores, em especial, com a Junta de Higiene do Estado. Existia uma certa dependência das Assistências Públicas dos municípios desse órgão, que fornecia medicamentos, vacinas, soros etc., além de realizar diagnósticos de doenças incomuns, isto é, aquelas que se manifestavam por períodos ocasionais e que o Estado, enquanto agente regulador da ordem pública, tinha sob sua responsabilidade:

o regulamento para o Serviço de Higiene, aprovado em 1895, é bem mais minucioso que o Regulamento da Diretoria de Higiene do estado do Rio Grande do Sul, aprovado em 1907. Ambos se referem à organização do serviço sanitário no estado, devendo atender a todas as questões relativas à higiene, moléstias endêmicas, epidêmicas e transmissíveis, condições sanitárias da população e das habitações coletivas. [...]

Também compreendem a organização dos socorros de assistência pública em caso de moléstias contagiosas que se podiam tornar epidêmicas, a fiscalização dos trabalhos de utilidade pública (distribuição de águas, cemitérios, remoção de imundícies e outras obras de saúde pública) e a organização da estatística demógrafo-sanitária.<sup>215</sup>

---

<sup>215</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 50-51.



Intendência Municipal de Passo Fundo. 1914.

Para administrar esses órgãos, havia um diretor, um ajudante e um secretário, sendo necessário que um médico exercesse a função principal. No regulamento de 1907, as liberdades individuais foram respeitadas, cabendo aos indivíduos tomarem as decisões que julgassem apropriadas às práticas de saúde. O estado responsabilizar-se-ia pelas práticas de tratamento de águas, esgoto, lixo, desinfecção de lugares considerados contagiosos, só podendo intervir em assuntos privados em casos extremos de doenças contagiosas.<sup>216</sup>

---

<sup>216</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 53.

Tal regulamento adequava-se aos preceitos positivistas já que mantinha a idéia de não interferir nas decisões dos indivíduos antes que o processo de reorganização social se efetuasse: “Cabia ao governo incentivar a educação para que os indivíduos se esclarecessem dos fundamentos da estruturação racional da sociedade e se submetessem aos preceitos científicos que os dirigentes apregoavam”.<sup>217</sup>

No contexto brasileiro do início do século, percebemos que alguns quadros de doenças manifestaram-se e reproduziram-se, demandando a criação de políticas que planejassem o espaço urbano; posteriormente, o espaço rural também foi contemplado, tornando-se uma premissa básica.

Em 1903, Oswaldo Cruz, médico sanitário, foi nomeado diretor geral de Saúde Pública, cargo que corresponde, atualmente, ao de ministro da Saúde. Utilizando o Instituto Soroterápico Federal como base de apoio técnico-científico, deflagrou suas memoráveis campanhas de saneamento.<sup>218</sup> Mais tarde, foi desenvolvido um projeto de reconhecimento das regiões brasileiras, tendo sido realizadas viagens científicas por todo o território nacional.

A ideologia da higiene mostrou-se com um significativo poder sobre alguns setores da sociedade, interferin-

---

<sup>217</sup> WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999, p. 43.

<sup>218</sup> Aos 15 anos, ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, em 1892, formou-se doutor em medicina com a tese *A veiculação microbiana pelas águas*. Quatro anos depois, realizou seu grande sonho: especializar-se em Bacteriologia no Instituto Pasteur de Paris, que reunia os grandes nomes da ciência na época. Por volta de 1900, Oswaldo Gonçalves Cruz salientou-se no cenário nacional por engajar-se no combate à peste bubônica, que havia assolado o porto de Santos. Em face da ameaça de a peste chegar ao Rio de Janeiro, foi criado, em 25 de maio de 1900, o Instituto Soroterápico Federal, com o objetivo de fabricar o soro antipestoso e implementar a pesquisa aplicada e a formação de recursos humanos ao combate a essas epidemias.

do até mesmo no pacto liberal da propriedade privada, quando, no Rio de Janeiro, do início do século, instruíram-se comissões sanitárias a fecharem os cortiços da região central dessa capital. Isso gerou uma contradição na manutenção da ordem capitalista, uma vez que as pessoas que habitavam os cortiços tinham permissão e direito de posse, logo, sendo destituídas desses direitos, viam-se ameaçadas pelo próprio Estado, que era garantidor da propriedade privada.<sup>219</sup>

em suma, os higienistas imaginavam que sua ciência pairasse acima dos homens e para além da moral e da política; por enquanto, todavia, ainda não haviam conseguido transformar as instituições num emaranhado de casuísmos.<sup>220</sup>

A polícia sanitária estabeleceu medidas rigorosas ao combate à febre amarela, inclusive multando e intimando proprietários de imóveis insalubres a demoli-los ou reformá-los. As brigadas mata-mosquitos percorriam a cidade, limpando calhas e telhados, exigindo providências para proteção de caixas d'água, colocando petróleo em ralos e bueiros e acabando com depósitos de larvas e mosquitos.<sup>221</sup>

Desde o século XVI, o conceito “polícia médica” (*polizey*) era utilizado por autores alemães para designar a prática de administração da saúde de um Estado. Na época, os Estados alemães adotaram-na como forma de ação governamental de saúde, que se preocupava com

---

219 CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996, p. 45–46.

220 *Ibidem*.

221 A vida e obra de Oswaldo Cruz encontrou-se em SCLIAR, Moacyr. *Oswaldo Cruz*: Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

diversos fatores, tais como: a manutenção e supervisão de parteiras, o cuidado dispensado aos órfãos, a designação de médicos e cirurgiões, a proteção contra a peste e outras moléstias contagiosas, o uso excessivo de tabaco e de bebidas alcoólicas, a inspeção dos alimentos e da água, as medidas de limpeza e drenagem das ruas, a manutenção de hospitais e a assistência aos pobres.<sup>222</sup>

As brigadas mata-mosquitos foram uma das primeiras iniciativas, no Brasil, que se consubstanciou numa nova maneira de *fazer e pensar* a saúde, a higiene, o saneamento básico, enfim, a medicina preventiva, trazendo consigo o Estado como agente regulador, e não mais deixando a questão da saúde alheia às políticas públicas.

A classe médica não conhecia a eficácia das medidas adotadas por Oswaldo Cruz, havendo, assim, uma oposição desse grupo a essas idéias. Havia a crença no contágio direto, desconhecendo-se o papel do mosquito na transmissão do agente etiológico da doença.<sup>223</sup>

Além disso, surgiu um movimento liderado por grupo de positivistas que acusava a “higiene oficial” de despótica, de arrancar os filhos às mães para lançá-los em horríveis hospitais, de devassar a propriedade alheia com interdições, desinfecções e outras medidas, da derrubada maciça das casas dos bairros pobres, de arrombamento de casas para nelas entrarem à força.<sup>224</sup>

---

<sup>222</sup> BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Góes de. *Saúde e previdência: estudos de política social*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986, p. 6

<sup>223</sup> SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988, p. 109. A transmissão do agente etiológico da doença refere-se ao caráter de origem da doença, pois etiologia é um ramo da medicina que trata da origem da doença.

<sup>224</sup> *Ibidem*.

As questões sobre erradicação de moléstias, organização e profilaxia do meio ambiente já faziam parte dos projetos de saúde pública, sendo enfatizadas ao longo da consolidação do capitalismo e de todo o processo industrial originado deste sistema.

No Brasil, somente no início do século XX, houve processo similar, ainda que com características específicas e próprias. Nesse sentido, ressaltava-se outro sanitarista, Carlos Chagas, que se preocupou em direcionar seus estudos, discursos e conferências aos prejuízos que as doenças endêmicas traziam à população rural; conferiu grande credibilidade ao tema da saúde pública, que ganhou as páginas dos jornais, tornando-se uma questão central no debate político nacional.<sup>225</sup>

A qualidade de vida das populações que viviam na zona rural era péssima em virtude das enfermidades de caráter endêmico, como a doença de Chagas, a malária, a tuberculose, os parasitas intestinais, aliando-se a esse quadro a subnutrição e o alcoolismo.<sup>226</sup> Nesse contexto, a frase do médico Miguel Pereira, em 1916, “o Brasil é um imenso hospital” ficou célebre, repercutindo na forma de amplos debates públicos, pois intelectuais, médicos higienistas e sanitaristas, escritores, jornalistas entendiam que somente com a intervenção estatal poderiam ser colocadas em prática as políticas de saneamento e melhoria das condições de vida das populações.<sup>227</sup>

---

225 Carlos Chagas, nascido em Minas Gerais em 1879, fez seus estudos médicos no Rio de Janeiro; procurou orientação de Oswaldo Cruz em sua tese de doutorado; descobriu a causa de uma doença que se caracterizava por palpitações e insuficiência cardíaca, sendo transmitida por um mosquito, o *Trypanossoma Cruzi*. Esse histórico se encontra em CHAGAS, Carlos. *Coletânea de trabalhos científicos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981, p. 769-883.

226 BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 21

227 SCLIAR, op. cit., p. 230-231. Essa frase foi pronunciada em homenagem a Carlos Chagas em 1916, em decorrência dos trabalhos realizados em

Havia o entendimento de que as doenças eram a grande causa da pobreza no Brasil, o que é retratado no personagem *Jeca Tatu*, de Monteiro Lobato, que identifica um tipo brasileiro fraco e desanimado, incapaz de proporcionar o tão esperado progresso à sociedade.<sup>228</sup> Monteiro Lobato entendia que, resolvendo os problemas da saúde pública, resolver-se-iam todos os problemas do país, que sairia *vitalizado*. Mas era preciso, primeiramente, *convencer* o país de sua doença. Em uma de suas frases do panfleto do Biotônico Fontoura, Lobato dizia: “Um país não vale pelo tamanho, nem pela quantidade de habitantes. Vale pelo trabalho que realiza e pela qualidade de sua gente. Ter saúde é a grande qualidade de um povo”.<sup>229</sup>

---

torno do saneamento pela equipe comandada por Osvaldo Cruz, da qual o médico homenageado fazia parte. Nessa frase, Miguel Pereira previu involuntariamente aquilo em que o Brasil se transformaria: uma complexa rede de hospitais, centralizando todo o trabalho da área da saúde nessa instituição, deslocando, assim, para um segundo plano aquilo que ele se preocuparia como o de maior importância: a preocupação com as ações preventivas.

<sup>228</sup> Segundo o texto de ALVES FILHO, Aluizio. A identidade do Jeca Tatu – Monteiro Lobato e a questão da saúde pública no Brasil. In: *Saúde, Sexo e Educação*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Medicina de Reabilitação. ano VI, n 13, jan/jun, 1998, p. 42-48. Demonstra que Monteiro Lobato, ao criar o *Jeca Tatu*, tinha por idéia realizar uma crítica aos desocupados que tinham invadido suas terras e provocado queimadas, causando-lhe grandes prejuízos, mandando, então, uma carta à seção de Queixas e Reclamações, em 1914 do jornal *O Estado de São Paulo*. A carta foi publicada como matéria assinada como “Velha praga” em 11/11/1914; mais tarde, seria incorporada ao livro *Urupês*, em 1914. *Jeca tatu* é descrito como um atávico caboclo de barba rala, seminômade, sempre na posição de cócoras, inadaptável à civilização e vivendo as suas margens, não possuindo nenhum conhecimento dos grandes acontecimentos nacionais, como a independência, a abolição, a República. Também em BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 22, encontra-se um trecho do texto “Problema vital”, em que Monteiro Lobato menciona, didaticamente, a *Ressurreição do Jeca*. Esse foi editado durante anos como folheto de propaganda do *Biotônico Fontoura*, elixir de fortalecimento do Laboratório Cândido Fontoura.

<sup>229</sup> FILHO, Aluizio Alves. op. cit., p. 47.



É perceptível, pois, um duplo entendimento da construção da identidade do *Jeca Tatu*: por um lado, há a caracterização de um sujeito indolente e preguiçoso, aproximando-se, dessa forma, do pensamento oligárquico conservador; de outro, é uma vítima negligenciada nas questões estatais, sendo lembrado somente em situações específicas, mas colocado à margem do processo. Dessa forma, Lobato deixou sua contribuição ao apoiar o movimento pró-saneamento.

Os integrantes da campanha pelo saneamento entendiam que o principal obstáculo ao desenvolvimento nacional eram as doenças, sendo o problema maior as endemias rurais, o que evidenciava um abandono das populações do interior.<sup>230</sup> O entendimento que se tinha era que “redimir o Brasil seria saneá-lo”, o que era muito importante ao projeto de modernização. Para isso, tornava-se fundamental o aumento da intervenção do Estado brasileiro na área da saúde pública.<sup>231</sup>

Por outro lado, sob o ângulo de estudo de alguns intelectuais da época, que se baseavam nos princípios eugênicos, entendia-se que a composição racial era a origem dos males brasileiros; logo, a baixa produtividade e as doenças endêmicas eram decorrentes desse processo.<sup>232</sup>

---

<sup>230</sup> Segundo ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994, p. 37, conforme o tratado grego *Ares, águas e lugares*, a definição para doenças endêmicas seriam doenças que têm um caráter contínuo nas populações; epidêmicas seriam as doenças que não eram tão frequentes, mas que, por vezes, aumentavam seus coeficientes enormemente.

<sup>231</sup> A pesquisa desses dados foi realizada na Biblioteca virtual Carlos Chagas da Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz, disponível em: <http://www.fiocru.br/hscience>. O texto menciona a obra de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, que, em 1902, já falava dessa situação.

<sup>232</sup> BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 23.

acreditavam os eugenistas que pouco poderia ser feito pelos doentes e pela saúde pública nacional, a não ser esperar o desaparecimento dos (híbridos raciais) e dos grupos humanos considerados “biologicamente inferiores”, entre os quais se incluíam os negros e os indígenas.<sup>233</sup>

As respostas e a solução aos problemas, entretanto, não eram apresentados; queria-se, sim, eliminá-los, o que pressupunha a exclusão de grupos julgados como inferiores, o que é perceptível (com uma certa sutileza) em discursos e práticas até na atualidade.

Dessa forma, foi necessário o envolvimento da sociedade civil e das elites políticas, que promoveram o debate sobre a saúde pública em âmbito nacional. Criou-se uma liga pró-saneamento, que agrupou a intelectualidade brasileira, com estudiosos da área médica, escritores e jornalistas, os quais rejeitavam uma idéia muito comum na época: atribuir os problemas do país a sua composição racial e ao clima tropical. Num discurso de Carlos Chagas em 1926, compreendemos essa questão:

O clima não constitui fator etio-patogênico direto de qualquer entidade mórbida bem definida, mas, por ele, a doença se transforma e modifica, e dele se originam as variantes nosológicas apreciáveis nas diversas regiões da terra.<sup>234</sup>

[...]

a patologia tropical é, acima de tudo, uma patologia infecciosa, visto ser no quadro das doenças produzidas pelos agentes animados que se conhecem mais profundas as influências do clima.<sup>235</sup>

---

<sup>233</sup> BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000, p. 23.

<sup>234</sup> CHAGAS, Carlos. *Coletânea de trabalhos científicos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981, p. 833.

<sup>235</sup> *Ibidem*, p. 837.

Em 1920, foi criado o Departamento Nacional de Saúde Pública, órgão que, sob a direção de Carlos Chagas, reorganizou os serviços sanitários do país, ampliando a todo o território nacional a competência da União na promoção e regulação desses serviços e oferecendo um crédito especial à campanha de saneamento.

No tocante ao município em foco neste estudo, percebemos, nos relatórios da Assistência Pública da Intendência Municipal apresentados anualmente, preocupação no que diz respeito à descrição das doenças e dos problemas que o afligiam, além de também as justificativas à realidade dos números de morte, considerada não tão grave se comparada a outros municípios. Vejamos o que diz o relatório de 1907:

Durante o último inverno grassou no município a gripe intestinal, fazendo diversas vítimas, principalmente nos 4º, 5º e 7º distritos. Isso, porém, não pode constituir prejuízo algum aos nosso créditos de lugar eminentemente sadio, porque tal doença é o produto de alterações climatéricas às quais estão sujeitos os melhores climas do mundo. Presentemente o estado de salubridade do município é o melhor possível.<sup>236</sup>

Nessa situação, as alterações climatéricas seriam responsáveis pela propagação da doença. Contudo, se for levado em conta que, mesmo em lugares considerados os de melhor clima do mundo, as doenças se manifestam, isso se configura como uma justificativa, não como uma responsabilização dos quadros de doenças apresentados e da qualidade de vida proporcionada aos habitantes da

---

<sup>236</sup> Mensagem apresentada ao Conselho municipal, pelo intendente coronel Pedro Lopes de Oliveira em reunião de 1º nov. 1907, p. 4, Oficinas Typográficas d'o Gaúcho.

localidade. A referência de “lugar eminentemente sadio” aparece constantemente nos relatórios da Assistência Pública do município. Em outras situações também foi percebida essa valorização: “Passo Fundo desfrutou sempre do título de cidade salubérrima”.<sup>237</sup>

Nos relatórios da Assistência Pública que datam de 1907, observamos a necessidade que havia do registro das doenças e, também, de sua descrição, bem como a relação da Intendência com uma divisão que lhe ficava hierarquicamente acima, que era a Divisão de Higiene do Estado. Havia entre esses órgãos trocas de informações a respeito de doenças que estavam *grassando* nos municípios da província, razão pela qual esta enviava instruções e medicamentos àquela. Uma comunicação do intendente do município ao Conselho Municipal dá conta de uma dessas providências do órgão estadual:

Entre essas providências, adquiriu na Diretoria da Higiene, em Porto Alegre, 150 tubos de lymphá vaccínica e os distribuíu afim de serem utilizados pela população aos senhores drs. Nicolau de Araújo Vergueiro e Roberto da Cunha e Silva, Romão Lopes da Rosa, Gezerino Lucas Annes, Antônio Manoel Caminha, Arnaldo Luiz Hofmann e Oscar Pinto de Moraes, os quais nesse serviço prestaram relevante concurso à municipalidade.<sup>238</sup>

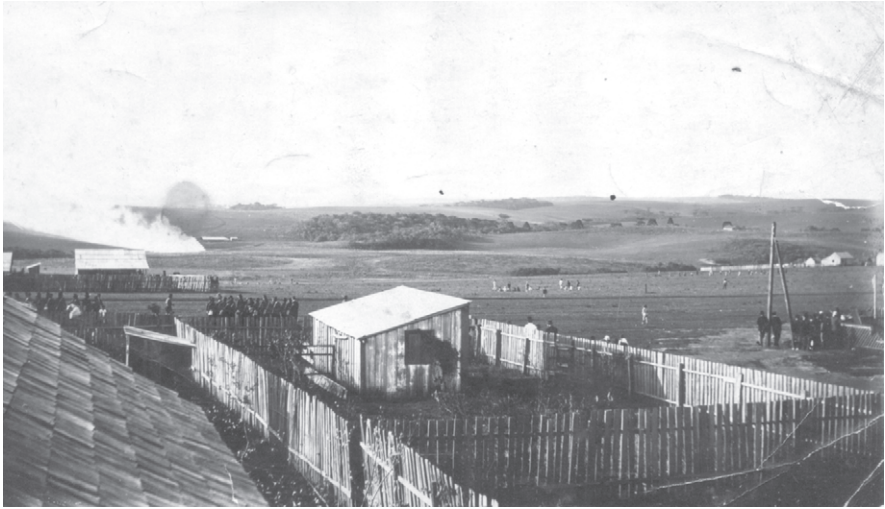
As medidas profiláticas tomadas pela Intendência em 1907 tiveram por objetivo combater um surto de varicela que grassara na cidade e que exigia de profissionais habilitados a aplicação de injeções na população local.

---

<sup>237</sup> Jornal *O Nacional*, 22 ago. 1928, p.1, sob o título “Hospital São Vicente de Paulo”, parte III, assinado pelas iniciais O. R.

<sup>238</sup> Mensagem apresentada ao Conselho Municipal pelo intendente coronel Pedro Lopes de Oliveira em reunião de 1º nov. 1908, p. 4-5, Officinas Typográficas d’o Gaúcho.

O desenvolvimento econômico proporcionou uma dinâmica significativa nos espaços urbanos, tendo como consequência o surgimento de problemas decorrentes desse mesmo processo, que levaram, muitas vezes, a situações paradoxais da modernidade, como, por exemplo, a construção de um palacete luxuoso em frente a uma rua com esgoto a céu aberto; a localização de *poços negros* das residências próxima a poços de água potável; tecnologias modernas para curar doenças ao lado de uma população que não tinha poder aquisitivo para consumir essa terapêutica. Eram questões a serem levantadas e que exigiam posicionamentos das autoridades políticas no sentido de dar respostas a tais demandas.



Passo Fundo em 1912 (atualmente bairro Rodrigues).



Rua Bento Gonçalves. Passo Fundo. 1940.

# III.

## Ideologias orientando projetos hospitalares

### 3.1. Laicismo *versus* clericalismo

Os hospitais instalados em Passo Fundo na década de 1910 (Hospital de Caridade e São Vicente de Paulo) contribuíram significativamente para o desenvolvimento da cidade, proporcionando-lhe uma nova orientação no sentido de resolver problemas da área da saúde, no tratamento de doenças, no exercício de novas práticas médicas, na existência de espaços profiláticos. Contribuíram, ainda, no processo de urbanização e modernização propostos para esse período. Mas, para além dos aspectos citados, apresentou-se uma peculiaridade na constituição dos dois hospitais, que foi a disputa entre dois grupos historicamente antagônicos pelo controle dessas instituições, envolvendo a maçonaria (defendendo o primeiro hospital, com o projeto de laicização), e a Igreja Católica (defendendo o segundo, com o projeto de clericalização), ambos inseridos como temática do campo das idéias. Os projetos defendidos por essas duas instituições

sociais necessitaram do apoio de uma parcela significativa da sociedade, que convencionamos tratar por *elite* local, grupo que exercia e controlava o poder nas mais diversas áreas de atuação, fosse na política, na economia, nos campos social e cultural.

A abordagem do campo político, mais precisamente sobre as idéias orientadoras dos projetos que definem as opções e práticas políticas, é entendida numa dimensão que se refere tanto ao nível de macrotendências, com uma perspectiva globalizante, em que o Estado, suas instituições, grupos de pressão ou organizações são preocupações de estudo; como de microtendências, como é o caso dos micropoderes das disputas do poder, em que a dominação e as estratégias de sujeição do indivíduo ocorrem dentro de uma concepção particularizante e pulverizadora, no que é percebida uma forte influência de Michel Foucault.<sup>239</sup>

Os vários campos da história apresentados na contemporaneidade são paradoxais e mostram-se contraditórios em algumas situações, coexistindo no mesmo contexto. A nova história política procura uma renovação dos objetos de investigação ligados ao político, a exemplo da cultura política, dos regimes e sistemas políticos e das representações de poder, colocando-se em oposição à velha história política, à história tradicional e factual, rotulada por muitos dos *positivistas*.<sup>240</sup>

Em relação ao campo político das idéias na sociedade, houve um embasamento em duas vertentes tradicionais, que remontam aos séculos XVIII e XIX, dividindo opiniões sobre esse entendimento: o idealismo filosófico, que con-

---

<sup>239</sup> VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e descaminhos da história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p. 444.

<sup>240</sup> *Ibidem*.



feriu às idéias e à educação um impulso na condução da sociedade ao progresso, e o materialismo dialético, com Karl Marx, entendendo que as idéias eram apenas o reflexo dos interesses de classe (seriam uma justificação das relações sociais em benefício da classe dominante).<sup>241</sup>

Os Estados contemporâneos do início do século XX, que adotaram regimes liberais ou socialistas, basearam-se nessas duas tendências de pensamento, reconsiderando os pressupostos a fim de adaptá-los em seus contextos históricos, pois

as idéias políticas não são apenas a dos filósofos e dos teóricos, mas também as do homem comum. Pela extensão do seu campo de curiosidade, a história das idéias políticas faz necessariamente fronteira com a história da opinião pública e a história da propaganda.<sup>242</sup>

A história das idéias, para Winoch, desceu dos picos rochosos em que as grandes obras imortais eram tratadas, passando para o “saco de gatos” da produção literária, jornalística e política, diversificando e abrindo perspectivas de estudo para seu campo de atuação; utilizando métodos e conceitos das ciências limítrofes, como a lingüística, a psicologia, a sociologia, a informática, mas levando em conta que existem abordagens específicas do historiador, que somente ele pode realizar:

Mas elas não poderão substituir a abordagem necessária do historiador, empenhado em estabelecer as continuidades e os incícios de mudança; em inscrever os termos no universo material das coisas: o estado, a sociedade civil, a

---

241 WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 271.

242 *Ibidem*, p. 279.

conjuntura interna e a internacional; em repor as palavras na boca e na pena de atores que pertencem a grupos, a meios e a memórias.<sup>243</sup>

Nesse sentido, buscamos especificar projetos antagônicos existentes no campo das idéias que remontam ao século XIX no Brasil, configurando-se no laicismo *versus* o clericalismo. Encontramos uma explicação para a questão de definição de um dos projetos, que foi a do laicismo, pois, dessa forma, torna-se possível entender o que é clericalismo:

A distinção existente entre o clero e o laicato exerceu influência constante na cultura política e nas instituições públicas dos países católicos. As diferentes significações do laicismo reúnem em si a história das idéias e a história das instituições e podem ser resumidas nas duas expressões clássicas: cultura leiga e estado leigo.<sup>244</sup>

O questionamento sobre o que existe de comum entre a religião e a política, feito por Aline Coutrot no texto

---

<sup>243</sup> WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 289-290.

<sup>244</sup> Conforme a definição proposta por BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. 2 v., p. 670. Os termos *cultura leiga* e *Estado leigo* são definidos da seguinte maneira: a *cultura leiga* deve sua origem, em parte, às filosofias racionalistas e imanentistas que rejeitam a verdade revelada, absoluta e definitiva; e, ao contrário, afirmam a livre busca de verdades relativas, mediante o exame crítico e o debate. Pode-se definir como um método cujo objetivo é o desmascaramento de todas as ideologias. A teoria do Estado leigo fundamenta-se numa concepção secular e não sagrada do poder político encarado como atividade autônoma no que diz respeito às confissões religiosas. O Estado leigo, quando corretamente percebido, não professa, pois, uma ideologia laicista, se, com isso entendemos uma ideologia irreligiosa ou anti-religiosa, na medida em que garante a todas as confissões liberdade de religião e de culto, sem implantar em relação às mesmas nem estruturas de privilégios nem estruturas de controle.

*Religião e política*, apresenta os seguintes posicionamentos: as Igrejas proferem julgamentos em relação à sociedade; pregam uma moral individual e coletiva, advertências, interdições e impõem a submissão dos fiéis, possuindo um poder político que não pode ser descartado. Já o político estrutura o religioso uma vez que não pára de questionar, de impor, de provocar a Igreja e os cristãos. Levando em conta a religião, a história política adquire um redimensionamento para as suas abordagens, pois<sup>245</sup>

através da consideração do religioso, apreende-se as massas, os comportamentos coletivos: episcopado, imprensa, movimentos, sindicatos, grupos de pressão. Apreende-se também elementos importantes da cultura política na longa duração, clericalismo, anticlericalismo; mesmo a laicidade nas suas manifestações concretas se define em relação ao cristianismo.<sup>246</sup>

Os termos *laicismo*, *laicização* ou *laicidade* são, portanto, entendidos como liberdade na prática de agir, pensar, relacionar, enfim, liberdade de expressão. Clericalismo seria o comportamento que uma igreja institucional apresenta no sentido de intervir e atuar na sociedade civil, seguindo seus princípios e normas.

Laicismo e clericalismo são dois modelos de pensamento radicalmente antagônicos, que estão inseridos no campo das idéias políticas, pois tiveram uma relação muito próxima com a distinção entre o Estado e Igreja. Desenvolveram-se a partir do século XVII, na Inglaterra, por iniciativa dos pensadores John Locke e John Milton, que de-

---

<sup>245</sup> COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 334-335.

<sup>246</sup> *Ibidem*, p. 357.

finiram os campos de atuação do Estado e da religião, separando-os por competências, segundo o princípio de que o “estado nada pode em matéria puramente espiritual, e a Igreja nada pode em matéria temporal”.<sup>247</sup> Esses sistemas foram se desenvolvendo em lugares, períodos e situações específicas na Europa até o século XIX, período em que ficou evidente a ascensão do movimento liberal dos Estados europeus.

Nas sociedades modernas e atuais, o processo de secularização está muito próximo do sentido de laicismo. Buscando uma definição, encontramos o seguinte sentido:

Na literatura sociológica, o termo “secularização” é usado normalmente para caracterizar o processo de transição das sociedades patriarcais, rurais e fechadas, para a sociedade industrializada, urbana e profana, onde assistimos a uma redução constante do peso social da religião organizada, que está perdendo, cada vez mais, a função de controle social.<sup>248</sup>

À medida que os Estados foram tornando-se autônomos e que realizaram a separação oficial da Igreja, houve uma reação intensa por parte da Igreja Católica nos países em que a predominância dessa religião se fazia

---

<sup>247</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999. 2 v., p. 671.

<sup>248</sup> *Ibidem*, p. 673. O termo *secularização* é apontado por BERGER, Peter L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus, 1985, p. 117-119, significa, para os círculos anticlericais e “progressistas”, a libertação do homem moderno da tutela da religião; para os círculos ligados às Igrejas tradicionais, tem sido combatido como descristianização, paganização, sendo que estas duas posições demarcam uma visão ideológica. Um conceito mais abrangente, seria: no processo histórico ocidental moderno, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência (separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico).

notar, a qual se sentiu alheia às decisões políticas, perdendo, com isso, seu poder de atuação tanto na estrutura do ensino, quanto nas instituições assistenciais e de serviços, familiar, e até na legislação, como foi o caso da criação do casamento civil. A descrição de uma situação sobre a posição defendida pela Igreja na França demonstra essa situação:

A hierarquia católica condena formalmente a laicidade tanto em seu princípio como em suas aplicações. A lei de Deus deve informar o poder e as instituições políticas. É exatamente de ignorá-lo que se acusa a laicidade, e o pensamento católico assume uma posição desconfiada em relação ao domínio crescente do Estado.<sup>249</sup>

No Brasil, o confronto entre laicismo e clericalismo evidenciou-se por volta do início do século XIX, a partir do processo da emancipação política, em 1822. Durante o Império brasileiro também foi evidenciado o conflito denominado de “questão religiosa” entre os anos de 1872 e 1875.<sup>250</sup> Porém, em 1889, com a proclamação da República e, em 1890, com o decreto do governo provisório, que estabeleceu oficialmente a separação entre a Igreja e o Estado, concedendo liberdade religiosa ao público e às demais religiões, as tensões entre os grupos defensores desses sistemas de pensamento aumentaram significativamente, sobretudo contra o catolicismo, que, desde a época da colônia, era a religião oficial.

---

<sup>249</sup> COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p. 354.

<sup>250</sup> BARROS, Roque Spencer M. A questão religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985b. v. 6 p. 338-365. Esse conflito envolveu os membros da Igreja católica e da maçonaria, sendo que alguns bispos católicos aliados às práticas ultramontanas queriam colocá-las em prática nesse momento, como: o afastamento de padres católicos dos grupos maçônicos.

A idéia de laicidade foi defendida por grupos heterogêneos e que se colocaram a favor do Estado, conseqüentemente, contrários à Igreja Católica, em troca de algumas concessões de privilégios e de disputas anteriores com essa instituição:

Muitos são os elementos que entraram nessa luta. Entretanto, em sentido geral, podia ser definido que o conflito foi, de um lado, uma colisão do galicanismo, jansenismo, liberalismo, maçonaria, deísmo, racionalismo e protestantismo, todos vagamente “aliados” contra o conservantismo e ultramontanismo da Igreja Católica do século XIX.<sup>251</sup>

---

<sup>251</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1978, p. 27. O autor define cada um dos movimentos citados, sendo apresentados sinteticamente: *galicanismo*, no período da Reforma, essas teorias foram incorporadas na “Declaração do clero francês”, de autoria de Jacques Bossuet (1627-1682). Do ponto de vista religioso, Igreja e clero franceses se outorgavam direitos próprios, independentes de Roma; do ponto de vista político, os reis franceses afirmavam que seus poderes temporais estavam fora do controle papal, tendo recebido seus poderes diretamente de Deus. Ligado a esse movimento, definiu-se a idéia de “padroado”, poder ou privilégio concedido aos reis pelo papa no sentido de interferir nos assuntos da Igreja Católica, o rei tinha direito de recolher dízimos e nomear bispos; *jansenismo*, tentativa de reforma e reavivamento dentro da Igreja Católica, no século XVII, baseada nos preceitos de Fleming Jansen (1563-1638); liberalismo, sob essa expressão genérica apareceram vários grupos defensores do livre-arbítrio em todas as esferas, unidos em torno do conceito de progresso e da emancipação do homem, da defesa da liberdade individual. No Brasil essas idéias foram recebidas através de jornais e livros, que tinham suas origens na França e, depois, da Inglaterra, tiveram um impacto maior no século XIX; *maçonaria*, essa entidade fechada, que defendia o ecumenismo, o laicismo, o republicanismo, colocando-se assim contrária a diversos aspectos frente ao ultramontanismo católico, teve as duas primeiras lojas brasileiras fundadas em 1801 e 1802, exerceu forte influência tanto no partido Conservador como no Liberal, no período do Império brasileiro. *Defismo*, sistema que rejeita revelações divinas e autoridades de qualquer Igreja, porém aceita a existência de um Deus, destituído de atributos morais e intelectuais, e que poderá ou não haver influído na criação do universo. *Racionalismo*, método de observar as coisas com base na razão e evidência das demonstrações e, por fim, o protestantismo, compreendendo várias seitas originadas da Reforma Religiosa, tais como o *luteranismo*, o *anglicanismo*, o *metodismo*, o *congregacionismo* e o *prebistecianismo*, que se apresentavam de diversas maneiras: como modernistas indiferentes e irreligiosos, moderadamente religiosos, mas

Mesmo havendo uma heterogeneidade na composição desses grupos, em uma questão sua defesa era comum: o combate à Igreja Católica. Esses grupos não atuaram sempre em conjunto, existindo uma oscilação dos interesses conforme o contexto em que atuavam.

A implementação desses projetos foi realizada pela elite local passo-fundense, que se fragmentou para a realização desses. O entendimento que aqui propomos à elite é como uma minoria detentora de poder, que controla as decisões e as rendas mais importantes relativas ao conjunto maior dos indivíduos.<sup>252</sup> Esses grupos minoritários detentores de poder atuam em diferentes esferas, seja economicamente, seja política, intelectual e socialmente, existindo um fluxo de força e persuasão que se vincula a ciclos econômicos e intelectuais, configurando-se, assim, numa “circulação de elites”, conforme definido na teoria elaborada por Vilfredo Pareto, mencionada por Murilo de Carvalho.<sup>253</sup>

Como a disputa do campo das idéias foi exercida no interior das instituições hospitalares em Passo Fundo, houve uma cisão no grupo que estava realizando esse empreendimento social, pois as pessoas que apoiavam o projeto de instalação de uma entidade hospitalar tiveram de optar entre apoiar o projeto da maçonaria em manter um hospital laico ou o projeto católico, que visava garantir os preceitos dessa religião no espaço hospitalar.

Os projetos de laicismo e clericalismo foram defendidos em Passo Fundo pelos grupos da maçonaria e da Igreja

---

pregadores do progresso, da indústria e do comércio, como pregadores do evangelho e distribuidores de bíblias e como místicos e fanáticos messiânicos.

252 HEINZ, Flávio M. Considerações acerca de uma história de elites. *Logos: Revista de divulgação científica – especial de História e Política*, v. 11, n. 1, Canoas, maio 1999, p. 49

253 CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981, p. 23.

Católica na instalação dos hospitais de Caridade e São Vicente de Paulo e ficaram explícitos no conflito que se denominou “polêmica da passagem do *Corpus Christi*”, festa cristã em que foi realizada uma procissão com a comunidade local, em junho de 1918.

### 3.2. Maçonaria e Igreja Católica no processo de constituição das instituições hospitalares

A constituição dos hospitais em Passo Fundo revelou à comunidade local uma disputa além da ideologia, pois a oposição entre a maçonaria e a Igreja Católica foi evidenciada em outros contextos históricos. Para entender o projeto laico e o católico presentes nesse embate, relatamos fatos exemplificativos do processo de constituição de cada uma.

A maçonaria representa uma entidade filantrópica que se esforçava para realizar um ideal de vida social, segundo o padre jesuíta Ferrer Benimeli:<sup>254</sup>

la verdadera masonería es un culto para conservar y extender la creencia en la existencia de Dios, para ayudar a los masones a regular su vida y su conducta, en los principios de su propia religión, culaquiera que ésta sea: cristianismo, budismo, mahometismo, pero ésta debe ser una religión monoteísta que exija la creencia en Dios, como Ser Supremo, y ésta debe ser una religion que tenga un

---

<sup>254</sup> FERRER BENIMELI, José António. *La masoneria actual*. Sandanyola (Barcelona): AHR, 1977a.



libro sagrado sobre el cual pueda el iniciado prestar juramento a la ordem”.<sup>255</sup>

Houve variações nas práticas maçônicas conforme a região de atuação e a ênfase dada basicamente a alguns pontos, no que se referia à participação política, atuação assistencialista, preocupações filosóficas e culturais; houve casos onde algumas tendências místicas confundiram os objetivos concretos da maçonaria.<sup>256</sup> Entretanto, algumas características comuns da maçonaria podem ser relacionadas como: o aspecto ritualístico; as cerimônias e rituais de iniciação; as simbologias e o aspecto fechado, visto que as pessoas devem ser convidadas para participarem, sendo acessível somente ao sexo masculino. Essa entidade colocou-se como defensora da proposta liberal e do Estado laico.<sup>257</sup>

Em muitas situações, a maçonaria costuma ser confundida com um tipo de religião, seita etc., mas na realidade não defende nenhum credo ou doutrina espiritual específica, o que significa uma tendência ao ecumenismo. Nesse sentido,

a maçonaria representou uma das primeiras tentativas para formar-se uma irmandade ecumênica de pessoas de todas as religiões. Pedia-se apenas que o maçom declarasse crer em Deus, chamado o “Supremo Arquiteto do Universo”, visto como a palavra “Deus” tem uma conotação cristã e a maçonaria devia ser acessível aos seguidores de todas as religiões.<sup>258</sup>

---

<sup>255</sup> Ibidem, p. 71.

<sup>256</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. Aspectos da maçonaria em Passo Fundo (1876-1925). *Cadernos temáticos de cultura histórica*, Passo Fundo, n. 3, 1998, p. 10.

<sup>257</sup> Ibidem.

<sup>258</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protetantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, 1978, p. 43.

A Igreja Católica colocou-se contrária ao princípio do ecumenismo defendido pela maçonaria, emitindo a bula *In Eminentis Apostolatus Specula*, de 28 de abril de 1738, pelo papa Clemente XII, proibindo aos católicos a participação em associações suspeitas que congregassem homens de todas as religiões e seitas, entendendo que essa prática merecia repressão, sendo um “perigo” a seus seguidores.<sup>259</sup>

Um dos pontos de discórdia existentes na polêmica das instituições hospitalares em Passo Fundo refere-se justamente ao ecumenismo da maçonaria, perceptível no artigo 3º dos estatutos, publicados em novembro de 1915:

A existência do Hospital será inteiramente alheia às religiões em geral, mas aos seus doentes será garantido o direito de receberem o conforto daqueles a que pertencerem, contanto que não afetem ou melindrem as demais.<sup>260</sup>

A liberdade de religião é um dos pressupostos defendidos enfaticamente pelo grupo dessa sociedade, identificado, em sua maioria, com os maçons. Em 1918, esse foi um dos fatores que desencadeou a polêmica e o fracionamento do grupo, como ficou demonstrado em documento:

como é público e notório, o hospital de Caridade surgiu amparado por elementos de várias religiões. Nem poderia ser doutro modo, pois que se tratando de uma sociedade como essa, destinada ao povo em geral, sem distin-

---

<sup>259</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protetantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, 1978, p. 43.

<sup>260</sup> Estatutos do Hospital de Caridade de Passo Fundo. Passo Fundo: A Minerva, 1915. In: COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). op. cit., p. 59-82.

ção de crenças, claro está que todas estas contraem o dever de ampará-la com sua ajuda, contribuindo para que tão bela obra se convertesse em fecunda realidade.<sup>261</sup>

No Brasil, a maçonaria enfrentou oposição da Igreja Católica durante todo o século XIX, principalmente no seu final, quando os conflitos se aguçaram. Os motivos básicos desses confrontos situavam-se no campo político-ideológico, uma vez que a maçonaria defendia o pensamento liberal e cientificista, bem como noções de racionalismo, progresso, modernidade etc., que se opunham ao pensamento católico-conservador. Enquanto instituição, a maçonaria pressionava o Império brasileiro a aderir a uma posição laicizante e anticlerical.<sup>262</sup> Para levar esses projetos adiante, houve, inclusive, planejamento estratégico:

a maçonaria procurou atrair os grupos ou setores mais ilustrados à defesa dessas bandeiras, que, em última instância, levariam à separação entre Estado e Igreja. Ao mesmo tempo, mantinha, através das ações filantrópicas e beneficentes, uma relação permanente com os setores menos favorecidos da população. Assim os maçons foram formadores de uma *cultura política de elite*, ocupando espaços importantes para o caminho da secularização da sociedade brasileira, confirmada em boa parte pelo advento da República em 1889. A secularização tinha como objetivo pôr fim ao obscurantismo e às superstições, os quais, para os maçons, estavam incorporados na presença do catoli-

---

<sup>261</sup> *Em torno de uma grande obra – pela verdade II*: Correspondência ao padre Rafael Iop, assinada por Francisco Antonino Xavier e Oliveira em 29 de junho de 1918.

<sup>262</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 365-370.

cismo como religião oficial do estado brasileiro e, sobretudo, na crescente influência jesuítica no ensino.<sup>263</sup>

Diversos grupos sociais participavam da maçonaria – a elite letrada, intelectuais, grupos menos favorecidos da sociedade, membros integrantes do clero católico –, posicionando-se contrários à disposição ultramontana da Igreja brasileira de manter uma unidade na doutrina cristã, de reconhecer os seus pressupostos como absolutos, o que fazia parte do processo de recuperação de espaços de atuação.<sup>264</sup>

A maçonaria começou a atuar no Brasil no final do século XVIII em sociedades políticas e literárias, recebendo uma forte influência das idéias iluministas, o que possibilitou, de alguma maneira, um posicionamento emancipatório e anticolonialista a uma parcela da intelectualidade brasileira.<sup>265</sup> Eram núcleos de intelectuais que haviam estudado nas universidades européias e que discutiam o liberalismo e as idéias de emancipação política brasileira; nessa época, contudo, a atuação dos maçons era individualizada e espontânea, não existindo ainda as lojas ou oficinas maçônicas. Desde o princípio de atuação da maçonaria no Brasil, houve influência de duas vertentes maçônicas específicas, o Grande Oriente Lusita-

---

<sup>263</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 141.

<sup>264</sup> O ultramontanismo procurava fazer prevalecer a dominação da autoridade espiritual sobre a temporal, representando uma centralização sob o domínio de Roma em que o papa se mostra como uma autoridade infalível e absoluta, que apareceu como reação contrária ao mundo moderno. Esse processo é visto como o *papismo*, em que o papa assume a personificação de Cristo. Reconhecido também como catolicismo romanizado, além de centralizar a figura papal, reforçava a autoridade do bispo sobre sua diocese. Conforme: ISAÍIA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 17 e 21

<sup>265</sup> COLUSSI, op. cit., p. 80-84.

no e o Grande Oriente Francês, pelos quais as instituições brasileiras orientaram-se por vários anos.<sup>266</sup>

A segunda fase da história dessa instituição no Brasil foi no início do século XIX, de 1800 a 1822, quando a maçonaria apresentou características de agremiação política e teve como foco principal a concretização da independência política. Muitas lojas maçônicas surgiram nessa época, sobretudo nos centros econômicos mais desenvolvidos e populosos, que estavam divididos entre a vertente francesa e a lusitana.<sup>267</sup>

Também nesse período, começou a haver uma polarização no campo ideológico da atuação política dos integrantes maçons: de um lado, os liberais ortodoxos, representados por Gonçalves Ledo, o que deu origem, mais tarde, ao Grande Oriente Nacional Brasileiro, conhecido como Grande Oriente do Passeio; de outro, os conservadores, representados por José Bonifácio, que deu origem à formação do Grande Oriente do Brasil.<sup>268</sup>

Em 1831, após a abdicação de d. Pedro, deu-se início a uma nova fase da história da maçonaria nacional e, nesse mesmo ano, foi fundada a primeira loja maçônica no Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, por iniciativa da facção de Gonçalves Ledo.<sup>269</sup> O fato foi marcado pelo surgimento de um conjunto de facções, grupos e vertentes no interior dessa entidade, o que denotava uma certa fragmentação e a necessidade de buscar um perfil mais coeso.

A atuação da maçonaria a partir da segunda metade do século XIX foi marcada pela expansão das ativi-

---

<sup>266</sup> *Ibidem*, p. 88 e 92.

<sup>267</sup> *Ibidem*, p. 89-90.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 109 e 113.

<sup>269</sup> *Ibidem*, p. 110 e 191.

dades em outros segmentos sociais. A instituição, começou, então, a se voltar para novas questões, como a filantropia e a educação, deixando a política num plano secundário.<sup>270</sup> Com isso, demarcou sua posição como defensora da sociedade secularizada, preocupando-se com a formação de uma cultura política laicizada.<sup>271</sup>

[...]

nesses locais, quando se tratava de educação, defendia-se o ensino laico em contraposição à obrigatoriedade do ensino religioso; quando se tratava da vinda de sacerdotes católicos estrangeiros para as áreas coloniais com subsídio estatal, defendia-se a vinda também dos protestantes e com as despesas pagas pelo Estado; ainda, quando o tema era a ausência de registro civil, de nascimento, de casamento, acusava-se a Igreja Católica de manipular esse monopólio, desrespeitando as liberdades individuais de crença. Os parlamentares também uniram[-se] na defesa da retirada dos cemitérios da jurisdição das igrejas.<sup>272</sup>

A demarcação de posições anticlericais ficou evidenciada nesse período, sendo que a disputa entre maçonaria e Igreja Católica foi um processo elitizado, ou seja, ambas as instituições contavam com grupos intelectualizados para divulgarem seus projetos de idéias. O período de 1863 a 1883 foi marcado, internamente, pela cisão do Grande Oriente do Brasil e por tentativas de unificação e disputas políticas internas por parte dos dirigentes maçons.<sup>273</sup>

---

<sup>270</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 120.

<sup>271</sup> *Ibidem*, p. 122 e 146.

<sup>272</sup> *Ibidem*, p. 140.

<sup>273</sup> *Ibidem*, p. 122-125. O Grande Oriente do Brasil fragmentou-se em duas facções: o Grande Oriente do Lavradio, que permaneceu como legítimo e ligado ao Grande Oriente da França, e o Grande Oriente dos Beneditinos.



Maçonaria. Passo Fundo. 1900.

Os espaços foram demarcados por essas duas instituições sociais de tal forma que para qualquer ação de uma delas havia uma resposta da outra; essas entidades eram, portanto, espaços potencializados nos quais praticavam exercícios de poder.

A religião católica usufruiu sua condição de religião oficial do Estado desde o período colonial brasileiro, que representou, segundo Júlio Maria, o período de maior esplendor, pois houve manifestações nas ciências, nas artes,

nas letras, na catequização, na política, enfim, na vida dos brasileiros.<sup>274</sup>

Entretanto, durante o período imperial brasileiro, a religião católica apresentava-se numa condição de precariedade espiritual, política e econômica, em vista de um conjunto de acontecimentos que a levaram a uma situação de decadência e descrédito religioso. No aspecto espiritual, mostrava-se negligente, envolvida em questões políticas e cujos membros violavam as regras do celibato; no aspecto político, a troca de favores com o Estado fazia com que a independência da instituição ficasse comprometida e se mantivesse presa às conjunturas políticas e ao aspecto econômico, visto que o clero era pago pelo Estado, submetido e dependente dessa instituição.<sup>275</sup>

A República brasileira representou à Igreja Católica um momento de combate, de recuperação e expansão de espaços de atuação, visando retomar a sua posição de instituição reconhecida de direito e de fato pelo Estado.<sup>276</sup> Para que isso ocorresse, foram necessárias algumas ações no que se refere à organização e formação de grupos dispostos a levar esse projeto adiante, como relata Isaía:

---

<sup>274</sup> Júlio Maria, pseudônimo De Júlio Cesar de Moraes Carneiro. *A Igreja e a República*. Pref. de Anna Maria Moog Rodrigues. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981, p. 64. Esse autor viveu no período de 1850-1916, sendo ordenado padre em 1891; integrou-se à ala conservadora do clero católico, justificando seus argumentos a favor dessa instituição. Proferiu conferências, discursos, artigos em jornais do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, atuando nas igrejas do interior do país, abordando temas relativos ao dogma, à moral e ao culto católico.

<sup>275</sup> VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1978. p. 27.

<sup>276</sup> ISAÍÁ, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 113. Esse trabalho apresentou o catolicismo no Rio Grande do Sul, em que foi delineado o posicionamento da Arquidiocese de Porto Alegre, tendo como figura central d. João Becker, que exerceu sua administração no período de 1912 a 1946, enfocando duas esferas simbólicas do mundo social: a religião e a ideologia política. Utilizou uma postura metodológica de colocar a história da Igreja integrada ao processo histórico humano, revelando o poder exercido dela com suas práticas autoritárias para a obtenção de seus interesses.



Se o catolicismo romanizado priorizava seu proselitismo junto àqueles que mais de perto influíam no poder do estado, ou seja, as elites, será a educação o campo onde a Igreja concentrará esforços, visando a formar uma geração capaz de encampar suas lutas.<sup>277</sup>

A elite intelectualizada e esclarecida constituiu-se, então, no foco para a consolidação dos projetos católicos, sendo o ensino o meio utilizado para concretizar essa arregimentação. Porém, outros espaços institucionais também foram visados e escolhidos para ficarem sob a tutela dessa religião, como foi o caso das instituições hospitalares, beneficências, asilos, orfanatos, irmandades etc.<sup>278</sup>

A inserção do catolicismo na sociedade rio-grandense relacionou-se com o processo de sua formação histórica, pois foi introduzido no estado tardiamente, se comparado ao restante do Brasil. Os relatos dos viajantes estrangeiros que passaram por esta região, como Dreys, Arséne Isabelle e Saint-Hilaire, são significativos para entender a ausência de preceitos e práticas religiosas, sobretudo das católicas.<sup>279</sup> Os motivos conhecidos para essa situação eram os seguintes: uma intensa valorização da posse da terra, aliada à questão da sobrevivência, que, nos primeiros tempos, tinha uma relação com as disputas fronteiriças e com uma intensa militarização, fazendo com que a população tivesse valores próprios, uma forma de vida peculiar; assim, mostrava-se alheia aos

---

<sup>277</sup> *Ibidem*.

<sup>278</sup> Nesse sentido, o livro de Júlio Maria, pseudônimo de Júlio Cesar de Moraes Carneiro, 1981, p. 111-112, colocou a atuação das Misericórdias e Irmandades destinadas ao auxílio da pobreza, da doença e da orfandade, salientando que as associações São Vicente de Paulo e do Pão Santo Antônio realizavam esse trabalho com um forte empenho.

<sup>279</sup> ISAÍÁ, op. cit., p. 32-35

padrões portugueses, tanto no que se refere a estruturas socioeconômicas quanto a culturais.<sup>280</sup>

Nesse sentido, Colussi desenvolve a tese de que, no Rio Grande do Sul, a maçonaria assumiu importância significativa e rapidamente em função da fragilidade que a Igreja Católica apresentava, sendo que o preceito anticlerical, ao que tudo indica, foi sempre amplamente disseminado, um exemplo é a enorme importância que logo assumiu a maçonaria na vida social da campanha rio-grandense.<sup>281</sup>

Inicialmente, no período de formação do estado do Rio Grande do Sul, a atividade econômica preponderante era subsidiária à atividade principal de exportação brasileira, o que influenciou muito nos hábitos e costumes praticados nessa região.

Tanto a atividade da presa do gado quanto o caráter de região fronteira plasmaram um homem característico, portador de valores próprios e de uma forma de vida peculiar. A militarização da sociedade gaúcha salta aos olhos já no início da colonização.<sup>282</sup>

Além da distância geográfica, havia também o distanciamento político, visto que o estado estava longe de ser o centro das atenções metropolitanas. A Igreja, da mesma forma, não exercia suas atividades no território rio-grandense com intenso rigor, por preferir ficar próxima ao centro do poder metropolitano.

A situação, entretanto, mudou quando começaram a chegar os primeiros imigrantes europeus, no final do

---

<sup>280</sup> ISAÍA, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 29-36.

<sup>281</sup> COLUSSI, 1998, p. 192.

<sup>282</sup> ISAÍA, op. cit., p. 29-30.

século XVIII e início do século XIX, os quais possuíam uma outra dinâmica em seus hábitos e costumes, baseada na pequena propriedade, na economia familiar e muito ligados aos princípios de uma religião institucionalizada. Eles chegaram trazendo consigo os hábitos europeus, alguns protestantes, outros católicos, mas ambos praticantes e com uma necessidade de convívio que era facilitada por essas práticas religiosas.<sup>283</sup>

A Igreja, então, penetrou na sociedade rio-grandense e alguns fatos contribuíram para isso, como a ascendência da figura do padre sobre as populações coloniais, aliada a uma socialização de seus princípios através de uma rede educacional ímpar no Brasil e a existência de uma imprensa católica de vulto. Associados, esses elementos possibilitaram um poder da Igreja Católica frente à sociedade civil, especialmente sobre a formação das elites, uma vez que eram esses grupos que tinham acesso à educação em escolas administradas pelas congregações católicas.

O projeto da Igreja era de reconstrução do catolicismo, a “cristianização”, projeto que d. João Becker (arcebispo do Rio Grande do Sul, que permaneceu no cargo de 1912 a 1946), colocou em prática através de sua ação pastoral.<sup>284</sup> A Igreja tentou de todas as formas impor-se à sociedade não somente como instituição funcional à vida nacional, mas resgatando a seriedade de seus membros:

---

<sup>283</sup> ISAÍÁ, op. cit., p. 36-37.

<sup>284</sup> *Ibidem*, p. 46. A trajetória de vida de d. João Becker começou em 1870, na Alemanha, onde nasceu; veio muito pequeno ao Brasil, seguiu seus estudos em colégios de padres jesuítas, tendo uma influência muito grande da ordem dos inicianos; em 1896, foi nomeado sacerdote e vigário da Paróquia do Menino Deus, em Porto Alegre, onde permaneceu por dez anos; em 1906, foi designado para cônego honorário da Catedral de Porto Alegre; em 1908, foi nomeado bispo de Florianópolis; em 1912, foi nomeado arcebispo da Arquidiocese de Porto Alegre, permanecendo no cargo até 1946.

A formação de d. João Becker seguiu os ditames reclamados pela reforma pela qual a Igreja brasileira passou no final do século XIX e que visava a implantar no Brasil o espírito do Concílio de Trento, dotando o catolicismo de um clero de elevado perfil moral e fiel às determinações da hierarquia.<sup>285</sup>

Valorizando por demais a ordem hierárquica da Igreja e defendendo a idéia de que somente respeitando essa ordem é que poderia haver uma reformulação da Igreja, d. João Becker escreveu nas *Cartas pastorais* que as normas edificadas pelos superiores deviam ser rigidamente seguidas como “condição para a vitória da Igreja contra o mal”. A figura desse religioso é evidenciada por coincidir, nas décadas de 1930 e 1940, com o catolicismo romanizado; a posição ultramontana da Igreja Católica, a determinação baseada nas diretrizes do papa, na esfera universal e na figura do arcebispo, na esfera regional. A Igreja Católica deveria marcar sua presença e atuação nas comunidades, obedecendo às diretrizes superiores.

São perceptíveis, na vida eclesiástica de d. João Becker, os esforços em dotar a Igreja de respeitabilidade, direcionando o clero insistentemente e, de certa forma, ditatorialmente. Por isso, sofreu críticas por parte de uma parcela do clero e do laicato, de grupos de jovens intelectuais engajados no projeto católico, os quais consideravam que ele estava muito preso à elite e ao governo, o que é compreensível uma vez que tinha muita facilidade para realizar acordos e alianças com os governantes locais e nacionais. A ordem hierárquica da Igreja foi muito valorizada por d. João Becker, defendendo a

---

<sup>285</sup> ISAÍÁ, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 49.



Igreja Matriz de Passo Fundo. 1908.

idéia de que somente respeitando tal ordem é que poderia haver uma reformulação da instituição.<sup>286</sup>

O catolicismo da época de d. João Becker pregava a cristianização social, defendendo uma regeneração social, fato que coincidiu em muitos aspectos com o castilhismo rio-grandense, seguindo orientações de Borges de Medeiros e Getúlio Vargas, os quais elevaram os princípios positivistas à frente de seus governos. Ambos estavam preocupados com a organização científica da sociedade, propondo um Estado neutro e uma política progressista; por outro lado, aliaram-se a instituições não aceitas pelo positivismo e que, até mesmo, o criticavam, como no caso da religião católica.

---

<sup>286</sup> *Ibidem*, p. 54-60.

O catolicismo era aceito como força legitimadora e capaz de colaborar com o assujeitamento social requerido para que houvesse ordem. Por outro lado, o catolicismo rio-grandense encarava com simpatia uma experiência governamental fundamentada em princípios, como a moralidade como norma administrativa, o apelo à ordem, o desdém à consulta popular como princípio legitimante e realizador do bem comum, o antiliberalismo e, sobretudo, o prestígio e a liberdade desfrutados pela religião no castilhismo.<sup>287</sup>

Os confrontos no campo das idéias polarizados pela laicização frente à clericalização ficaram evidenciados em Passo Fundo pelo episódio de *Corpus Christi*, em que representantes da maçonaria defenderam publicamente seus princípios em nome do Hospital de Caridade e disso decorreu a implantação do Hospital São Vicente de Paulo, como alternativa ao projeto de expansão do catolicismo.

### 3.3. Polêmica entre as instituições hospitalares

O histórico das instituições hospitalares planejadas desde 1914 em Passo Fundo mostra o modo pelo qual foram construídas alternativas à viabilização de seus projetos. Com a demarcação da defesa de campos distintos de idéias, a manutenção dos grupos em torno de um mesmo projeto tornou-se insustentável em 1918, quando ocorreu a cisão, ficando demarcada, de um lado, a sociedade maçônica, com o Hospital de Caridade, e, de outro, a católica, com o Hospital São Vicente.

---

<sup>287</sup> ISAÍÁ, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998, p. 70.

A idéia de fundar um hospital laico, sem vínculos religiosos, no qual trabalhassem profissionais descomprometidos com tais princípios, tornou-se uma ameaça ao projeto católico, que tinha por objetivo expandir sua atuação, divulgando a cristianização e cativando mais adeptos. Estabeleceu-se, assim, um clima de tensão e uma certa predisposição para que os ânimos se acirrassem.

Essa polêmica criada na disputa de legitimação social maçônica e católica pelo Hospital de Caridade, deflagrada em 1918, fez com que emergissem dois representantes ou líderes dos movimentos: Francisco Antonino Xavier e Oliveira e Rafael Iop.

Seguindo os apontamentos de Isaía, compreendemos que o ato de evidenciar determinada pessoa é, antes de tudo, uma tentativa de seu enquadramento num contexto amplo em que a individualidade interage com o meio,<sup>288</sup> e é assim que apresentaremos estes portavozes das idéias dominantes.

Francisco Antonino Xavier e Oliveira foi o primeiro presidente da Sociedade Hospital de Caridade, tendo sido reeleito em várias gestões da diretoria, representando a elite intelectual passo-fundense; foi membro atuante da maçonaria local e escreveu vários livros sobre a história de Passo Fundo; participou de várias entidades sociais, dentre elas, clubes de serviços, sociais, recreativos entre outras, colaborando na redação de seus estatutos.<sup>289</sup>

---

<sup>288</sup> Ibidem, p. 17.

<sup>289</sup> A biografia deste autor encontra-se no livro de COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história: 1914-1994*. Passo Fundo: Ediupf, 1994, p. 13-19. Também em GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. p.150-152. Nasceu em 5 de setembro de 1876 e faleceu em 10 de julho de 1953, em Passo Fundo, onde viveu toda sua vida; estudou as primeiras letras; possuiu casa de negócio; foi caixeiro-viajante; amanuense do Conselho Municipal (1896); promotor interino da comarca (1899); escrivão do censoamento federal (1900); juiz distrital (1909); vice-inten-

A sua atuação na maçonaria foi reconhecida localmente e em todo o estado do Rio Grande do Sul por ter assumido os princípios dessa entidade incondicionalmente, defendendo-os durante toda a sua atuação pública, demonstrando ser o condutor desse projeto em vários espaços sociais da cidade de Passo Fundo.

O outro personagem dessa polêmica, padre João Rafael Iop, vigário da paróquia, chegara a Passo Fundo em 1912, onde permaneceu até 1921, sendo o idealizador e fundador do Hospital São Vicente de Paulo, juntamente com a comunidade católica local, no qual ocupou o cargo de diretor até 1921.<sup>290</sup>

Na sessão da assembléia geral de 26 de maio de 1918, foi comunicada a realização de um espetáculo no Cinema Central, que a Sociedade São Vicente de Paulo

---

dente (1909-1912); adquiriu título de advogado profissional não formado (1933); foi nomeado prefeito municipal (1945-1946); Atuou como jornalista nos seguintes periódicos: *O Gaúcho*, *A Voz da Serra*, Boletim do Hospital de Caridade (Hospital da Cidade), Boletim da Intendência Municipal; além disto foi colaborador do *O Gaúcho*, *A Época*, *O Carazinho*, *O Delta* (Porto Alegre), *Alma* (Porto Alegre), *O Athleta* (Porto Alegre) e da revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; foi correspondente do *O Diário* (Porto Alegre), *O Diário do Interior* (Santa Maria), *O Cruz Alta* (Cruz Alta), *A Reforma* (Machado, MG) e *Jornal do Comércio* (São Paulo). Foi presidente de várias entidades, valendo destacar: Clube Literário Recreativo (1897-1898); Grêmio Dramático Passo-Fundense (1900); Clube Amor à Instrução (1900); Liga Protetora dos Pobres (1906); Loja Maçônica Concórdia do Sul (1909-1913); Comitê da Aliança Liberal (1928-1930); Comitê População Pró Getúlio Vargas (1929-1930); Grêmio Passo-Fundense de Letras (Academia Passo-Fundense de Letras) (1939). Foi orador oficial do Clube Pinheiro Machado e da Loja Maçônica Concórdia do Sul. Exerceu atividades no magistério pelas seguintes instituições: diretor da Escola Minerva (1889-1900); diretor da Escola Guilherme Dias (da maçonaria); diretor do Curso Comercial (1921); professor do Colégio Passo Fundo (1908); professor do Instituto Ginásial (Instituto Educacional) (1922- 1923). Na condição de membro, participou das seguintes associações: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul; Sociedade Theosófica de Benares, (Índia); Grêmio Passo-Fundense de Letras (Academia Passo-Fundense de Letras); Secretário local da Ordem maçônica Estrela do Oriente;

<sup>290</sup> Conforme os relatórios da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo, do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinquentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo





Anotnino Xavier entre políticos locais. Década de 1910.

---

Fundo – 1968, p. 9, sob o título: *Homenagem Póstuma, Pe. João Rafael Iop, 5 A. C. – Palotino*. Nasceu em Vale Vêneto, no município de Cachoeira do Sul, a 22 de junho de 1882, e faleceu na cidade de Santa Maria, em 17 de agosto de 1947. Foi ordenado sacerdote em 1906, exercendo seu primeiro apostolado em Porto Alegre, na Paróquia da Tristeza. Em 1912, chegou a Passo Fundo, permanecendo até 1921. No ano de 1918, fundou o Hospital São Vicente de Paulo, que contou com a ajuda da comunidade católica local. Já em 1921, foi transferido ao Vale Vêneto, onde exerceu o posto de reitor do Seminário dos Palotinos, iniciando a construção e conclusão do Seminário Menor Palotino. Aí permaneceu como reitor até 1934. Em 1923, como apóstolo da Boa Imprensa, fundou a tipografia e revista *Rainha dos Apóstolos*. De 1934 a 1936, tomou a direção do Patronato A. Ramos em Santa Maria, que atendia à educação da infância desamparada. Em 1936, foi nomeado superior dos Padres Palotinos, e em 1940, quando a Região Sul-Brasileira dos Palotinos foi constituída em província, ficou sendo o 1º provincial, cargo que exerceu até dois meses antes de falecer.

organizara em benefício do Hospital de Caridade, sendo entregues 545\$000 mil réis para essa instituição.<sup>291</sup> Na mesma assembléia, foi apresentado o convite para que a Sociedade Pró-Hospital comparecesse com seu estandarte à procissão de *Corpus Christi*, que se realizaria no dia 2 de junho de 1918.<sup>292</sup>

Entretanto, a Sociedade Pró-Hospital comunicou que não poderia comparecer oficialmente o tal ato religioso, pois seguiria as disposições dos estatutos, que, em seu artigo 68, § único, dispunham o não-comparecimento a eventos religiosos ou políticos. E assim se encerrava o comunicado:

Ficou resolvido a oficialização dando ciência disto ao Sr. Vigário, sem prejuízo do comparecimento pessoal dos senhores membros da diretoria, que de acordo com seus sentimentos religiosos particularmente quisessem concorrer para a referida solenidade.<sup>293</sup>

Essa negativa ao convite de participar da procissão por parte da Sociedade Pró-Hospital foi o estopim para que o conflito se aguçasse e se instalasse uma polêmica sobre a questão. O grupo católico integrante dessa sociedade reagiu solicitando reformulações nos estatutos. Houve uma polarização em torno de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, presidente daquela sociedade, com o padre Rafael Iop, vigário da paróquia, que redigira a carta-convite e as demais declarações sobre a situação, ambos defendendo os projetos sociais, respectivamente, laicizar ou catolicizar.

---

<sup>291</sup> Livro de Atas n. 1 do Hospital de Caridade (1914-1920), ata n. 49 de 26 de maio de 1918.

<sup>292</sup> Idem.

<sup>293</sup> Idem.



Rafael Iop. Década de 1910.

O embate entre a maçonaria e a Igreja Católica tornou-se conhecido naquele episódio, confrontando os grupos representativos das sociedades hospitalares, gerando defesas dos projetos e ofensas que envolveram a população passo-fundense, pois houve a publicação do episódio em forma de cartas e panfletos. A reação católica veio com uma carta, em que Rafael Iop arremeteu contra a diretoria do hospital, dizendo que “esta feição puramente civil e leiga do Hospital não satisfazia a mim e aos católicos e que por isso não poderíamos apoiar essa

obra, a não ser que se reformulassem aqueles estatutos”.<sup>294</sup>

A defesa do conteúdo dos estatutos foi o argumento da diretoria do Hospital de Caridade frente às solicitações do grupo católico, as quais, de certa forma, traduziam a defesa do laicismo, ponto central do conflito. Isso é perceptível na continuação da primeira carta do padre Rafael Iop:

Estatutos, que nos são odiosos, ou que não garantem suficiente liberdade no exercício de nossa religião, que para um instituto de caridade é questão capital, porquanto a caridade bem entendida é fruto da religião católica.<sup>295</sup>

Em resposta a essa provocação, Francisco Antonino Xavier e Oliveira escreveu ao reverendo:

No ponto em que diz que os estatutos desta grande obra são odiosos ao catolicismo, pela razão de ser ela de cunho inteiramente civil. Diante dessa maneira de ver de V. Rev.ma., toda e qualquer agremiação humana que se apresentar protestando neutralidade frente às religiões, como o Hospital se apresenta poderá ser considerada odiosa ao catolicismo.<sup>296</sup>

Enquanto presidente do Hospital de Caridade, Francisco Antonino Xavier e Oliveira defendeu a instituição segundo os estatutos aprovados desde sua fundação. Nesse sentido, assinou as cartas enviadas ao padre católico:

---

<sup>294</sup> Correspondência assinada pelo padre Rafael Iop, intitulada “Esclarecimentos necessários” de 20 de junho de 1918.

<sup>295</sup> Idem.

<sup>296</sup> *Em torno de uma grande obra – pela verdade I*: Correspondência remetida ao padre Rafael Iop, assinada por Francisco Antonino Xavier e Oliveira em 22 de junho de 1918.



Procissão de Corpus Cristi. Passo Fundo. 1934.

entretanto, como tomasse V. Rev.ma., a iniciativa de lançar essa questão ao domínio público, justo é que eu, colocado na obrigação indeclinável de defender a orientação, a conduta e o futuro da generosa instituição confiada a minha presidência humilde, lhe digo que foi verdadeiramente inoportuno e lamentável, que V. Rev.ma., se lembrasse de atirar ao seio dela essa bomba, que ontem explodiu e cujos estilhaços, a estas horas semeados largamente na cidade, estão proclamando a existência de uma dissensão neste recinto, onde só deviam e devem reinar o amor, a concórdia e a tolerância.<sup>297</sup>

A indignação tomou dimensões significativas quando o episódio alcançou a esfera pública, pois evidenciou o surgimento de divergências de opiniões e interesses no interior daquela instituição, onde, no entendimento de

---

<sup>297</sup> Idem.

Francisco Antonino, deveria prevalecer um clima de tolerância. Por sua vez, o padre Rafael argumentaria a respeito do episódio:

O fato do Hospital de Caridade não comparecer à proclamação é de pouca importância; mas, a declaração oficial de que o Hospital não adota religião alguma, que é uma sociedade civil e neutra, reclamava da parte dos católicos uma atitude franca e decisiva.<sup>298</sup>

É perceptível, portanto, a indignação dos dois grupos envolvidos no episódio, que, ao ser tornado público, explicitou as posições divergentes no campo das idéias, as quais eram defendidas em qualquer situação. Francisco Antonino chegou a *abrir mão* de seu cargo de presidente da diretoria do hospital em reunião da assembléia do dia 21 de junho de 1918.

Pelo sr. Presidente foi dito que tendo ele de responder ao avulso que o mesmo sr. Padre fizera distribuir hoje na cidade a propósito do Hospital de Caridade, para este fim, e querendo agir sob sua responsabilidade individual, passava a presidência do Hospital ao Sr. Vice-presidente Capitão José Lucas Dias.<sup>299</sup>

**Em resposta, a diretoria assim se expressou:**

A Diretoria e o senhor vice-presidente não concordaram com este alvitre, pois que se tratava da defesa do hospital e portanto não havia impedimento algum na continuação dele presidente, na qual a diretoria era plenamente solidária.<sup>300</sup>

---

<sup>298</sup> Boletim do Hospital São Vicente de Paulo, ano I n. 1, 24 jan. 1919.

<sup>299</sup> Livro de Atas n. 1 do Hospital de Caridade (1914-1920), ata n. 50, de 21 jun. de 1918.

<sup>300</sup> Idem.

Como vemos, a diretoria confiou inteiramente na defesa de Francisco Antonino Xavier e Oliveira na condição de representante e porta-voz do Hospital de Caridade.

Como entendemos a inter-relação dos indivíduos com o meio, percebemos que, nesse embate, as decisões e as defesas realizadas pelos líderes foram importantes para se compreender os acontecimentos históricos.

Falamos, anteriormente, em acirramento dos ânimos. Sem dúvida, havia uma predisposição, não restrita a Passo Fundo, dos representantes ou líderes que se configuravam como tal para o embate, visto que tinham clareza sobre a laicização e clericalização da sociedade, defendendo esses projetos muito enfaticamente. As palavras de Francisco Antonino são reveladoras de suas convicções:

uma coisa porém afirmo desde já a V. Rev.ma., com mais plena convicção do meu sentir: é que se o hospital estremecer em seus alicerces, sacudido pelo vendaval de uma questão religiosa, o futuro julgará qual das duas opiniões deve responder por esse fracasso doloroso – a que visa fazer do hospital um recinto de ampla fraternidade, onde todas as religiões se abracem na preocupação exclusiva de uma caridade sem distinções, ou a que ao contrário, cogita de transformá-lo em instituição subordinada a uma crença única, afastando as demais de colaborarem para tão grandioso ideal.<sup>301</sup>

As questões da caridade, para os católicos, e da filantropia, para a maçonaria, constituíram-se num ponto de disputa entre esses, os quais os entendiam como aspectos inerentes de suas práticas. Essa disputa acirrou-se na

---

<sup>301</sup> *Em torno de uma grande obra – pela verdade I: Correspondência ao padre Rafael Iop, assinada por Francisco Antonino Xavier e Oliveira em 22 de junho de 1918.*

segunda metade do século XIX, quando a maçonaria transformou a filantropia em propaganda da instituição e, por conseqüência, crítica à Igreja Católica, com o objetivo de expandir seu campo de atuação.<sup>302</sup>

Em relação à filantropia praticada pelos maçons, tal constitui-se num dever disposto nos próprios estatutos da ordem e possui dois direcionamentos: externamente, é realizada por meio de obras e campanhas de cunho assistencialista, visando atender aos segmentos mais pobres da população, e, internamente, constitui-se no auxílio mútuo entre os filiados da instituição, o que lhes dá uma característica coesa e aglutinadora.<sup>303</sup>

Os católicos, por sua vez, entendiam a caridade como algo exclusivo e próprio de suas práticas. Sobretudo a Congregação dos Vicentinos, que formou a Sociedade São Vicente de Paulo em Passo Fundo, no ano de 1916, tendo como objetivos: “a santificação dos seus membros pela prática ativa e pessoal de toda e qualquer obra de caridade”.<sup>304</sup> Essa sociedade era estruturada por agrupamentos denominados de *conferências*, que seguiam algumas prerrogativas para poderem se constituir:

Ajustar alguns homens piedosos e ativos que se comuniquem com qualquer membro da sociedade e que, competendo-se do espírito da obra, orem, trabalhem com simplicidade, olhos feitos em Deus, nunca visando demasiado alto e que sejam de todo obedientes ao clero paróquial.<sup>305</sup>

<sup>302</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 417-420.

<sup>303</sup> *Ibidem*, p. 417

<sup>304</sup> Relatório da Sociedade São Vicente de Paulo de Passo Fundo. A Nacional, Impressora. Passo Fundo, 1930, p. 9.

<sup>305</sup> *Idem*. Em 1833, alguns alunos da Universidade de Paris reuniram-se para fundar uma instituição cívico-religiosa que visitasse os pobres e enfermos, levando-lhes conforto material e espiritual. Entre eles, destacaram-se



A Congregação dos Vicentinos seguia os mesmos ditames propostos por d. João Becker, arcebispo de Porto Alegre, e buscava recrutar um laicato integrante da elite local, cujas características deveriam ser: “Pesquisar ativamente, todas as misérias a socorrer mediante auxílios materiais (vales de pão, carne, vestuários, fornecimento de remédios etc.) e por meio de auxílios morais (boa leitura, conselhos, informações, escolas às crianças pobres etc.)”.<sup>306</sup> A regeneração e a moralização social também compunham essas prerrogativas, coincidindo com o projeto de expansão do catolicismo.

Além da defesa da caridade cristã e da revogação dos estatutos, outras solicitações foram feitas pelo padre Rafael Iop, que representava a Sociedade São Vicente de Paulo, na sua primeira carta datada de 20 de junho de 1918. Nela, o padre solicitava que houvesse liberdade de religião, que a direção interna do hospital fosse confiada às Irmãs de Caridade e, por fim, reclamava resposta à primeira carta enviada à diretoria do Hospital de Caridade.

---

Emmanuel Bailly, professor, nascido em 1793; Paulo Lamarche, secundarista de direito, nascido em 1810; Felix Clavé, estudante preparatoriano, nascido em 1810; Augusto de Taillander, secundarista de direito, nascido em 1811; Júlio Devaux, secundarista de Medicina, nascido em 1811; Frederico Ozanam, secundarista de Direito, nascido em 1813; Francisco Lallier, secundarista de Direito nascido em 1814. De Paris para o interior da França, encontram-se membros dessa fecunda família que procuram seguir os admiráveis exemplos de São Vicente de Paulo, consagrando parte de seu tempo a socorrer os miseráveis, seja com a esmola bendita, seja com o conforto espiritual que regenera a alma, lembrando ao cristão o seu destino final após a curta transitória passagem desta vida. As Conferências Vicentinas foram se espalhando por várias regiões do mundo. Em agosto de 1872, fundou-se no Rio de Janeiro a 1ª Conferência Brasileira, disseminando por muitas cidades do país.

<sup>306</sup> Idem, p. 9. Para auxiliar o pobres e necessitados, foi preciso congregar homens piedosos e ativos, requeridos por essa congregação religiosa, que nasceu pela iniciativa de uma elite intelectual e econômica, pois os estudantes de Paris, quando iniciaram seus trabalhos piedosos na sociedade, não conheciam os pobres.

No dia 7 de julho de 1918, na sessão da assembléia do Hospital de Caridade, foi decidido que seria organizada uma comissão para ouvir os argumentos do padre Rafael Iop, constituída pelas seguintes pessoas:

Capitão José Lucas Dias, Armando Annes, Dr. Arthur Caetano da Silva, Irineu de Oliveira Goulart e Ernesto Morsh, ficando estabelecido que dentro dos estatutos a diretoria aceitaria quaisquer ponderações razoáveis, contando que ficasse mantida a organização neutral do Hospital de Caridade.<sup>307</sup>

Nessa mesma reunião, foram levantadas algumas questões pelo sócio Armando Annes, representante da Assembléia Geral, que se preocupava com a divisão do grupo, percebendo-a como algo prejudicial à instituição:

O Sr. Armando Annes lembrou a conveniência de harmonizar-se essa questão, atendendo-se a que assim poderia ir mais depressa o Hospital de Caridade, ao passo que não se fazendo isto e tendo o senhor Padre Iop fundado um novo hospital, a construção de dois institutos dividiria a cooperação pública dificultando a construção de ambos.<sup>308</sup>

A discussão sobre a criação de outro hospital na cidade já estava ocorrendo, o que se concretizou em 24 de junho de 1918, por iniciativa dos confrades da Sociedade São Vicente de Paulo, pelas zeladoras do Apostolado da Oração e pelo vigário da paróquia, padre Rafael Iop, além de várias outras pessoas católicas da comunidade. Isso

---

<sup>307</sup> Livro de Atas n. 1 do Hospital de Caridade (1914-1920), ata n. 51, de 7 de julho de 1918. Disposto no AHR da UPF.

<sup>308</sup> Idem.

repercutiu na cidade de tal forma que alguns membros da diretoria do Hospital de Caridade avaliaram as conseqüências negativas oriundas dessa ação, tais como a cisão definitiva dos grupos mantenedores das instituições.

Então, a comissão escolhida para conversar com o padre Rafael Iop apresentou as solicitações pretendidas na ata de 20 de julho de 1918, as quais diziam respeito às modificações nos estatutos, dando ênfase ao comparecimento do hospital nos atos religiosos e políticos, a serem feitas no parágrafo único do artigo 68, e uma modificação do artigo 3º, alterando a frase, “não melindrem as demais”; por fim, era solicitada a renúncia coletiva da diretoria.<sup>309</sup>

Além dessas solicitações, eram apresentadas outras, que ainda não eram conhecidas ou que não estavam diretamente ligadas ao episódio, tais como: construir uma capela católica no hospital e uma enfermaria, confiar às Irmãs de Caridade o serviço interno do hospital e reconhecer os sócios do Hospital São Vicente de Paulo como sócios ativos do Hospital de Caridade.<sup>310</sup> Essas solicitações não foram compreendidas pela diretoria, que solicitou outro encontro com o padre Rafael Iop a fim de esclarecê-las. Nessa mesma ata, o padre Rafael menciona ter convocado as diretorias das sociedades católicas para o auxiliarem na redação dessas bases de solicitações.

O episódio foi comunicado também ao bispo diocesano de Santa Maria, d. Miguel de Lima Valverde, pois, na-

---

<sup>309</sup> Livro de Atas n. 1 do Hospital de Caridade (1914-1920), ata n. 52, de 20 de julho de 1918. O artigo 3º tem a seguinte redação: A existência do hospital será inteiramente alheia às religiões em geral, mas aos seus doentes será garantido o direito de receberem o conforto daquelas a que pertencerem, contanto que não afetem ou melindrem as demais. Disposto no AHR da UPF.

<sup>310</sup> Idem.

quela época, a paróquia de Passo Fundo fazia parte dessa diocese, o qual enviou a seguinte resposta:

Aprovo a resposta que deu V.R. ao ofício da diretoria do futuro hospital dessa cidade. Hoje querem laicizar tudo. É um triste sinal dos tempos. Já é tempo de sermos, nós católicos, um pouco mais prudentes, recusando-nos a concorrer moral e materialmente para obras que direta ou indiretamente desconhecem os direitos de Deus.<sup>311</sup>

É perceptível, na missiva do religioso, a defesa do projeto católico quando menciona que há quem queira “laicizar tudo”, ao passo que os católicos teriam a clareza e o entendimento das obras que possuem o caráter divino, como se tivessem a exclusividade de Deus.

No dia 11 de agosto de 1918, em reunião da diretoria, foram apresentadas novamente as bases sugeridas para serem implantadas a fim de que os católicos permanecessem na Sociedade Hospital de Caridade e houvesse a fusão das duas instituições hospitalares. Eram essas: a fundação de uma pequena enfermaria, alugada, para o tratamento dos pobres e necessitados; o reconhecimento dos sócios da Sociedade São Vicente de Paulo como sócios ativos, com direito imediato de votarem e serem votados; nova redação do artigo 3º, que deveria ser escrito da seguinte forma: “aos doentes será garantido o direito de receberem o conforto da religião a que pertencerem”; a supressão da parte final do artigo 68 parágrafo único; a exemplo de outros hospitais, a entrega do serviço interno do hospital às Irmãs de Caridade; a construção de uma capela de acordo com o vigário da

---

<sup>311</sup> *Boletim do Hospital São Vicente de Paulo*. Passo Fundo, 1919, ano 1, n. 1, p. 2.

paróquia. Tais disposições não poderiam ser alteradas ou revogadas nem mesmo pela Assembléia Geral, a não ser após três sessões consecutivas.<sup>312</sup>

A diretoria do Hospital de Caridade, entretanto, considerou inaceitáveis tais bases, pois implicavam a transformação do espírito neutral da instituição, mantendo-se, então, irreduzível nas suas decisões. Nesse mesmo ano, 1918, a *influenza hespanhola* grassou no país, estado e município, fazendo com que as duas instituições hospitalares buscassem socorrer as vítimas da epidemia, o que fizeram, instalando, em caráter provisório, duas enfermarias em casas alugadas.

Com a intenção de praticar a caridade, foi escolhida como lema do Hospital São Vicente de Paulo a frase “*charitas Christi urget nos*”, que significava “caridade de Cristo”. Nas palavras do bispo d. Miguel de Lima Valverde:

Foi a caridade de Cristo, que forçou, impeliu, constrangi os católicos de Passo Fundo a descerrar as portas desse abrigo para ir enfermar pobres, que muitas vezes, menos pela gravidade da moléstia, do que pela falta de socorros adequados, vêem cortado o fio da existência.<sup>313</sup>

A caridade era defendida como algo exclusivo da religião católica, sendo recusadas outras formas de exercê-la, como bem explicita esse trecho de documento da Sociedade Beneficente São Vicente de Paulo:

---

<sup>312</sup> Livro de Atas n. 1 do Hospital de Caridade (1914-1920), ata n. 54, de 11 de agosto de 1918.

<sup>313</sup> Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinqüentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo Fundo – 1968, p. 30, sob o título “Nosso lema: *Charitas Christi urget nos*”.

Por onde se vê, que a verdadeira caridade de modo algum se pode confundir com a filantropia, que é do amor do homem pelo homem, sentimento fraco, instável, incapaz de inspirar dedicação e sacrifícios. Aquela é patrimônio exclusivo do cristianismo, máximo da religião católica, que só possui verdadeira e integral doutrina de Cristo.<sup>314</sup>

**É possível perceber que essa exposição possuía um destinatário certo, muito embora o texto tenha sido escrito muito tempo depois do episódio de 1918. Nele se defende a caridade cristã como a verdadeira, ao que revêda Francisco Antonino em uma publicação em 1921:**

quando foi erguido o Hospital de Caridade, se levantou originalmente outra obra, muito mais importante ainda, que foi a sua norma, na qual se cristaliza a verdadeira caridade, que é aquela que não visa a grandeza material desta ou aquela religião, nem quer dividir o próximo, porém, ao contrário, é praticada por simples dever de solidariedade para com a desgraça, sem indagar se esse próximo é branco, preto ou amarelo, brasileiro ou estrangeiro, católico, protestante, israelita, maometano, budista, xintoísta, livre pensador ou ateu, e muito menos pretender que o socorrido, pelo fato de o ser, fique obrigado a este ou aquele culto, esta ou aquela disciplina religiosa.<sup>315</sup>

**Em defesa do Hospital de Caridade também são expressas algumas idéias no sentido de crítica a um de-**

---

<sup>314</sup> Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo no cinquentenário do Hospital São Vicente de Paulo. 1918 – Passo Fundo – 1968, p. 30, sob o título “Nosso lema: Charitas Christi urget nos”.

<sup>315</sup> Publicação no jornal *A Época* 18 ago. 1921, sob o título “A propósito de um artigo da Folha Vicentina”, assinado por Francisco Antonino Xavier e Oliveira.

terminado modo de fazer caridade, como: “A caridade de luvas de pelica, é suave e conforta o coração, confrange o espírito, mata ilusões e enjoa o estômago”.<sup>316</sup> Esse texto fala do hospital dos pobres e de como a sociedade estava assumindo os serviços prestados naquela instituição, tendo sido publicado numa coluna do jornal sem assinatura. Como podemos ver, o embate seguia entre os grupos da elite (católicos e maçons), cada um enaltecendo sua caridade como a mais relevante e verdadeira.

### 3.4. A elite mantenedora dos projetos nas instituições hospitalares

A participação da elite passo-fundense, identificada como sendo um grupo dominante na sociedade local, foi de fundamental importância na constituição dos hospitais em Passo Fundo, expandindo-se a outros campos sociais, bem como a escolas, clubes, associações e jornais locais. Esse grupo, também denominado *mantenedor* auxiliou e incentivou com recursos financeiros essas instituições.<sup>317</sup>

Passo Fundo, no início do século, vivia um clima de pleno desenvolvimento, no qual o comércio despontava como um dos principais setores, acompanhado pelas atividades de extração de madeira, de serrarias, bem como pelo cultivo e extração de erva-mate. O grupo dirigente

---

<sup>316</sup> Jornal *O Nacional*, 28 jul. 1928, p. 1.

<sup>317</sup> COLUSSI, Eliane Lucia. A fundação dos hospitais de Caridade e São Vicente de Paulo: um estudo dos conflitos entre maçonaria e igreja Católica em Passo Fundo – RS (1914-1920). *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, Passo Fundo, anos 14 e 15, v. I e II, 1998/1999. Essa disputa evidenciou-se por volta da década de 1950, no consórcio entre Igreja Católica e Sociedade Pró-Universidade, projeto que se configurou na instauração da Universidade de Passo Fundo em 1968, p. 63.

da cidade no início do século estava envolvido com esses setores, porém havia um crescimento acentuado de profissionais liberais, que também passavam a contribuir para o desenvolvimento local.

No processo de entendimento da fundação, construção e administração das duas primeiras instituições hospitalares nessa cidade, torna-se de fundamental importância traçar o perfil dos grupos mantenedores dos hospitais, que são representados por pessoas que exerciam poder na comunidade, a elite local. Esse poder configurou-se no âmbito da política, sendo exercido por um grupo minoritário, assim definido no *Dicionário de política*:

Em cada sociedade, o poder político pertence sempre a um restrito círculo de pessoas; o poder de tomar e de impor decisões válidas para todos os membros do grupo, mesmo que tenha de recorrer à força, em última instância.<sup>318</sup>

A elite configura-se, pois, como um grupo minoritário que, de várias formas, é detentor de poder, em contraposição a uma maioria que está privada de exercê-lo. Por haver uma diferenciação na conceituação das formas de exercer o poder, baseamo-nos na definição do mesmo dicionário:

uma vez que, entre todas as formas de poder (entre aquelas que, socialmente ou estrategicamente, são mais importantes estão o poder econômico, o poder ideológico e o poder político), a teoria das elites nasceu e se desenvolveu por uma especial relação com o estudo das elites políticas, ela

---

<sup>318</sup> BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999, p. 385.



pode ser redefinida como a teoria segundo a qual o poder político pertence a um restrito círculo de pessoas.<sup>319</sup>

A questão central na temática que trabalhamos, envolvendo os grupos dominantes, foi a tentativa de entender-se de quem era essa elite, como se constituía, qual era o seu campo de atuação, como se reproduzia e como se mantinha. Ao lançar essas questões, baseamo-nos no trabalho de Peter Burke, que delineou e comparou as elites de Veneza e Amsterdã.<sup>320</sup>

Tomando as diretorias empossadas e eleitas desde 1914 até 1928, listamos os nomes das pessoas que participaram desse processo, que totalizaram sessenta e três participantes.<sup>321</sup> O próximo passo foi a pesquisa desses nomes em outras associações, entidades, grupos políticos, enfim, agrupamentos sociais que fossem significativos à cidade de Passo Fundo, visando compreender a composição dos grupos mantenedores dos hospitais.<sup>322</sup>

---

319 BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

320 BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991. Para estudar as elites, Burke trabalha por meio das biografias coletivas e formula oito perguntas a fim de alcançar melhor seus resultados: 1) Qual é a estrutura da elite em Amsterdã e Veneza? Como ela é recrutada? Trata-se de um estamento ou de uma classe? 2) Quais são as funções políticas? Em que medida ela domina, a quem e por que meios? 3) Qual é a sua base econômica? Ela é rica ou é pobre e de onde vem sua riqueza? 4) Qual é o seu estilo de vida? 5) Quais são suas atitudes e valores mais importantes? 6) Em que medida ela patrocina as artes? 7) Como é educada? 8) Como e por que ela muda durante o período estudado?

321 A idéia inicial da composição do quadro biográfico foi trabalhar dentro do período proposto, porém apenas com as diretorias.

322 Conforme citado no texto de HEINZ, Flávio M. Considerações acerca de uma história de elites. *Logos: Revista de divulgação científica – especial de História e Política*, v. 11, n. 1, Canoas, maio 1999, a metodologia utilizada foi a pesquisa biográfica com tratamento coletivo de dados, destacando-se: o cargo de atuação na diretoria, o período indicado, a profissão, a atuação política e filiação partidária, sua participação em outras associações e a participação na maçonaria.

A abordagem do quadro biográfico coletivo visou a uma apresentação de alguns aspectos significativos, tais como: o cargo e o período de participação na instituição hospitalar, as profissões, a filiação partidária, participações em outras associações ou clubes sociais e a atuação na maçonaria.

A idéia inicial para compor o quadro biográfico era de que este estivesse entre 1914 e 1928, porém no processo eletivo das diretorias percebemos que a nona diretoria do Hospital de Caridade eleita em 1928, apenas tomou posse um ano depois, permanecendo no cargo até 1932. Já no Hospital São Vicente de Paulo, o período de gestão das diretorias era mais longo; por exemplo, a terceira diretoria eleita em 1928, permaneceu no cargo de 1929 até 1938, revelando que houve um maior número de pessoas ligadas ao Hospital de Caridade (38 pessoas) do que ao Hospital São Vicente de Paulo (25 pessoas). O Hospital de Caridade começou, entretanto, seu processo eletivo mais cedo, em 1914, e tinha eleições anuais para troca de diretoria.

Os estatutos das sociedades hospitalares sugeriram-nos a averiguação das profissões dos sócios, já que contribuíam com mensalidades previamente estabelecidas, o que foi de importância significativa para que os projetos das instituições hospitalares se concretizassem e alcançassem as metas estabelecidas por elas. Isso possibilitou um mapeamento das atividades profissionais dos sócios, que, na sua grande maioria, eram do comércio, da indústria e profissionais liberais, constituindo-se num tipo de elite econômica, atuante e dirigente da economia local.<sup>323</sup>

---

<sup>323</sup> O termo *indústrias* serve para denominar atividade de beneficiamento de matérias-primas, como madeira, café, erva-mate, couro, trigo etc. Um exemplo de anúncios de propaganda no jornal: "torrefação de café do proprietário Herculano Trindade"; "Moinho de trigo de propriedade de Ludovico Della Méa". Em suas denominações, eram comerciantes e industrialistas. Já os profissionais liberais que atuavam na cidade nesse período eram, em sua maioria, médicos, advogados e engenheiros.

Nas diretorias eleitas no Hospital de Caridade, constatamos profissões diversas: entre os 38 membros listados, 15 não continham essa informação; 12 eram comerciantes; cinco eram industrialistas e comerciantes; dois eram médicos; um era pecuarista; quatro eram jornalistas, sendo que dois destes eram também advogados; dois eram capitães do exército; um era suplente de juiz distrital.

No Hospital São Vicente foram listados 25 nomes, porém em 13 deles não havia informações quanto à profissão; quatro eram comerciantes; cinco eram industrialistas e comerciantes; dois eram médicos; um era advogado; um era engenheiro; uma era religiosa e havia um padre da paróquia.

Tanto a maçonaria quanto o catolicismo visavam implementar seus projetos com o apoio das elites, que foi, de certa maneira, levada a fracionar-se para auxiliar a manutenção das duas instituições hospitalares, representando uma demarcação de diferentes propostas no campo político das idéias.

Essa não foi tarefa fácil, se considerada a situação de uma cidade do porte de Passo Fundo no início do século, que estava apenas delineando o seu projeto de desenvolvimento, passando por dificuldades no que diz respeito ao seu planejamento, execução de obras, qualificação de pessoas etc. Foram necessárias várias ações para que se concretizassem os projetos dos dois hospitais: formação de associações, recrutamento de sócios, campanhas de doações, realização de quermesses, de festas e saraus, veiculação de propagandas, enfim, esses grupos trabalharam intensamente.

O Hospital de Caridade, de 1914, passou a funcionar em prédio próprio apenas em 1920, tendo sido alu-

gada uma casa para servir de enfermaria em 1918, por ocasião da gripe espanhola. Desde esse período, realizavam-se reuniões e assembléias da diretoria frequentemente, eleições anuais das diretorias e uma intensa campanha para mobilizar e recrutar sócios.

Conforme os estatutos do Hospital de Caridade, eram consideradas as seguintes categorias de sócios: fundadores, ativos, auxiliares, remidos, honorários, benfeitores e beneméritos. Entre as quais, apenas os sócios auxiliares não poderiam participar das diretorias com cargos eletivos; as categorias restantes tinham acesso liberado para votar e serem votadas. Para ser sócio da instituição, havia a exigência de pagamento de quantias diferenciadas para cada tipo de sócio.<sup>324</sup>

Essa preocupação com a categorização de sócios também esteve presente no Hospital São Vicente de Paulo, que dispunha em seus estatutos sobre as categorias de sócios: efetivos, beneméritos, benfeitores, remidos, protetores e zeladores. Eram considerados sócios efetivos os católicos que, pertencendo a qualquer das categorias de sócios referidas, fossem eleitos por unanimidade de votos da diretoria. As disposições para as pessoas se asso-

---

<sup>324</sup> Primeiro Estatuto do Hospital de Caridade. In: COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília. (Org.). op. cit., p. 59-82. A diferenciação dos sócios se dava em torno da forma de pagamento e das concessões deliberadas, pois eram sócios ativos os que pagavam uma jóia de entrada de 11\$000, e daí em diante a mensalidade de 1\$000, podiam votar e serem votados na assembléia da diretoria, entre outras disposições baseadas no estatuto; os auxiliares não eram sujeitos à jóia de entrada, pagavam a mensalidade de 1\$000, não podiam votar nem ser votados para os cargos da diretoria, nem tomar parte nas deliberações da assembléia geral; o sócio que de uma só vez pagasse 120\$000 ficaria remido, isento de contribuir pelo resto de sua vida e conservando os mesmos direitos conferidos aos demais sócios; como sócio honorário seriam as pessoas que prestassem relevantes serviços à instituição; o sócio benfeitor seria aquele que fizesse a doação de 500\$000 de uma só vez em dinheiro ou serviços da necessidade da instituição; sócio benemérito era aquele que fizesse o donativo de 1:000\$000 (p. 37).

ciarem nessa instituição estavam relacionadas também ao pagamento de mensalidades.<sup>325</sup>

Entendemos, diante das exigências estabelecidas nos estatutos, que os sócios dos hospitais possuíam uma posição econômico-social diferenciada da maioria da população da época, uma vez que era necessário dispor de uma renda mensal para arcar com os pagamentos para a manutenção dessas sociedades, mesmo que houvesse critérios diferenciados de pagamentos para cada tipo de sócio.

Algumas pessoas que compunham as diretorias participaram de várias gestões na própria instituição, permanecendo durante anos nos mesmos cargos ou ocupando cargos diferentes; inclusive, houve quem participasse de ambos os grupos em momentos distintos. Já outras pessoas participaram somente de uma única gestão, não aparecendo em outras.<sup>326</sup>

A listagem dos nomes das diretorias eleitas entre 1914 e 1930 seguiu a orientação apenas dos cargos efetivos, não dos de suplência. Como pudemos observar, no Hospital de Caridade, a eleição das diretorias era feita anual-

---

<sup>325</sup> Conforme o livro de atas das reuniões com data de 20 abril, 1919. Também nos Estatutos do Hospital São Vicente de Paulo. Passo Fundo: Tipografia A Defesa, reeditado em janeiro de 1938. Os sócios beneméritos eram os que concorriam com a importância de um conto de réis (1:000\$000), ou mais, de uma só vez; os sócios benfeitores eram as pessoas que prestassem relevantes serviços ao hospital, ou concorressem com a importância maior de trezentos mil réis (300\$000) de uma só vez; os sócios remidos eram os que, de uma só vez, concorressem com a importância de cento e cinquenta mil réis (150\$000) ficando isento de jóias e mensalidades. A diretoria ficava autorizada a fazer um abatimento proporcional para a entrada de remissão de sócios pertencentes à mesma família, sendo que o primeiro pagava integralmente 150\$; o segundo teria abatimento de 10% sobre 150\$ e o terceiro teria um abatimento de 10% sobre 135%, assim sucessivamente; os sócios protetores eram pessoas de qualquer sexo que concorressem simplesmente com suas mensalidades e, por fim, os sócios zeladores eram as pessoas que se encarregassem, voluntariamente, de angariar sócios e cobrar as respectivas mensalidades.

<sup>326</sup> Isso foi verificado durante a realização do quadro e coleta de dados das biografias coletivas das diretorias dos hospitais.

mente desde 1914, tendo sido nomeada a primeira diretoria e as restantes eleitas em Assembléia Geral, pelo mesmo período de tempo. No ano de 1921, foi eleita a sétima diretoria por um período de três anos, até 1924, seguindo-se o mesmo tempo de duração da gestão das diretorias de 1924 a 1927, de 1925 a 1928 e de 1929 a 1932, quando foram eleitas mais duas diretorias. Portanto, houve um total de nove diretorias à frente da instituição nesse período de tempo proposto.

No Hospital São Vicente de Paulo, tivemos para o período de 1918-1929 três diretorias, das quais apenas a primeira foi nomeada pelo período de um ano; a segunda completou o período de 1919 a 1922 e a terceira, de 1922-1929.<sup>327</sup> Comparando os quadros das diretorias dos dois hospitais, computamos um maior número de dirigentes no Hospital de Caridade.

A elite passo-fundense disputou os lugares sociais e culturais, porém estava aliada política e economicamente. Isso se tornou observável quando verificamos sua filiação partidária, atuação política e interesses próximos da área econômica.<sup>328</sup> Além disso, a disputa política entre federalistas e republicanos não esteve presente no interior das diretorias dos hospitais, onde não percebemos rivalizações políticas; ali, pelo contrário, uma maioria estava afinada com o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), o que também foi percebido em outros espaços, diferentes dos hospitais.

---

<sup>327</sup> Conforme as atas das diretorias do Hospital São Vicente de Paulo.

<sup>328</sup> A documentação oficial do trabalho constituiu-se nas atas das assembleias e reuniões dos hospitais, de suas listas de doações, nas atas das reuniões e assembleias dos clubes sociais da cidade, nas atas da Associação Comercial, de material bibliográfico da história local e do jornal *O Nacional*, que começou a ser veiculado em 1925.

O PRR mostrou-se, nesse período, hegemônico em Passo Fundo, como o era no restante do estado, concretizando-se também nos espaços não-formais da política, como foi o caso dos hospitais, pois existiam nas diretorias representantes dos dois grupos políticos. Isso constatamos no livro de atas das eleições de 1912, em que constam suas filiações partidárias, divididos entre federalistas e republicanos.<sup>329</sup> Por volta de 1930, surgiram outras facções que haviam se desmembrado desses partidos, como foi o caso do Partido Republicano Liberal (PRL), do Partido Republicano Católico (PRC) entre outros.<sup>330</sup>

Apesar de serem diferentes e antagônicos os projetos das duas instituições, não constatamos evidências de que elas tenham recebido um maior apoio por parte dos republicanos ou dos federalistas. As pessoas que participaram das diretorias tinham, em sua grande maioria, uma vida política significativa e estavam inteiradas do debate e das decisões políticas locais; por isso, denominamo-las de *elite*, não relacionando a atuação exclusiva de uma facção política a uma instituição específica.

A participação nesses espaços não-formais de política foi importante e estratégica por possibilitar-lhes a saída de uma esfera privada, que era restrita ao conheci-

---

<sup>329</sup> Livro de atas das eleições de 1912 da Intendência Municipal de Passo Fundo, disposto no AHR da UPF. Ver também algumas obras sobre esse assunto político partidário no início do século em ANTONACCI, Maria Antonieta. *A Revolução de 1923: as oposições da República Velha*. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993; TRINDADE, Héglio. *Aspectos Políticos no Sistema partidário republicano Rio-grandense (1882-1937)*. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993; PESAVENTO, Sandra. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

<sup>330</sup> O texto de MEDEIROS, Márcia Maria. Passo Fundo: política e economia na década de 1930. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 113-114, aponta um quadro listando alguns nomes de pessoas que atuaram na política local e sua filiação partidária, bem como a participação em associações e sindicatos.

mento de um público mais amplo, instalando-se, assim, uma interação entre a elite e a sociedade local. A atuação social, sem dúvida, proporcionava-lhes um reconhecimento da população, facilitando em muito toda e qualquer aspiração ao exercício da atividade política que tivessem em vista.

A elite local circulava em diferentes meios, como associações comerciais, clubes esportivos, sociais, beneficentes e políticos, como o eram o Clube Pinheiro Machado, do Clube União Comercial, Sociedade Italiana Margarita di Savoia e sindicatos, principalmente o dos Contabilistas e a Associação Comercial. Enfim, deparamo-nos, nesta investigação, com as mesmas pessoas ocupando espaços diferenciados, disputando os lugares sociais e culturais, mas aliando-se política e economicamente. Isso pode ser observado quando verificamos sua filiação partidária, atuação política e seus interesses próximos da área econômica.

Um aspecto destacado do quadro das diretorias foi a participação na maçonaria. Um grupo significativo da diretoria do Hospital de Caridade era maçom, o que, contudo, não se restringiu somente a esse hospital. Havia católicos maçons, embora em minoria, que participaram também das diretorias do Hospital São Vicente de Paulo. Esses eram mais reservados, não expondo seus princípios religiosos, nem da maçonaria em público, o que, talvez, pudesse ser uma certa contradição. Salienta-se, portanto, o fato de que a maioria dos maçons encontrava-se na diretoria do Hospital de Caridade.<sup>331</sup>

---

<sup>331</sup> Os quadros das diretorias não estão completos em sua amplitude, pois não obtivemos dados de algumas pessoas. Os dados referentes à maçonaria também não foram completados, havendo lacunas referentes aos membros dessa entidade e a sua atuação.



Por outro lado, identificamos alguns nomes componentes das diretorias do Hospital São Vicente de Paulo muito atuantes no projeto de expansão do catolicismo, como é o caso de Ludovico Della Mía e Otto Bade. Foram dois passo-fundenses que, publicamente, através de artigos na imprensa, fizeram a defesa da oficialização da Igreja ou qualquer outro tema relacionado com a instituição, além de incentivarem projetos para angariar fundos econômicos para o hospital São Vicente de Paulo.

São muitas as similaridades existentes entre as duas facções da elite ou com o grupo de elite que se separou: elas possuíam características socioeconômicas muito semelhantes, pois exerciam os mesmos campos profissionais. O projeto de desenvolvimento para Passo Fundo coincidia em várias situações, como, por exemplo, nas solicitações realizadas pela Associação Comercial junto aos políticos locais e estaduais. Esse grupo preocupou-se com o crescimento e progresso, ocupando intensamente os espaços sociais que faziam parte dessa dinâmica.

Os antagonismos apresentados nos campos social e cultural não interferiam na concretização do projeto de desenvolvimento por razões divergentes, justificadas na defesa e no posicionamento dos projetos sociais.

**Quadro da diretoria do Hospital de Caridade no período de 1914-1930.**

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Amador Cezar Sobrinho	Vice-superintendente da 6ª diretoria de 1919-1920				
Argymiro de Quadros	1º secretário da 1ª diretoria de 1914-1915	Pecuarista	Republicano	Participou da diretoria do Clube Pinheiro Machado	
Armando Araújo Annes	Presidente da 9ª diretoria de 1929-1932	Comerciante e proprietário da casa bancária	Eleito intendente municipal em 1924-1928 e interventor municipal em 1932-1934. (PRR) (PRL - 1932)	Participou da diretoria do clube Pinheiro Machado em 1927; participou da 1ª diretoria eleita do Clube União Comercial na Comissão de Contas em 1916.	
Barnabé Olmedo	Conselheiro administrativo da 9ª diretoria de 1929-1932	Comerciante, industrialista			
Eduardo Crossetti	Conselheiro administrativo na 9ª diretoria de 1929-1932	Industrialista (fábrica de torrefação de café)		Foi tesoureiro do Clube Pinheiro Machado	

Ernesto Falh	Vice-superintendente da 5ª diretoria					
Ernesto Shell Morsch	Vice-tesoureiro da 3ª, 4ª, 5ª e 6ª diretorias	Comerciante	PL	Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912; foi sócio e participou de diversas diretorias da Associação Comercial	Maçom	
Evaristo Wordell	Conselheiro Administrativo na 9ª diretoria					
Francisco Antonino Xavier de Oliveira	Presidente da primeira diretoria empossada, 1ª) 1914-1915; 2ª) 1915-1916 3ª) 1916-1917; 4ª) 1917-1918; 5ª) 1918-1919; 6ª) 1919-1920; 7ª) 1920-1921 diretorias; na gestão da 8ª diretoria foi homenageado sendo considerado sócio benemérito	Advogado, jornalista, escritor; Juiz distrital do município de 1912-1930	Republicano em 1912; integrou a Aliança Liberal em 1929-1930	Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912. Convidado para participar da Associação Comercial em 1921 como socio honorário por ter prestado relevantes serviços à causa comercial	Venerável entre 1909-1914; secretário em 1918-1919; orador em 1920-1925	

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Gabriel Bastos	1º vice-presidente da 1ª e da 11ª diretoria; foi membro do Conselho administrativo da 10ª diretoria	Comerciante, industrialista (setor madeireiro), jornalista, suplente do juiz distrital nos quadriênios 1908-1912 e 1920-1924; foi ativo colaborador do jornal <i>Eco da verdade</i> , <i>17 de junho</i> , <i>O Gaúcho</i> e <i>O Nacional</i>	Republicano (comissão executiva do PRR em 1914); foi intendente e vice-intendente em vários mandatos municipais	Fundador e presidente da 1ª diretoria da Associação Comercial em 1921-1922; também foi presidente em 1931-1933; atuando nessa associação. Diretor do Banco Popular de Passo Fundo; foi membro do Clube Pinheiro Machado, também participando da diretoria do mesmo;	Maçom
Guilherme Luper Filho	Foi 2º secretário da 5ª diretoria de 1918-1919				
Helmut Honrich	Presidente na 8ª diretoria de 1925 a 1928; 1º vice-presidente da 9ª diretoria de 1929-1932			Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912	



Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Irineu de Oliveira Goulart (continuação)					Adjunto do secretário em 1923-1924; 2º experto em 1924-1925
Ivo Barbedo	Vice-presidente suplente na 6ª diretoria de 1919-1920	Médico operador			
João Antônio Reichmann	Tesoureiro da 3ª diretoria		Federalista		Secretário de 1905-1910
João Baptista de Oliveira Mello	1º secretário da 4ª diretoria; do conselho administrativo da 7ª diretoria			Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912; participou da diretoria do clube Pinheiro Machado	
João Baptista Rotta	Conselheiro Administrativo da 7ª diretoria de 1921-1924	Comerciante (proprietário da Padaria Rotta)	(PRL -1934)	Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912; foi aceito como sócio da Associação Comercial em 1921	Chanceler em 1918-1919, 1921-1925

João Manoel Pereira	Adjunto do 2º secretário na 6ª diretoria de 1919-1920					
Joaquim Reichmann	Vice-superintendente da 3ª e 4ª diretoria	Proprietário do Cinema Central				
Jonathas dos Santos Magalhães	Vice-presidente da 1ª diretoria empossada e do conselho administrativo da 7ª diretoria eleita	Capitão do exército e Comerciante (setor de frigorífico)				Venerável em 1916-1925
Jorge Matlaeder	Adjunto do 2º secretário da 3ª e 4ª diretoria	Representou a firma Chaves e Almeida				
José Lucas Dias	Tesoureiro da 1ª diretoria empossada; da 1ª, 2ª, 3ª e 5ª diretoria eleita como 1º vice-presidente; da 4ª diretoria como suplente do vice-presidente	Capitão do Exército	Republicano			Orador em 1915-1916, em 1918-1919; 1916-1917

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
José Reichmann	Tesoureiro da 2ª diretoria de 1915-1916				
José Luiz de Carvalho Nobre	2º secretário da 1ª diretoria de 1914-1915				
Josino S. Marques	Superintendente da 6ª diretoria de 1919-1920	Industrialista e comerciante	Federalista (PL - 1930), Grêmio Nacionalista Flores da Cunha - 1933	Foi aceito como sócio da Associação Comercial em 1921	
Juvenal Multerno	Tesoureiro da 6ª diretoria de 1919-1920				
Luiz Bauer	Conselheiro administrativo da 8ª diretoria de 1925-1928	Gerente da Companhia Telefônica Rio-grandense			
Luiz Meira	1º secretário adjunto da 1ª diretoria de 1914-1915; 2º secretário da 2ª, 3ª e 4ª diretoria	Comerciante	Diretor do Tesouro Municipal na administração de Armando Annes em 1924-1928; filiado ao PRL em 1934	Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912	Adjunto de tesoureiro em 1920-1921; 1º diácono em 1921-22 e arquiteto em 1924-1925



Maximiliano Avila	1º secretário da 5 e 6ª diretorias; 1ª vice-presidente da 7ª diretoria	Comerciante	Grêmio Nacionalista Flores da Cunha-1933; PRL - eleito conselheiro municipal no período de 1924-1928	Participou da diretoria do clube Pinheiro Machado eleita em 1929 como bibliotecário e da 1ª diretoria do Clube União Comercial como 2º secretário	
Oswaldo Caminha	Secretário da 1ª diretoria de 1914-1915	Médico	Eleito conselheiro municipal no período de 1912-1916		
Pedro Lima	Adjunto do 1º secretário da 2ª diretoria de 1915-1916				
Pindaro Annes	2º secretário adjunto da 1ª diretoria; adjunto do 1º secretário na 2ª, 3ª, 4ª, 5ª e 6ª diretorias;	Contabilista, comerciante e jornalista;		Diretoria do sindicato dos Contabilistas em 1932; participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em	1º experto em 1921-1922; adjunto do orador em 1923-1924 e
Pindaro Annes <i>(continuação)</i>	1º vice-presidente na 8ª e 10ª diretorias; foi 2º vice-presidente na 9ª diretoria e presidente na 11ª diretoria	Procurador da Fazenda em 1913, no governo de Pedro Lopes de Oliveira		1912; participou da 1ª diretoria eleita do Clube União Comercial como 2º tesoureiro em 1916; foi sócio da Associação Comercial em 1921 e participou da elaboração de seus estatutos	1º experto em 1924-1925

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Samorim Barbosa	Conselheiro Administrativo da 8ª diretoria de 1925-1928; Adjunto do 2º secretário da 9ª diretoria de 1929/1932	Suplente do juiz distrital do município	Republicano		
Saul de Oliveira Cezar	Vice-tesoureiro da 2ª diretoria de 1915-1916			Participou da 1ª diretoria eleita do Clube União Comercial como presidente em 1916	
Theodorico Borges da Rosa	1º secretário da 3ª diretoria de 1916-1917	Comerciante e proprietário da Farmácia Theodorico Borges da Rosa	(PRL - 1934)	Participou de várias diretorias do Clube Comercial fundado em 1912	
Theodoro Ribas	Superintendente na 1ª, 2ª, 3ª e 4ª diretorias				

Ver novo quadro na página seguinte:

Quadro da diretoria do Hospital São Vicente de Paulo no período de 1918-1938.

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Alfredo Zimmermann	2º secretário da 2ª diretoria de 1919-1922				
Antônio Manoel Caminha	Vice-presidente da 1ª diretoria de 1918-1919	Médico e farmacêutico		Participou da diretoria da Sociedade São Vicente de Paulo como vice-presidente em 1916	2º vigilante em 1900
Atilio Corá (até agosto de 1918)	1º secretário da 1ª diretoria de 1918-1919		Auxiliar do tesouro na administração de Armando Annes em 1924-28	Secretário do Clube 14 de Julho	
Brasilício Lima	Conselheiro fiscal da 2ª diretoria de 1919-1922 e 3ª diretoria de 1922-1929;	Advogado secretário do intendente em 1913, no governo de Pedro Lopes de Oliveira	Foi membro do PRR e foi eleito conselheiro municipal no período de 1904-1908	Diretor do Jornal. A Época e da diretoria do Clube Pinheiro Machado; diretor do jornal O Gaúcho fundado em 11 de março de 1909	
Cantídio Pinto de Moraes	Conselho Fiscal da 4ª diretoria eleita 1929-1938	Comerciante	Republicano; integrante do diretório do Partido Republicano de Passo	Participou de várias diretorias do Clube Comercial, fundado em	

			Fundo - 1933	1912; foi eleito conselheiro municipal no período de 1920-1924; participou da diretoria do Clube Pinheiro Machado	Secretário em 1904
Claro Pereira Gomes	Conselho Fiscal da 3ª diretoria eleita 1922-1929	Industrialista no setor alimentício (torrefação e moagem de café e massas); também foi músico local	Republicano; Eleito conselheiro municipal por vários mandatos	Diretor do jornal O <i>Gaúcho</i>	
Constancinha Pereira	Conselheira fiscal da 1ª diretoria de 1918-1919			Integrante do Apostolado da Oração em 1918	
Franzina de Souza	Conselheira fiscal da 1ª diretoria de 1918-1919			Integrante do apostolado da Oração em 1918	
Henrique Scarpellini Ghezzi	Conselheiro fiscal da 4ª diretoria de 1929-1938)		PRR; foi eleito vice-intendente por dois mandatos, no período de 1924-1928 e no período de 1928-1932	Participou da diretoria da sociedade Beneficente Yolanda Margharita di Savoia, no período de 1925-1926; sócio do Hospital de Caridade até 1918; participou da diretoria do Clube Pinheiro Machado como	

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Henrique Scarpellini Ghezzi (continuação)				Vice-presidente em 1927; participou da Diretoria da Associação Comercial em 1924 como 1º secretário	
Herculano Trindade	Presidente na 1ª diretoria de 1918-1919, da 2ª diretoria de 1919-1922 e 3ª diretoria de 1922-1929; 1º Tesoureiro na 4ª diretoria	Comerciante e industrialista no setor alimentício (torrefação e moagem de café)	Republicano	Participou da 2ª diretoria do Hospital de Caridade no período de 1915/1916. Participou da diretoria da Sociedade "São Vicente de Paulo" como presidente em 1916; fundador da Associação Comercial	
Hermínio Biasuz	Conselho Fiscal da 2ª diretoria eleita 1919-1922; Conselho fiscal da 3ª diretoria eleita 1922-1929; Vice-presidente na 4ª diretoria.	Industrialista (família proprietária da Oficina Progresso)	Liga eleitoral católica - 1932	Participou da diretoria da Sociedade São Vicente de Paulo como tesoureiro em 1916	
Horizontina Garcez	Conselheira fiscal da 1ª diretoria de 1918-1919; 2º secretário da 3ª diretoria de 1919-1922			Integrante do Apostolado da Oração em 1918	

Jacinto Maria de Godoy	2º secretário da 4ª diretoria de 1929-1938					
João Floriani	Vice-presidente da 2ª diretoria de 1919-1922 e 3ª diretoria de 1922-1929				Foi aceito sócio* em 1924 da Associação Comercial	
João Nozari	2º secretário da 1ª diretoria de 1918-1919				Participou da diretoria da Sociedade São Vicente de Paulo	
José Petry	Conselheiro fiscal da 2ª diretoria de 1919-1922				Como 2º tesoureiro em 1916	
Júlio Edólo de Carvalho	2º Tesoureiro da 2ª diretoria de 1919-1922 e da 3ª diretoria de 1922-1929			Comissário da intendência em 1913, no governo de Pedro Lopes de Oliveira		
						2º vigilante em 1910-1911; 1º vigilante em 1911-1913; 1º vigilante em 1916-1917

Nome	Cargo e data	Profissão	Filiação partidária e atuação na política local	Participação em outras associações	Participação na maçonaria
Ludovico Della Méa	1º secretário da 1ª diretoria de 1918-1919; e da 4ª diretoria	Comerciante, industrialista (setor de moinho)	Republicano; Liga eleitoral católica -1932	Participou da diretoria da Sociedade Beneficente Yolanda Margharita di Savoia, no período de 1925-1926	
Madre Inocência	1º tesoureiro da 3ª diretoria de 1922-1929.	Religiosa			
Moreno Loureiro Lima.	2º Secretário	Médico		Integrante da Sociedade Vicentina da Igreja Católica	
Nascimento Rocha	2º Tesoureiro na 1ª diretoria			Participou da diretoria da Sociedade São Vicente de Paulo como 2º secretário em 1916	
Octacilio Ribas Vieira	Presidente	Engenheiro, trabalhou na Intendência na gestão de Armando Annes	Diretor da seção de obras da Intendência em 1925		







# Referências

ABRÃO, Janete Silveira. *Banalização da morte na cidade calada: a hespanhola em Porto Alegre*, 1918. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.

ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

ANTONACCI, Maria Antonieta. A Revolução de 1923: as oposições da República Velha. In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

AYRES, José Ricardo de C. M. *Epidemiologia e emancipação*. São Paulo; Rio de Janeiro: Hucitec-Abrasco, 1995.

AVILA, Ney Eduardo Possap d'. *Passo Fundo: terra de passagem*. Passo Fundo: Aldeia Sul, 1996.

AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BARROS, Roque Spencer M. A questão religiosa. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, 1985b, v. 6.

BERLINGUER, Giovanni. *Medicina e política*. São Paulo: Hucitec, 1987.

BERTOLLI FILHO, Claudio. *História da saúde pública no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2000.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília, 1999, 2 v.

BOEIRA, Nelson. O Rio Grande do Sul de Auguste Comte. In: DACANAL, José Hildebrando; GONZAGA, Sergius. *RS: cultura e ideologia*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

BRAGA, José Carlos de Souza; PAULA, Sérgio Góes de. *Saúde e previdência: estudos de política social*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

BURKE, Peter. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Júlio César de Moraes. Pseudo. Júlio Maria. *A Igreja e a República*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981, v. 9.

CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília:

Universidade de Brasília, 1981. CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHAGAS, Carlos. *Coletânea de trabalhos científicos*. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade febril – cortiços e epidemias na corte imperial*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

COLUSSI, Eliane Lucia. A fundação dos hospitais de Caridade e São Vicente de Paulo: um estudo dos conflitos entre maçonaria e igreja Católica em Passo Fundo – RS (1914-1920). *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*, Passo Fundo, anos 14 e 15, v. I e II, 1998/1999.

COLUSSI, Eliane Lucia. Aspectos da maçonaria em Passo Fundo (1876-1925). *Cadernos temáticos de cultura histórica*, Passo Fundo, n. 3, 1998.

COLUSSI, Eliane Lucia. *A maçonaria gaúcha no século XIX*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.

COLUSSI, Eliane Lucia; MATTOS, Marília (Org.). *Hospital da Cidade: 80 anos de história: 1914-1994*. Passo Fundo: Ediupf, 1994.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1986.

COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

- DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo – uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FALCON, Francisco. História das Idéias. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- FAY, Claudia Musa. O legado da Revolução de 1893. In: FLORES, Moacyr (Org.). *1893-1895: A Revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- FÉLIX, Loiva Otero. *História e memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- FERREIRA, Mariluci Melo. A trajetória política de Prestes Guimarães. *Cadernos temáticos de cultura histórica*, Passo Fundo, n. 6, 1998.
- FERRER BENIMELI, José Antônio. *La masoneria actual*. Sandanyola (Barcelona): AHR, 1977a.
- FLORES, Moacyr (Org.). *1893-1895: a revolução dos Maragatos*. Porto Alegre: Edipucrs, 1993.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1994.
- GEHM, Delma Rosendo. *Passo Fundo através do tempo*. Passo Fundo: Diário da Manhã, 1982. 3 v.
- HEINZ, Flávio M. Considerações acerca de uma história de elites. *Logos: Revista de Divulgação Científica – Especial de História e Política*, Canoas, v. 11, n. 1, maio 1999.
- HOCHMAN, Gilberto. *A era do saneamento*. São Paulo: Hucitec/Ampocs, 1998.
- HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ISAÍÁ, Artur César. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Edipucrs, 1998.
- LAQUEUR, Thomas W. Corpos, detalhes e narrativa humanística. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MATTOS, Marília. *Coronel Chicuta: um passo-fundense na Guerra do Paraguai*. Passo Fundo: Ediupf, 1997.
- MEDEIROS, Márcia Maria. Passo Fundo: política e economia na década de 1930. In: DIEHL, Astor Antônio (Org.). *Passo Fundo: uma história, várias questões*. Passo Fundo: Ediupf, 1998.
- MORAIS, João Francisco Regis de (Org.). *Construção social da enfermidade*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

MOURA, Sérgio Lobo de; ALMEIDA, José Maria Gouvêa de. A Igreja na Primeira República. In: FAUSTO, Bóris (Org.). *História geral da civilização brasileira*. São Paulo: Difel, v. 9.

OLIVEIRA, Francisco Antonino Xavier e. *Annaes do município de Passo Fundo*. Passo Fundo: UPF, 1990, 3 v.

OLIVEN, Ruben George. *Urbanização e mudança social no Brasil*. São Paulo: Vozes, 1994.

OSÓRIO, Joaquim Luis. *Partidos políticos no Rio Grande do Sul: período republicano*. Pelotas: Globo, 1930.

PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PESAVENTO, Sandra J. *História do Rio Grande do Sul*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

PESAVENTO, Sandra J. *República Velha gaúcha*. Porto Alegre: Movimento/ IEL, 1980.

RABELO, Miriam Cristina M. Religião, ritual e cura. In: ALVES, Paulo Cesar; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Saúde e doença: um olhar antropológico*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994.

RAGO, Margareth Luzia. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

REVEL, Jacques; PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Org.). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIZZOTO, Maria Lucia Frizon. *História da enfermagem e sua relação com a saúde pública*. Goiânia: AB, 1999.

ROSEN, George. *Uma história da saúde pública*. São Paulo: Hucitec: Editora da Universidade Estadual Paulista; Rio de Janeiro: Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, 1994.

SAYAD, Jane Dutra. *Mediar, medicar, remediar: aspectos das terapêutica na medicina ocidental*. Rio de Janeiro: UERJ, 1998.

SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada – história da medicina na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

SCLIAR, Moacyr. *Oswaldo Cruz*: Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

SINGER, Paul. *Prevenir e curar: o controle social através dos serviços de saúde*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1988.

SEVCENKO, Nicolau. *A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Scipione, 1999.

SOUZA, Célia Ferraz de; DAMASIO, Cláudia Pilla. Os primórdios do urbanismo moderno: Porto Alegre na administração Otávio Rocha. In: PANIZZI, Wrana M.; ROVATTI, João F. (Org.). *Estudos urbanos: Porto Alegre e seu planejamento*. Porto Alegre: Ufrgs/Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1993.

TEDESCO, João Carlos; KALLIL, Rosa Maria; DAL MORO, Selina Maria. Uma primeira aproximação do processo de urbanização na região de Passo Fundo: "Moço esta ida não vai ter volta"! *Teoria e evidência econômica*. Passo Fundo: Faculdade de Economia e Administração da Universidade de Passo Fundo, 1993.

TELAROLLI JUNIOR, Rodolpho. *Poder e saúde: as epidemias e a formação dos serviços de saúde em São Paulo*. São Paulo: Unesp, 1996.

TRINDADE, Héglio. Aspectos Políticos no Sistema partidário republicano Rio-grandense (1882-1937). In: DACANAL, J. H.; GONZAGA, S. (Org.). *RS: economia e política*. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

VAINFAS, Ronaldo. Caminhos e descaminhos da história. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Org.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília, 1978.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha; KHOURY, Yara Maria Aun. *A pesquisa em história*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

WEBER, Beatriz Teixeira. *As artes de curar: medicina, religião magia e positivismo na República Rio-Grandense – 1889-1928*. Santa Maria: UFSM; Bauru: Edusc – Universidade do Sagrado Coração, 1999.

WINOCK, Michel. As idéias políticas. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

## Locais de pesquisa

Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo – Passo Fundo/RS.

Arquivo do Clube Comercial - Passo Fundo/RS.

Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo.

Arquivo do Museu Histórico Regional- Passo Fundo/RS.

Associação Comércio Industrial Serviços Agropecuários – ACISA – Passo Fundo/RS.

Biblioteca Central da PUCRS. Porto Alegre/RS.

Biblioteca Central da Universidade de Passo Fundo - Passo Fundo/RS.

Biblioteca Médica da Universidade de Passo Fundo - Passo Fundo/RS.

Biblioteca Pública Municipal - Passo Fundo/RS.

## Fontes

Atas de reuniões da diretoria do Hospital de Caridade no período de 1914 a 1920, no Arquivo Histórico Regional.

Álbum das Amparadoras do Hospital de Caridade de 1918, no Arquivo Histórico Regional.

Atas do Hospital São Vicente de Paulo – Livros n. 1. e n. 4 (1918 a 1928), no Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo.

Boletim do Hospital São Vicente de Paulo – 1918-1919, no Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo.

Folha Vicentina – 1920 a 1922 no Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo, no Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo.

Relatório da Sociedade Hospitalar Beneficente São Vicente de Paulo, do Conselho Central Diocesano da Sociedade São Vicente de Paulo, no cinquentenário do Hospital São Vicente de Paulo. Passo Fundo – 1918 – 1968, no Arquivo do Hospital São Vicente de Paulo.

Atas das reuniões da Associação Comercial de Passo Fundo no período de 1921 a 1928, na Associação Comercial, Industrial de Serviços Agropecuários.

Relatórios da Intendência Municipal no período de 1909 a 1921, no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo.

Livro de registros de sepultamentos do cemitério público no período de 1909 a 1926, no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo.

Jornal *O Nacional*, no período de 1925-1928, no Arquivo Histórico Regional da Universidade de Passo Fundo.

Atas de reuniões do Clube União Comercial, no período de 1912-1928, no arquivo do Clube Comercial.







Ampliação do Hospital de Caridade de Passo Fundo. Década de 1920.



Cenas do desenvolvimento. Passo Fundo. 1920.



Cenas do desenvolvimento. Passo Fundo. 1920.



Loja Maçônica. Passo Fundo. 1900.

**A** autora “abriu uma janela” para as décadas de 1910 e 1920 em Passo Fundo, destacando a formação das instituições hospitalares que, não por acaso, colaboraram para a cidade tornar-se referência na área médica, tanto estadual quanto nacional e internacionalmente.

Aquela época é vista com suas enfermidades, preocupações com serviços de higiene e medicamentos para a população, mortes sem assistência e a chegada da influenza espanhola, com ampla mobilização da sociedade contra a avassaladora epidemia. Indo além de suas fontes, com feeling apurado, a obra revela que na história da criação dos hospitais locais havia muito mais detalhes. Nesse ponto é que brilha a historiadora cuidadosa no exercício da interpretação, revelando acertos e desacertos que uma causa nobre pode envolver e os conflitos inter-elitários nos espaços da saúde e, ainda, caracterizando os grupos envolvidos na organização dos hospitais: a igreja católica e a maçonaria (confronto entre clericalismo e laicismo, os pilares onde se assentavam as estratégias de consolidação desses grupos).

Luísa nos brinda com passagens preciosas, como a discussão que se mantém sobre a diferença entre filantropia e caridade. Do lado do Hospital de Caridade, o grupo ligado à maçonaria externava que “a caridade de luvras de pelica é suave e conforta o coração, confrange o espírito, mata as ilusões e enjoa o estômago”, numa crítica à maneira que o catolicismo conduzia a questão. Por seu turno, os católicos do Hospital São Vicente de Paulo reivindicavam que a caridade verdadeira constituía “patrimônio exclusivo do cristianismo, máximo da religião católica.” Por

fim, e talvez mais importante, é preciso salientar que, na área da história das idéias, estamos diante do registro de uma tarefa bem sucedida.

(prof. Dra. Ana  
Luíza Setti  
Reckziegel)



Hospital São Vicente de Paulo, Passo Fundo. Década de 1930.

ISBN 978-85-89769-41-9



9 788589 769419

meritos

editora

www.meritos.com.br